

CLARISSA ALVES DE NOVAES

**EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO OFÍCIO DE COSTUREIRA E SUA  
CONFIGURAÇÃO EM ATELIÊS DE COSTURA DE VIÇOSA - MG**

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal de Viçosa,  
como parte das exigências do  
Programa de Pós-Graduação em  
Economia Doméstica, para obtenção  
do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS – BRASIL  
2016

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa

T

N935e  
2016  
Novaes, Clarissa Alves de, 1982-  
Evolução histórica do ofício de costureira e sua  
configuração em ateliês de costura de Viçosa-MG / Clarissa  
Alves de Novaes. – Viçosa, MG, 2016.  
viii, 103f. : il. ; 29 cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndice.

Orientador: Amélia Carla Sobrinho Bifano.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.84-97.

1. Costura - Viçosa (MG) - História. 2. Vestuário -  
Confecção - Trabalho. I. Universidade Federal de Viçosa.  
Departamento de Economia Doméstica. Programa de  
Pós-graduação em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22. ed. 646.20928151

CLARISSA ALVES DE NOVAES

**EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO OFÍCIO DE COSTUREIRA E SUA  
CONFIGURAÇÃO EM ATELIÊS DE COSTURA DE VIÇOSA - MG**


Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 04 de março de 2016.




---

Rui Gonçalves de Souza



---

Rita de Cássia Pereira Farias  
(Coorientadora)



---

Amélia Carla Sobrinho Bifano  
(Orientadora)

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho de pesquisa somente foi possível graças ao apoio e envolvimento de pessoas que acreditaram na sua concretização. Meu agradecimento a elas.

A Jesus, pela fé e esperança.

Ao meu filho, Antônio Lucas, que, com paciência, amor e sorriso, encheu meus dias de esperança e força para seguir em frente.

Aos meus pais, Maurício e Maria Angélica, pelo suporte, carinho e apoio incondicionais, mostrando-me os reais valores da vida e sendo exemplos de seres humanos.

À vó Nely, por tanto carinho, incentivos, rezas e promessas a Nossa Senhora, para que a graça deste mestrado fosse alcançada.

Aos meus irmãos, Rodrigo e Gabriela, ao meu sobrinho Theo, à minha cunhada Jamile, aos tios e primos pelo estímulo e carinho.

Aos queridos amigos Cirilo, Solange, Tiago, Diego e Sthéfany, pela paciência, pelo apoio e por cuidarem tão bem do meu filho nos momentos em que precisei me ausentar para estudos ou trabalho.

À professora Dr<sup>a</sup> Amélia Carla – por ter sido minha orientadora, pelas muitas contribuições, ensinamentos, pelas propostas de estudos, atenção e acessibilidade nos momentos em que precisei de ajuda –, agradeço pelo carinho e pela paciência.

À professora Dr<sup>a</sup> Rita Farias, pela colaboração nas correções, leituras e novas propostas de estudo.

Aos amigos de trabalho Rui e Natalino, por acreditarem em meu trabalho e me apoiarem neste processo de aprovação do mestrado.

Aos amigos e amigas que participaram de toda essa trajetória, que tiveram paciência para me ouvir nos momentos difíceis e que vibraram a cada conquista; em especial, aos amigos Jeane, Débora, Cecília, Aline, Caroline e José Carlos.

Aos amigos de luta do Mestrado; especialmente a Tatiana, Marli, Flávia Leão e Jordana.

Às costureiras que fizeram parte da pesquisa, por sua disponibilidade e valiosa contribuição.

Aos amigos, colegas e alunos do curso Tecnologia em *Design* de Moda e Orientação Comunitária do Instituto Federal Sudeste de Minas, *campus* Muriaé.

## BIOGRAFIA

CLARISSA ALVES DE NOVAES, filha de Maria Angélica Alves da Silva Souza e Maurício Novaes Souza, nasceu no dia 09 de agosto de 1982, na cidade de Castelo, Espírito Santo. Graduou-se em Economia Doméstica, pela Universidade Federal de Viçosa, em agosto de 2007. Em 2008, concluiu o curso de pós-graduação na área de Moda, Cultura de Moda e Arte, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora concursada do Instituto Federal Sudeste de Minas, *campus* Muriaé, em janeiro de 2010, desenvolveu proposta de estudo que, submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, foi aprovada, tornando-a aluna regular da turma de 2013. O resultado final desse estudo é apresentado nesta dissertação.

## SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....	v
LISTA DE QUADROS.....	vi
RESUMO.....	vii
ABSTRACT .....	viii
1. INTRODUÇÃO GERAL .....	1
CAPÍTULO 1: TRABALHO E HISTÓRIAS DE VIDAS DE COSTUREIRAS EM VIÇOSA - MG.....	6
1.1. Breve história do Trabalho .....	6
1.2. Trabalho e Capitalismo.....	12
1.3. As costureiras de ateliês do município de Viçosa - MG.....	14
1.3.1. Trajetórias de vida das costureiras .....	17
1.3.2. Funcionamento atual dos ateliês de costura em Viçosa - MG.....	22
1.3.3. Organização física .....	22
1.3.4. Organização do tempo.....	26
1.3.5. Organização das atividades .....	31
1.3.6. A dinâmica entre as atividades domésticas e o ofício de costureira.....	40
CAPÍTULO 2: COSTUREIRAS DE MODA EM VIÇOSA - MG E SEU OFÍCIO. ....	44
2.1 A oferta de moda em Viçosa.....	45
2.3. Dupla jornada de trabalho feminino .....	49
2.4. As costureiras e a moda no Brasil.....	50
2.5. Sobre cotidiano das costureiras .....	52
CAPÍTULO 3: COSTUREIRAS VIÇOSENSES ENTRE UM APRENDIZADO TRADICIONAL E AS NOVAS DEMANDAS DA MODA CONTEMPORÂNEA ....	62
3.1. Costurando saberes.....	63
3.2. As costureiras no contexto da bricolagem de moda .....	67
3.3. Cotidiano da costura.....	69
3.3.1. Aprendendo o ofício da costura.....	69
3.3.2. Transformações no trabalho de costureira em função do mercado .....	73
3.3.3. Mudanças no vestir e na localização: as novas implicações no trabalho das costureiras.....	74
3.3.4. A procura do consumidor pelo serviço em ateliês de costura .....	76
3.3.5. A procura das costureiras por clientes e fidelização.....	78
REFERÊNCIAS .....	84
ANEXO A – Comprovante de Envio do Projeto do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa - UFV .....	98
ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa - UFV .....	99
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE .....	102

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ATP</b>	Associação Têxtil e Vestuário de Portugal
<b>CEP</b>	Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa - UFV
<b>CLT</b>	Consolidação das Leis do Trabalho
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>INSS</b>	Instituto Nacional de Previdência Social
<b>IPEA</b>	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
<b>OIT</b>	Organização Internacional do Trabalho
<b>PNUD</b>	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>UFV</b>	Universidade Federal de Viçosa

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 - Síntese da caracterização socioeconômica das participantes.....	16
--	----



## RESUMO

NOVAES, Clarissa Alves de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2016. **Evolução histórica do ofício de costureira e sua configuração em ateliês de costura de Viçosa - MG.** Orientadora: Amélia Carla Sobrinho Bifano. Coorientadora: Rita de Cássia Pereira Farias.

Estuda-se o contexto histórico do ofício de costureira e os símbolos envolvidos no cotidiano e no trabalho de mulheres que exercem informalmente esse ofício. Para tanto, adota-se metodologia, com delineamento qualitativo: estudo de caso. A pesquisa foi realizada com três costureiras que aprenderam o ofício com ascendentes do sexo feminino e eram proprietárias de ateliês na cidade de Viçosa - MG, inseridas no comércio varejista informal que, além da atividade laboral, eram mães e chefes de famílias. Historicamente, coube à mulher o papel da reprodução, cuidando dos filhos e da casa, em afazeres nos quais a costura estava inserida. Com o advento da Revolução Industrial e a evolução da produção em massa, as costureiras foram para as fábricas. Entretanto, a padronização das peças nem sempre atende às especificidades dos corpos. Dessa forma, os consumidores frequentemente têm recorrido a costureiras para reformarem e adequarem as peças, o que levou ao surgimento de um novo nicho de mercado: as costureiras de ateliês que customizam peças do vestuário. Esse nicho mercadológico foi absorvido, principalmente, por mulheres e se tornou opção de fonte de renda. Entretanto, muitas delas têm dedicado a esse ofício, sem abandonar o trabalho doméstico, o que se configura dupla jornada de trabalho. Embora esse ofício esteja ligado à lógica de mercado, ele não se limita ao lucro, porque também se relaciona ao prazer, à satisfação pessoal e profissional. Os trabalhos realizados nos ateliês se diferenciam entre si, uma vez que cada costureira tem a sua própria história de vida, aprendeu a exercer o ofício de uma forma específica e tem uma organização e trabalho que a diferencia, evidenciando, assim, a dinamicidade e diversidade configuracional do ofício, já que o cotidiano e as atividades de trabalho de cada uma delas são de natureza contextual, histórica e social.

## ABSTRACT

NOVAES, Clarissa Alves de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2016. **Historic Evolution of the Dressmaker's Craft and its Setting in Sewing Workshops in Viçosa – MG.** Adviser: Amélia Carla Sobrinho Bifano. Co-adviser: Rita de Cássia Pereira Farias.

This master's thesis investigates the historic context and the symbolism involved in the everyday life and working activities of women who work informally as dressmakers. For this purpose, a qualitative research – qualified as a case study – was carried out with three dressmakers who learned their craft from their female ascendants and are sewing workshops' proprietors in the city of Viçosa - MG, inserted in an informal retail market, who are also heads of households. Historically, women were raised for the purpose of reproduction, to take care of their children and homes, inserted into environments where sewing activities were natural tasks. With the advent of the Industrial Revolution, the development of mass production, the dressmakers went to industries. However, the standardization of pieces does not fit all human bodies' requirements. Then, consumers often look for dressmakers to reshape and customize garments, and it required a new market niche: dressmakers who worked in workshops to customize clothing details. This market niche was mainly absorbed by women, and it becomes an option for income. However, many of them dedicate themselves to this craft, but do not abandon their work at home, and, so, they take a double work shift. This craft operates under a market logic, notwithstanding, it does not limit itself to profit, since it can be seen that their craft provides the dressmakers with pleasure, personal and professional satisfaction. Their work in their workshops is diversified, though each dressmaker has her own life story, has learned the craft in a specific way, and has her own work organization, which highlights the dynamic characteristics of the learning process inherent to this craft, of everyday life and the working activities of each professional, which is contextually, historically, and socially based.

## 1. INTRODUÇÃO GERAL

Esta pesquisa trata do trabalho das costureiras, as transformações que ocorreram na organização do trabalho feminino ao longo dos anos e, conseqüentemente, a repercussão dessas mudanças tanto na vida familiar e social das costureiras, associado ao processo de transformação da confecção do vestuário, considerando-se um contexto específico, de costureiras que têm ateliês em Viçosa - MG. O interesse por esta temática deve-se à minha condição de professora do curso de Tecnologia em *Design* de Moda do Instituto Federal Sudeste Minas Gerais, *campus* Muriaé, e sob a perspectiva acadêmica de bacharel em Economia Doméstica, tive o contato com disciplinas relacionadas à área de vestuário e têxteis.

Estudos sobre o trabalho das costureiras revestem-se de importância, porque as mulheres sempre estiveram envolvidas em atividades que, embora consideradas essenciais para a sobrevivência e para a manutenção do bem-estar dos membros das suas famílias, nem sempre são valorizadas como trabalhadoras. Entende-se que esta pesquisa fornece subsídios para o ensino desse ofício que tem uma dinâmica muito significativa, envolvendo questões das práticas laborativas na indústria da moda, implicando problemas de natureza prática a serem entendidos, estudados e resolvidos, sendo mister reconhecer que “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (MINAYO, 2007, p. 17).

Desse modo, a análise ora realizada contempla esse trabalho, visando apresentar a indústria de moda além das questões midiáticas: primeiramente, posto que, para se estudar o trabalho das costureiras, é preciso entender exatamente o que se considera trabalho e quais as dimensões que o seu conceito pode assumir, social e historicamente; e, posteriormente, que as “formas de trabalho” conhecidas hoje são resultados de processos históricos diversos, que precisam ser minimamente situados; além disso, é preciso entender – tendo como cenário a categoria gênero –, de que forma o trabalho é historicamente atribuído às mulheres e quais as implicações dessa relação (ser mulher e trabalhadora) para as formas de organização contemporânea do trabalho (seja ele doméstico ou não doméstico; remunerado ou não remunerado; formal ou informal). Só após perfazer esse caminho será possível abordar, com metodologia científica e com fundamento na realidade e em parâmetros teóricos adequados, a proposta deste estudo, que busca compreender as dinâmicas inerentes à organização do trabalho feminino realizado em pequenos ateliês de costura do município de Viçosa - MG.

Essa relação entre sujeito e trabalho vai ao encontro dos estudos de Martins e Eidt (2010), que definem trabalho como uma “atividade especificamente humana”, que se “efetua em condições de atividade comum coletiva, do modo de que o papel do homem no seio desse processo não é determinado apenas pela sua relação com a natureza, mas com outros homens, membros de uma determinada sociedade” (MARTINS e EIDT, 2010, p. 3). Assim sendo, o trabalho faz parte do cotidiano humano, sendo fenômeno complexo e com diversas funções.

Os processos históricos são fatores primordiais do ser social, com raiz na atividade humana, sendo o trabalho parte fundamental dessa sociabilidade, porque ele constitui o homem e, além disso, é constituído pelas ações que o determinam, como “ [...] atividades capazes de nutrir a criatividade individual e definir os próprios fins” (TODAI JÚNIOR, 2012, p. 7). O ser humano se socializa por meio de suas funções, de suas atividades do trabalho, transforma seus ambientes e por eles – trabalho e ambiente – é transformado, estabelecendo-se, assim, uma relação dialética com a sua própria existência. Dessa forma, se socializa e transforma os seus ambientes (BERGER; LUCKMANN, 2006; CUNHA, 2010; RORIZ, 2010).

O tema trabalho, nesta pesquisa, tem como primeira lente teórica os estudos de Baccega (2000, p. 14) e Cunha (2010, p. 642), que utilizam da base etimológica que entende ser esse vocábulo de origem no verbo latino *tripaliare* (torturar), derivado de *tripalium*, instrumento de tortura de três paus que também era utilizado, na cultura de cereais, como instrumento de colheita e para debulhar grãos. Essa ideia de sofrimento vem do sentido de “esforçar-se, lutar, pugnar”, assim como de “ocupar-se em algum mister, exercer o seu ofício”, que se entende como algo intencional, que trará resultados positivos, sendo que os conceitos e as atividades de trabalho sofreram modificações sociais e históricas.

Dessa forma, busco, neste trabalho, compreender, em comparação com o modo de produção industrial e capitalista, o universo do ofício de mulheres que trabalham em ateliês de costura, buscando se adequar à realidade do mercado, a fim de obter renda para a sua manutenção pessoal e familiar.

Esse estudo tem abordagem qualitativa, a partir das trajetórias sociais e de trabalho das costureiras que trabalham, como autônomas, em seus ateliês, no centro da cidade de Viçosa - MG.

A direção metodológica assumida neste estudo se coaduna com o conceito de metodologia da pesquisa de Minayo (2007, p. 14-16), que se revela entre o pensamento e a prática intermediada pela realidade, onde estão presentes o método, as técnicas e as

subjetividades do entrevistador, como “a experiência, a capacidade pessoal e a sensibilidade” (MINAYO, 2007, p. 17). Minayo entende a pesquisa, realizada dessa forma, como subsídio para o ensino que dinamiza a realidade mundial, porque “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”. Já quanto à teoria, pondera que os conhecimentos são elaborados cientificamente sobre um tema, com olhares de outros estudiosos, antes da observação do tema pelo pesquisador. Discorre que, embora as teorias sejam interpretações dos processos vividos, nenhuma teoria, mesmo que seja bem elaborada, dá conta de explicar ou decodificar todos os fenômenos e processos existentes no mundo social.

De acordo com a abordagem qualitativa de Ludke e André (2013), para a realização do trabalho de campo, deve-se ter um registro de campo, dos conteúdos observados e, portanto, esses devem ser detalhados, considerando-se todos os seus aspectos, tais como: a descrição dos sujeitos; reconstrução de diálogos; descrição de locais; descrição de eventos especiais; descrição das atividades; e os comportamentos do observador. Já as características mais reflexivas devem considerar as reflexões analíticas e metodológicas, dilemas éticos e conflitos, mudanças nas perspectivas do observador; e esclarecimentos necessários (LUDKE; ANDRÉ, 2013, p. 31).

Sobre o estudo de caso, Ludke e André (2013) afirmam que ele se apresenta de três formas: a) aberta e exploratória; b) sistemático nas coletas de dados; e c) baseado na análise, na interpretação e na elaboração de um relatório.

A fase exploratória se dá em todo processo e se delimita no decorrer da pesquisa. As questões são consideradas importantes ou não, na medida em que “são explicitadas, reformuladas ou abandonadas” (LUDKE; ANDRÉ, 2013, p. 21). Já a delimitação do estudo se dá à medida que são elencados os problemas, e o foco da pesquisa são os conflitos relevantes observados para, na conclusão, se alcançar a compreensão completa do tema estudado.

Para os registros das observações, considero a forma escrita mais prudente, por essa prática estar mais próxima da realidade da pesquisadora; neste sentido, optei pela realização do registro feito nesta pesquisa.

Para a coleta de dados, utilizei, predominantemente, a entrevista – instrumento mais utilizado nas Ciências Sociais – técnica que preconiza respeito ao sujeito pesquisado, assim como aos seus espaços e à interação estabelecida entre pesquisador e pesquisada, de reciprocidade. Como vantagens da entrevista, pondera que o observador consegue assimilar a informação desejada, seja de assuntos pessoais ou as de complexidade da natureza. De acordo

com Gressler (2004), como a entrevista possibilita obter dados dos mais diversos aspectos da vida social; pode-se, com ela, aprofundar no conhecimento do cotidiano e no comportamento do sujeito oferece maior flexibilidade à investigação, com observação do tom de voz, de olhares, pausas e ênfases das respostas dadas.

Dessa forma, utilizei, para a presente pesquisa, a entrevista semiestruturada no centro da questão. A entrevista semiestruturada, “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LUDKE; ANDRÉ, 2013, p. 34). Em função disso, Ludke e André chamam atenção para a importância e a consideração que se deve ter com relação ao entrevistado. O respeito ao entrevistado se dá nas organizações dos horários, nos locais, nos materiais destinados e, principalmente, nos assuntos tratados, considerando-se que as respostas apresentadas estão relacionadas aos valores e universos vividos pelos sujeitos entrevistados.

Na tentativa de compreender as questões apresentadas, o objetivo geral desta pesquisa foi estudar a atividade de trabalho das costureiras que prestam serviços de ajustes e customização em ateliês de costura na cidade de Viçosa- MG e o significado deste trabalho para as mesmas.

Especificamente, pretendeu-se:

- Compreender historicamente o trabalho e a vida das costureiras que trabalham em ateliês na cidade de Viçosa – MG;
- Analisar a dinâmica do desenvolvimento do trabalho das costureiras nos ateliês;
- Estudar a construção dos saberes relacionados aos ofícios por essas mulheres e o significado deste trabalho em sua vida;

Esta dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro deles estuda a evolução histórica do ofício de costureira e a sua atual configuração nos ateliês de costura da cidade de Viçosa - MG, descrevendo o ambiente, a organização do trabalho e a dinâmica de sua organização, bem como os conhecimentos exigidos tanto de saberes ligados à costura para reformas e consertos quanto ao feitiço da peça por completo.

O segundo capítulo analisa o mercado de Viçosa - MG com foco na informalidade e dupla jornada de trabalho no cotidiano das costureiras de ateliês de costura. Estuda, também, o significado do trabalho de costurar, procurando responder questões relativas à sua valorização, independência e autonomia, bem como à administração das atividades relativas ao âmbito doméstico, e tece considerações sobre a trajetória da moda no Brasil.

O terceiro capítulo, intitulado “A moda contemporânea e a nova configuração dos ateliês de costura em Viçosa - MG”, aborda a história da construção dos saberes relacionados ao ofício de costureiras em trabalho de ajustes e de customização a partir da história contada sobre como se deu o seu aprendizado. O consumo de moda e a relação entre costureira e consumidor em seu cotidiano também são temas deste estudo.

## CAPÍTULO 1

### TRABALHO E HISTÓRIAS DE VIDAS DE COSTUREIRAS EM VIÇOSA - MG

A observação das atividades econômicas das costureiras e a relação com seus clientes, alvo deste estudo, vai ao encontro ao pensamento de Certeau (1994) que, em seu livro *A invenção do Cotidiano: artes de fazer*, aborda o cotidiano, tendo como objeto de análise o pensamento mítico e seu sujeito consciente, a razão, o humanismo e o existencialismo. Com seus estudos, Certeau (1994) identifica, nesse livro sobre o cotidiano, a afirmação da vida, a relação com o outro como algo divino, assim como o entendimento e a aproximação com o outro. De acordo com Saliba (2009):

[p]rofundamente insatisfeito com as teorias sociais, que pintam o quadro de uma sociedade estruturada em papéis abstratos e estereótipos, Certeau procura esboçar uma teoria das práticas cotidianas e identificar uma espécie de lógica operatória nas culturas populares. Lógica do avesso e da teimosia, fundada quase que apenas no real, pois recusa a escrita como espaço da dominação e do controle; lógica do informal, porque utiliza suas táticas conforme as estratégias dos outros; lógica do instável, porque, sem qualquer ponto de ancoragem emocional busca, afinal, a própria sobrevivência (SALIBA, 2009, p. 163).

Antes mesmo de desvendar os processos de bricolagem e histórico sobre como, tradicionalmente, é formada a profissional costureira em Viçosa, Minas Gerais, é oportuno traçar um panorama histórico da natureza do trabalho. Sendo assim, busco pontuar, a seguir, na Antiguidade Clássica, o início dessa perspectiva histórica.

#### 1.1. Breve história do Trabalho

Na Antiguidade Clássica, a atividade de trabalho era considerada algo degradante e destinada aos pobres, que viviam vagando pela cidade, tornavam-se escravos e eram organizados, de diversas formas, como forças “policiais”, como também aqueles que trabalhavam em campos e minas, bem como os que eram mais habilidosos e se ocupavam de serviços artesanais. Assim, havia a separação entre a atividade braçal e atividade intelectual, sendo o trabalho escravo considerado inferior e degradante (MORAES, 2008; BARBOSA, R. N. C., 2010; RORIZ, 2010).



O trabalho da costura assumiu diferentes formas de organização, de acordo com o contexto sócio-histórico em que esteve inserido. Até o início da Idade Média, a terra era o principal meio de produção, sendo a agricultura a principal atividade desenvolvida. Com o desenvolvimento das cidades, por volta dos séculos XII e XIII, formou-se um mercado pequeno e estável, constituído por habitantes urbanos, possibilitando a diversificação de atividades, entre as quais se destacava o artesanato (SAVIANI, 1998; 2007).

Na sociedade feudal, a escravidão já não era tão visível, a força de trabalho tinha hierarquias e as divisões econômicas e políticas eram organizadas por feudos, aldeias e burgos. Nessa época, a religião era dominadora e constituía o centro do poder. Por isso, o trabalho era socialmente visto como castigo, que deveria ser aceito, pois era considerado como uma vontade divina (BARBOSA, R. N. C., 2010; RORIZ, 2010).

Na Idade Média, ocorreu a “transformação do regime do trabalho” (BARBOSA, R. N. C., 2010, p. 53); o servil assumiu outras formas e valor da força de trabalho dos homens, com nova configuração de economia. Surgiu, então, o sistema capitalista de produção, no qual o trabalho era controlado pelo capital; o real valor que a sociedade cobrava das pessoas era o trabalho (BARBOSA, R. N. C., 2010; RORIZ, 2010).

No período medieval, predominava o modelo de produção artesanal, organizado em corporações de ofício. A produção artesanal era basicamente familiar e residencial, uma vez que o local de trabalho coincidia com o ambiente doméstico e as pessoas envolvidas na produção faziam parte de um grupo que, apesar de não ser constituído apenas por pessoas vinculadas por laços de sangue, podia ser considerado familiar, porque dentro dele estabeleciam-se relações de confiança, de respeito e de socialização (PROST, 2012).

As mulheres raramente eram aceitas como membros das corporações e de associações de mestres, embora participassem de atividades relacionadas à limpeza, alimentação e organização, bem como à produção de tecidos e vestes. Em alguns setores, como os da fiação da seda e de bordados, as associações eram formadas, em sua maioria, ou até exclusivamente, por mulheres. Entretanto, a grande massa trabalhadora não era integrada às corporações e, portanto, o seu processo de aprendizagem acontecia de modo simples, por meio da imitação de suas avós, mães tias ou irmãs mais velhas (SENNETT, 2012; SILVA, 2009). Silva (2009, p. 57) acrescenta que “a posição de destaque das mulheres no mundo do trabalho dependia, pois, da sua possibilidade de trabalharem em casa: prosperavam quando o local de trabalho e a casa eram um só”.

Contudo, após a crise feudal, com a ascensão e o domínio da atividade de comércio, o conceito de trabalho apresentou novos contornos, passando ele a ser considerado virtude. Assim, o homem seria reconhecido por suas conquistas, porque seria pelo trabalho que se chegaria ao êxito, podendo o trabalhador ascender de classe social (BARBOSA, R. N. C., 2010; RORIZ, 2010).

Além das transformações do conceito de trabalho, ocorreram, também, as transformações da atividade de trabalho. No início da história da Humanidade, ele era realizado artesanalmente; ou seja: “atividade produtiva de certo produto realizado manualmente, ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, apuro técnico, engenho e arte” (REGO, 2012, p. 194). Dessa forma, os artesãos detinham o conhecimento de todo o processo produtivo e os ofícios eram realizados em guildas<sup>1</sup>, onde eram passados seus conhecimentos entre as gerações, sendo uma atividade familiar. O conceito de trabalho estava relacionado às capacidades produtivas, ao conhecimento do ofício (ALVES, 2007).

A atividade de trabalho se transformou, ao longo da história, do artesanal para o industrial. Com o tempo, o que antes era percebido como sacrificante passou a ser uma forma de reconhecimento pessoal e econômico, e o trabalho passou a ser visto como mercadoria, que podia ser trocada no mercado (ANTUNES, 2009; AMORIM, 2011).

Essas transformações no “mundo do trabalho” marcaram a transição de um modo de produção artesanal, basicamente familiar e residencial, para um modo de produção desenvolvido em um ambiente industrial e movido pela introdução de novas tecnologias que possibilitaram a produção em massa e em grande escala, provocando mudanças tanto no sistema de produção artesanal quanto no universo doméstico (LIMA, 2003, 2006; CANCLINI, 2008; FELIZARDO, 2010; MARQUESAN e FIQUEIREDO, 2014; SILVA, 2014).

Historicamente, o papel da mulher esteve relacionado aos cuidados com o lar, sendo ela responsável pela reprodução e pelos cuidados com os filhos, sendo considerada pelo homem como frágil e incapaz. Diante dessa estrutura patriarcal, as mulheres ficaram restritas às atividades domésticas e submissas aos seus cônjuges (FÉRES-CARNEIRO, 2005).

Reforçando as diferenças de gênero, o discurso da Igreja era no sentido de que a mulher deveria ter obediência ao pai, ao marido e à religião, dedicando-se somente à sua casa e à Igreja Católica. Dessa forma, escolas administradas pela Igreja ensinavam técnicas

---

<sup>1</sup> Chamadas, também, de corporações de ofícios, eram associações formadas por artesãos.

manuais e domésticas, enfatizando que a felicidade feminina estaria condicionada a uma vida de devoção ao lar. Essa repressão religiosa do passado contribuiu para que as mulheres, ao longo dos tempos, aumentassem seu desejo por necessidades intelectuais, físicas e morais, lutando por direitos iguais, provocando transformações significativas nas suas vidas e nas das suas famílias (CANCLINI, 2006).

A partir do século XV, diante da intensificação da produção de mercadorias, houve o aumento da demanda por produtos têxteis, principalmente devido às variações da moda, ao gosto pelo luxo e à necessidade de as pessoas de se diferenciarem a partir das roupas. Tudo isso exigiu o aumento da produção e aperfeiçoamentos técnicos e, conseqüentemente, a reorganização da atividade. Dessa forma, os tecidos domésticos, produzidos em pequena escala para o uso da família, praticamente desapareceram (SILVA, 2009; SENNETT, 2012). Sendo assim, os mestres e trabalhadores masculinos assumiram a produção em maior escala e a participação das mulheres, tanto na fabricação de tecidos quanto nas atividades de costura, diminuiu. Perante as mudanças ocorridas no modo de produção, à medida que a atividade se separava dos espaços domésticos, as mulheres ficavam impedidas de acompanhar essas mudanças, porque eram responsáveis pelos cuidados da casa e pela criação dos filhos (SILVA, 2009).

No século XVI, apesar de reconhecidas no trabalho de costura fina, as mulheres não eram consideradas criativas e não buscavam novas tecnologias. Eram hábeis com as mãos e caprichosas, mas não tinham a oportunidade de se tornarem mestres-alfaiates, alfaiates diaristas ou aprendizes, criadoras de estilo, de corte e de acabamento. Em casa, faziam a costura básica ou atendiam encomendas e se destacavam pelos bordados, pelos feitos de laços e pelos acessórios mais elaborados. Então, as guildas das modistas ocupavam-se do feitiço de roupas femininas e a maior procura e o uso de rebuscamento na roupa eram destaques, enquanto as guildas dos alfaiates se destinavam ao vestuário masculino, com roupas de estilo austero (HOLLANDER, 1996).

Antes da entrada das costureiras nas guildas, no século XVI, quem fazia todo o trabalho era o alfaiate; suas guildas eram tão importantes quanto quaisquer outras instituições de artesanatos e profissionais. Os alfaiates contratavam as costureiras como empregadas, para que elas fizessem os serviços de acabamento, de ornamentação e de costuras. As costureiras domésticas eram, por vezes, responsáveis por tarefas relativas aos vestuários, de roupas domésticas, infantis e peças íntimas, considerado simples e de menor valor, comparativamente ao do alfaiate masculino (HOLLANDER, 1996; MARIANO, 2011).

Nesse sentido, um marco a ser destacado foi a criação da guilda de alfaiates femininos, em 1675, na França, no reinado de Luís XIV, para confeccionar roupas para mulheres. Esse acontecimento repercutiu por toda a Europa e, a partir daí, as mulheres passaram a vestir as mulheres e, os homens, a vestir os homens, sendo a alfaiataria masculina a respeitável e, a das mulheres, a “moda”, considerada frívola e superficial (HOLLANDER, 1996).

Já no século XVIII, a Revolução Industrial consolidou a transição do sistema de produção artesanal para o sistema de produção capitalista. Enquanto o primeiro foi caracterizado pela produção doméstica e familiar, o segundo foi evidenciado pelo deslocamento do ambiente de produção para um ambiente fabril/industrial e pela produção em larga escala, possibilitada pela introdução de novas tecnologias. A aparente desvinculação do ambiente doméstico do ambiente de produção foi reforçada nesse período, marcado pelo deslocamento das atividades de produção para um espaço fabril e industrial e pela permanência da mulher na casa (PROST, 2012). Porém, a mecanização possibilitou a entrada das mulheres na fábrica; inicialmente, pela sua fragilidade corporal, mas, principalmente, pela desvalorização da mão de obra feminina, considerada força de trabalho secundária (ABRAMO, 2007; ALVES, 2011).

No que diz respeito à moda, destaca-se, no século XVIII, o uso de corpete por mulheres da classe alta; nesse contexto, os alfaiates tinham destaque mais uma vez, porque estavam à frente, com a tecnologia da época, utilizando barbatanas, importantes para a confecção de corpetes, por torná-los mais leves. Sendo assim, costurar essa peça era considerado um trabalho similar ao dos armeiros. O novo ofício das costureiras era constituído da utilização simples do tecido, por não serem necessários um corte e uma confecção criativa, sendo de competência dessas costureiras os detalhes superficiais e o acabamento. Já no século XIX, a confecção dos corpetes foi assumida por mulheres que, muitas vezes, já estavam trabalhando em fábricas. A partir de então, as mulheres se tornaram inteiramente responsáveis pela produção do vestuário feminino (HOLLANDER, 1996).

Ainda de acordo com Hollander (1996), apesar das mudanças no ofício tradicional, constata-se que o posto de trabalho da costureira evoluiu pelas práticas e pelas tecnologias. A criatividade foi sendo posta como um desafio, valorizado e refinado, uma vez que eram as mulheres que inovavam, com detalhes o que o alfaiate não poderia fazer, por serem considerados atributos próprios do trabalho detalhado o feminino.

Em 1867, em um congresso operário, certo participante destacou a frase “para os homens, a madeira e o metal. Para a mulher, a família e os tecidos” (PERROT, 2013, p.119); assim, com a primeira Revolução Industrial, tem-se o início de uma maior aceitação das mulheres nas fábricas de tecidos e em ateliês, ocupando maior número no quadro de funcionários das empresas desses ramos (PERROT, 2013). No entanto, essas mulheres percebiam essa forma de trabalho como de natureza temporária. Muitas dessas costureiras se iniciavam nessa profissão muito novas e a abandonavam após se casarem ou após os nascimentos dos seus primeiros filhos, voltando ao trabalho nas fábricas posteriormente ao crescimento dos filhos, situação que implicava falta de progressão na carreira. O trabalho com a costura também era considerado monótono, os locais de trabalho não eram bem condicionados e as máquinas, poucas vezes reguladas, acabavam por machucar as mãos dessas mulheres (HIRATA, 2007; PERROT, 2013).

Do final do século XIX ao início do século XX (1890-1912), as mulheres costureiras assumiram um novo posto na participação econômica. A produção das peças com a preocupação nos movimentos sociais, buscando o mercado de trabalho, as mulheres assumiram lugar de destaque em detrimento das frivolidades ditadas por suas clientes e da desvalorização do seu trabalho pelos alfaiates. Destacaram-se, então, as mulheres como confeccionistas ou consumidoras de moda (HOLLANDER, 1996).

Até os anos de 1960, as costureiras – muitas vezes chamadas de modistas – seguiam os gostos das clientes, mas também tinham suas criações expostas em lojas para venda dos seus produtos prontos. Com o aumento da produção e do consumo, bem como com a valorização da chamada marca registrada e da sua etiqueta assinada, as modistas passaram a ser chamadas de estilistas. Já aquelas mulheres que faziam consertos e copiavam suas peças de vestuário de revistas e/ou lojas eram chamadas de costureiras. Essa mudança criou lugares sociais com *status* distintos dentro do ofício da costura. Assim, valorizava-se mais aquelas que criavam e tinham sua própria marca do que aquelas que faziam peças copiadas e faziam pequenos consertos em peças de vestuário (LAVER, 1989; BRAGA, 2005; LIPOVETSKY, 2009). Sabendo dessas transformações, mostra-se pertinente o estudo sobre o trabalho e o capitalismo ao longo da história.

## 1.2. Trabalho e Capitalismo

As discussões e reflexões sobre indivíduo/trabalho têm se tornado uma preocupação em relação à satisfação de trabalhar e as pressões vividas no mundo do trabalho. Com a Revolução Industrial, entre meados do século XVIII e meados do século XIX, aconteceu uma mudança do modo de produção artesanal para os processos de manufatura. Neste período ocorreu uma separação entre a vida doméstica e o trabalho fabril, evidenciando-se a separação do "espaço reprodutivo" (espaço privado/casa e família) do "espaço produtivo" (espaço público/mercado de trabalho). A partir dessa divisão, o ambiente doméstico passou a ser reconhecido como um espaço reservado às mulheres que, por sua vez, deveriam se ocupar da preparação dos alimentos, da organização da casa, da confecção de artesanatos, da maternidade, do cuidado com os filhos e da vestimenta para a sua família (HOLLANDER, 1996; CRANE, 2006; MALERONKA, 2007; MENDONÇA, 2009; VALLE, 2009; FREITAS, 2012; SILVA e SPOLLE, 2013).

Com a industrialização, as mulheres – principalmente as de classe social baixa – adentraram esse modo de produção, sendo assim, a mão de obra feminina, vista como sendo relacionada às atividades domésticas, foi considerada mais barata, sob a alegação de que as tarefas realizadas por elas nas indústrias eram semelhantes às que realizavam em seus lares. Assim, as mulheres se dividiam entre o trabalho nas fábricas e em suas casas, executando duplas e triplas jornadas de trabalho (FRANÇA e SCHIMANSKI, 2009).

Fleury e Fleury (2001), afirmam que o Capitalismo trouxe novas condições de trabalho e necessidades a serem atendidas, apesar de uma resistência interna, devido à cultura patriarcal pré-estabelecida. As necessidades de trabalho e sociais para manter o custo de uma família modificaram-se, desde que o trabalho não afetasse as relações familiares; portanto, as mulheres pobres sempre trabalharam e fizeram parte do mercado de trabalho (SENNETT, 2004, p. 66).

Carcanholo (2013) afirmam que o indivíduo, ao trabalhar, recebe uma remuneração que não equivale à sua força de trabalho, estando inserida nesse capital a mais valia<sup>2</sup>. Para Giuberti (2007, p. 5), o Capitalismo se movimenta com o lucro, e “o valor de qualquer mercadoria é, geralmente, proporcional à quantidade de trabalho social médio nela contida, chegando à teoria do valor-trabalho”. Dessa forma, para Carcanholo (2013), o valor

---

<sup>2</sup> Mais valia é uma expressão, cunhada por Karl Marx, que explica a desigualdade entre o valor do trabalho e o salário pago ao trabalhador. Mostra a exploração da força de trabalho exercida pelo modelo capitalista.

da mercadoria equivale ao valor do trabalho social que lhe proporciona o seu sustento e o de sua família.

Assim, entendo que, no Capitalismo, as trocas se dão nos excessos das produções e mais valia, onde o trabalho humano é o seu valor econômico de troca, sendo que o homem é livre para fazer as escolhas de suas atividades (CARCANHOLO, 2013).

No mundo do trabalho contemporâneo, o capital surge com outra lógica, segundo a qual o “valor de troca das coisas subordinou totalmente o valor de uso” (ANTUNES, 2000, p. 22). Houve um deslocamento de importância na produção do capital, separando-se o valor de uso e o valor de troca, ficando o primeiro subordinado ao segundo, alterando a reprodução do capital. Antunes afirma que, na década de 1970, estabeleceu-se uma nova relação entre capital e o trabalho, sob uma nova forma de dominação<sup>2</sup> e acumulação de bens, sendo o desemprego uma das discussões a serem abordadas.

Como consequências dessa nova relação entre capital e o trabalho, ocorrida devido aos altos índices de desemprego, houve uma retração do consumo, que vinha crescendo na década anterior. A crise fiscal ocorrida nos Estados Unidos reduziu os gastos públicos, ocasionando a privatização de muitas empresas e queda da taxa de lucro nos cofres norte-americanos, provocando desaceleração do crescimento econômico, queda nas importações e redução na produção industrial, que fizeram com que aumentasse a carga de trabalho para os operários e houvesse estagnação/depreciação de seus salários (ARAÚJO, 2007; ANTUNES, 2009).

A sociedade capitalista tem uma estrutura em que as configurações de trabalhos se caracterizam por sua flexibilidade<sup>3</sup>; com ela, as relações sociais são fluidas e se corrompem com facilidade. No mundo do trabalho flexível, geralmente as pessoas vivem certa apreensão no emprego, sentem baixa autoestima, riscos constantes e inseguranças profissionais (SENNETT, 2004, p. 141-162).

Neste contexto, o profissional, segundo Sennet (2004, p. 53-88), tem sua vida emocional afetada: são trabalhadores com múltiplas funções, têm propostas cooperativistas e de autogestão. No entanto, as normas das empresas impedem que esse trabalhador tenha maior articulação para buscar e exercer seus direitos. Sendo assim, muitos deles aceitam os trabalhos ditos temporários, sem manipulações das relações de lealdade e confiança entre empregadores e empregados, submetendo-se apenas à definição e ao cumprimento de metas a importância para esse novo trabalho, sendo ele descrito como flexível.

---

<sup>3</sup> Característica da sociedade moderna, cada trabalhador tem diferentes horários e jornadas de trabalho e a empresa controla, com rigor, o cumprimento desses horários.

Diante das desigualdades de gênero, no Brasil, ao final da década de 1970, os movimentos sociais e feministas lutavam por melhores condições de vida e por direitos iguais para as mulheres. Entretanto, somente na Constituição de 1988 esses direitos foram assegurados juridicamente (COSTA, 2011). Nos anos 1990, a abertura do mercado e a globalização da economia trouxeram mudanças estruturais ao mundo do trabalho, como a falta de emprego formal, queda/estagnação dos salários e relações de trabalho precarizadas (VARGAS, 2015). Dessa forma, governos federal e estadual estimularam o trabalho artesanal como forma de geração de emprego (SILVA, 2014).

Diante das transformações tanto da atividade de trabalho quanto do seu conceito, os sujeitos tiveram de se adequar ao novo modo de produção, inclusive as mulheres que, seja pela necessidade de manutenção de suas famílias ou pela necessidade e vontade de ter uma renda para satisfação pessoal, precisaram e desejavam desempenhar atividades remuneradas; muitas vezes, essas atividades estão relacionadas ao universo feminino, como no caso do ofício de costureira.

O ofício dessas costureiras não é considerado, pela sociedade, um trabalho, porque é visto como uma atividade “naturalizada” feminina, que está relacionada ao afeto da mulher para com a família, sendo considerado uma extensão do trabalho doméstico e, como tal, sem a devida valorização econômica e social (ABRAMO, 2007; KERGOAT, 2009; TEIXEIRA, 2015).

Isso posto, busco, com este estudo, compreender, comparando-o com o modo de produção industrial e capitalista, o universo do ofício de mulheres que trabalham em ateliês de costura, buscando se adequar à realidade do mercado, a fim de obter renda para a sua manutenção pessoal e familiar.

### **1.3. As costureiras de ateliês do município de Viçosa - MG**

Observei, ao longo da pesquisa, que o trabalho das costureiras era acompanhado por uma dupla jornada de trabalho e de uma extensão dos seus conhecimentos domésticos, que foram levados para os ateliês. Entretanto, as entrevistas evidenciaram que os clientes e essas mulheres consideram esse ofício valorizado e de importância para a sociedade.

Ao longo da pesquisa de campo, entrevistando costureiras de ateliês de Viçosa - MG, cidade de médio porte, fiz um levantamento sobre habitantes dessa cidade e onde se



instalaram as costureiras que faziam reformas e customização<sup>4</sup> “para fora” (clientes); nesse universo, identifiquei e visitei 18 costureiras. Após as visitas, verifiquei que o *modus operandi* adotado por essas trabalhadoras é praticamente o mesmo, com algumas variações. Nesse sentido, escolhi três costureiras que considerei, depois de ter passado pelos 18 ateliês, a representação de como funciona o trabalho dessas costureiras da cidade. Esse meu procedimento metodológico guarda similaridade com a técnica denominada bola de neve<sup>5</sup>, e me possibilitou a seleção dos três ateliês, no centro da cidade de Viçosa, situada na Zona da Mata Mineira, onde pequenos consertos e reformas em peças confeccionadas pela indústria constituem os trabalhos mais recorrentes feitos por costureiras.

Para a organização do grupo de costureiras que participariam deste estudo, utilizaram-se os seguintes critérios: mulheres que chefiassem famílias; que tivessem pelo menos um filho e cujo aprendizado de costura tivesse sido inicialmente incentivado por membros das suas famílias. Procedi ao estabelecimento desse conjunto de critérios para atender às questões deste estudo, que busca entender a construção de saberes por essas mulheres que aprenderam a costurar, inicialmente, sem participar de cursos que as profissionalizassem, tendo se capacitado com ajuda da família, bem como a relação que elas estabelecem entre casa/família e trabalho.

Sete das dezoito costureiras iniciais preencheram todos esses requisitos. Eu, então, as convidei a participar deste estudo, após fornecer a elas explicação cuidadosa sobre os objetivos deste estudo e sobre os procedimentos a serem realizados durante as minhas visitas. Dessas, três costureiras se dispuseram a participar – tendo, então, assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCE (APÊNDICE A) –, e lhes atribuo, aqui, nomes fictícios, para que suas identidades sejam preservadas.

Meu trabalho de campo – realizado de forma respeitosa, ética e em conformidade com (e após receber) o Parecer Consubstanciado do Conselho de Ética em Pesquisa com

---

<sup>4</sup> Embasando-se em autores como Érika Palomino e Renata Pitombo, Farias (2010, p. 20) destaca que o termo “customização” refere-se à prática de adaptar e ressignificar o vestuário. Esse termo – customização – é originado da expressão inglesa *custom made* (feito sob medida); já o verbo *to customize* significa fazer ou mudar alguma coisa de acordo com as necessidades do consumidor. O termo customização surgiu no final de 1990, quando os jovens que não podiam (ou não queriam) bancar o luxo das marcas calcadas em ícones de riqueza começaram a trabalhar artesanalmente as peças, com bordados e aviamentos, reciclando e transformando uma roupa usada em um artigo novo e personalizado.

<sup>5</sup> Essa técnica é utilizada em pesquisas sociais nas quais os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”). O “ponto de saturação” é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa (WHA, 1994). Portanto, a *SnowBall* (“Bola de Neve”) é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede (BALDIN, 2011).

Seres Humanos - CEP da Universidade Federal de Viçosa (ANEXO B), emitido em resposta ao Projeto a ele submetido conforme atesta o Comprovante de Envio do Projeto (ANEXO A) –, durou onze semanas, de segunda-feira a sábado, sendo dois sábados para cada costureira, contabilizando 90 horas em dois ateliês – o da Cristiana e da Elis – e 86 horas no ateliê da Maria. Minha ida aos ateliês foi autorizada pelas mulheres, em qualquer dia e horário, o que possibilitou a presença desta pesquisadora em seus ateliês em dias e horas diversificados. O tempo médio de permanência foi de duas horas por dia. Ao final da 11ª semana, a partir das análises dos diários de campo, constatei que já era possível encerrar o trabalho de campo. No decorrer do processo de análise dos dados de campo, foi necessário retornar aos ateliês, para esclarecer dúvidas com relação à interpretação de algumas situações específicas.

O QUADRO 1, a seguir, apresenta uma caracterização sucinta das três mulheres com as quais trabalhei neste estudo.

**Quadro 1 - Síntese da caracterização socioeconômica das participantes.**

<b>Caracterização Socioeconômica das Participantes da Pesquisa</b>			
<b>Crítérios/Entrevistadas</b>	<b>Participante 1 Elis</b>	<b>Participante 2 Cristiana</b>	<b>Participante 3 Maria</b>
<b>Idade</b>	45	45	55
<b>Nível de Escolaridade</b>	Fundamental Completo	Médio Incompleto	Fundamental Completo
<b>Renda Mensal</b>	R\$ 1.200,00	R\$ 900,00	R\$ 1.500,00
<b>Renda Mensal Familiar</b>	R\$ 2.200,00	R\$ 1.578,00	R\$ 2.500,00
<b>Estado Civil</b>	Casada	Casada	Divorciada
<b>Bairro de Residência</b>	Santo Antônio	Santa Clara	Serra Verde
<b>Co-habitantes</b>	2 filhos Marido	2 filhos	1 filha 1 neta
<b>Tipo de Residência</b>	Própria	Própria	Própria

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Maria mora no bairro Serra Verde, onde reside, em casa própria, com a sua filha de 38 (trinta e oito) anos, que trabalha na Universidade Federal de Viçosa - UFV, em um serviço terceirizado, e a neta, de quatro anos. Sua fonte de renda é a que obtém por mês com o seu trabalho de costureira no ateliê. Elis e Cristiana também moram em casas próprias, são casadas e seus maridos recebem salários; sendo assim, com a renda obtida com o seu trabalho, como costureiras, elas “complementam” suas respectivas rendas familiares. O marido de Cristina não reside em Viçosa, vindo a essa cidade, uma vez por mês e permanecendo em casa por dois dias; ela e seus dois filhos moram no bairro Santa Clara. Elis, por sua vez, reside, com o seu marido e seus dois filhos, no bairro Santo Antônio. Elis e Maria concluíram o

Ensino Fundamental; Cristiana tem Ensino Médio incompleto, porque, quando se casou, parou de estudar. Essas três costureiras têm baixa escolaridade e estudos apontam que esse fato está relacionado à baixa renda e à inserção de trabalhadoras como elas no mercado informal (NEVES e PEDROSA, 2007).

As rendas recebidas por elas sofrem variações ao longo do ano, de acordo com o volume dos serviços prestados. Entretanto, essa variação é pequena, visto que, segundo elas, o movimento nos seus ateliês é intenso, durante todo o ano, porque, além de clientes fixos, também atendem lojas que indicam outros clientes para serem atendidos. A variação de renda não se modifica de forma brusca, nem de maneira que venha a comprometer o orçamento familiar.

### **1.3.1. Trajetórias de vida das costureiras**

#### **Maria**

Com 55 anos de idade, Maria é divorciada há cinco anos. Teve três filhos: duas mulheres e um homem. Karen, sua primogênita, residia com Maria, em Viçosa, e os outros dois moravam em outros Estados. Nascida em São Miguel do Anta e moradora da zona rural, Maria aprendeu a costurar com a sua mãe e com a sua cunhada, observando a mãe trabalhando com a máquina. Entretanto, sua mãe, tendo muitos filhos para cuidar, não permitia que ela usasse a máquina e, sim, que ajudasse em casa, cuidando dos irmãos mais novos. Mudou-se para Ervália, depois de casada, onde seu marido trabalhava em uma plantação de café; lá, seus filhos nasceram. Enquanto morou na cidade, Maria teve maior contato com a sua cunhada, aprendendo a costurar com maior confiança e aprimorando seus conhecimentos. Fazia pequenos consertos em roupas, para a sua vizinhança; como seus filhos eram pequenos, preferiu não sair de casa para realizar outro trabalho. Mudou-se para Viçosa em 1989 e, por um ano, suas atividades ficaram restritas ao trabalho doméstico, realizado em sua residência. Na década de 1990, assim que o plano Collor foi lançado, comprou sua máquina industrial reta, por acreditar que, com ela, o seu serviço ficaria mais profissional. Logo após a compra dessa máquina, trabalhou em um ateliê no centro da cidade, por cinco meses, até que um amigo pediu que ela o ajudasse em sua confecção, permanecendo nesse trabalho por quatro anos.

Nessa mesma década, pediu demissão da confecção e frequentou e concluiu um curso de corte e costura, para que pudesse ter um método de ensino para transmitir a outras pessoas os seus conhecimentos de costura, porque tinha a intenção de ministrar cursos de corte costura.

Em 1994, suas filhas sugeriram que ela abrisse um restaurante, em sociedade com elas. Esse restaurante funcionou por cinco anos. Quando a filha mais nova passou em um concurso público em outro Estado, a filha mais velha e Maria resolveram fechar o estabelecimento e abrir um ateliê de costura.

No fim do ano de 1999, Maria trabalhava sozinha, com consertos e customizações de peças de vestuário. Esse primeiro ateliê se localizava no centro da cidade. Além de reformar de roupas, ministrava cursos de corte e costura. Permaneceu nesse estabelecimento por sete anos e, em 2008, mudou-se para outro ateliê, também localizado no centro, nele trabalhando sozinha. Em 2010, mudou-se, novamente, permanecendo no centro da cidade, mas passou a dividir o espaço com outra costureira. Sua intenção de compartilhar o ateliê foi motivada por isso lhe permitir dividir as despesas e, também, o trabalho, porque estava sobrecarregada com as demandas crescentes. Preferiu se restringir a consertos, ao invés de fazer peças inteiras, porque confeccionar uma peça leva de um a três dias, ao passo que, na customização, faz muitas peças ao longo do dia, e o preço é mais atrativo. A preferência por manter o estabelecimento no centro se deu pela facilidade de acesso para os clientes, o que lhe garantiria maior clientela e maior renda.

Maria mantém uma relação com seus clientes marcada por muito carinho e atenção, procurando prestar muita atenção ao que cada um solicita, anotando as informações que lhe são fornecidas. As peças são marcadas com muito cuidado e com atenção especial para os detalhes.

Maria ministrou aulas de corte e costura por três anos e ensinou o ofício às suas duas filhas e a outras alunas. As filhas seguiram outros rumos profissionais. Parou de lecionar, devido à desistência das alunas. De acordo com Maria, as alunas queriam aprender apenas o básico da costura. Apesar de gostar muito de ministrar aulas e de ter vontade de voltar a oferecer cursos de corte e costura, tem receio de levar prejuízo, devido às experiências anteriores de desistência de suas alunas.

Em seu ateliê, Maria divide espaço com uma colega. Inicia seu expediente de trabalho às 7h30min e o encerra às 17h. Encontram-se, em seu ateliê, três máquinas retas

industriais, uma de costura reta doméstica, uma overloque<sup>6</sup> e uma galoneira<sup>7</sup>. A mesa de corte fica encostada na parede do lado direito de quem entra no ateliê; o provador, nos fundos; o banheiro localiza-se logo no início do ateliê e os armários de arquivo estão próximos à mesa de corte. Ao lado dessa mesa, há outra mesa, com copos e um fogareiro, ao lado de uma pia onde fazem café de manhã e à tarde.

## **Elis**

Elis, 45 anos, nasceu na zona rural do município de Pedra do Anta. Sua mãe foi quem a ensinou a costurar. Devido a uma doença por que foi acometida aos sete anos de idade e a levou a permanecer acamada por um mês, ela fez muitas roupinhas de bonecas, o que a motivou a aprender a costurar. Considera sua profissão um dom que Deus lhe deu. Moradora de Viçosa desde 1982 – ou seja: há 32 anos –, migraram, ela e o marido, em busca de melhores condições de trabalho. Seu marido trabalhava como pedreiro. Elis é casada e tem dois filhos: uma menina de 18 anos e um menino de 16 anos que, até o momento deste estudo, moravam com ela. Concluiu o Ensino Fundamental e é quem chefia a família e recebe o maior salário da casa.

Quando se mudou para Viçosa, fixou residência, alugada, no centro da cidade, residindo e trabalhando no mesmo local. Nessa época, ela já possuía uma máquina de costura, que ganhara de presente de casamento de sua mãe.

Em 1986, finalizou a construção de sua casa, no bairro Santo Antônio, construída por seu marido, juntamente com dois irmãos de Elis. Ela continuou a trabalhar com costura em sua nova residência. Alguns clientes antigos levavam roupas à sua casa, para ela fazer consertos e, também, para a confecção de peças de roupas e, em pouco tempo, fez novos clientes no bairro.

Entre 1996 e 1998, seus filhos nasceram, e ela preferiu não atender a tantos clientes, para poder cuidar bem dos filhos. Em 1999, passaram por dificuldades financeiras, devido à falta de trabalho para o marido. Ela, sentindo-se responsável pelo conforto dos filhos, voltou a trabalhar, para garantir uma renda para a família. Seu primeiro trabalho foi em uma loja de vestidos de noivas, onde trabalhava oito horas por dia. À noite, ela fazia os

---

<sup>6</sup> Máquina de acabamento das laterais do tecido.

<sup>7</sup> Máquina de costura industrial que, ao mesmo tempo em que costura, realiza o acabamento das bordas, para que não se desfiem.

consertos pedidos pelos clientes que a procuravam para reformas de roupas. Seus filhos ficavam sob os cuidados de sua cunhada, que a ajudou durante três anos.

Em 2002, colocou seus filhos em uma creche, no centro da cidade, e resolveu abrir o seu próprio ateliê, próximo à creche de seus filhos. Comprou uma máquina industrial reta e uma overloque, por acreditar que o seu trabalho ficaria com um acabamento mais perfeito e, assim, poderia atender melhor seus clientes. Permaneceu nesse ateliê por quatro anos. Em 2006, juntou-se a uma colega costureira, para diminuir seus gastos e obter maiores lucros. Contudo, em 2008, sua relação com essa colega de trabalho se complicou e ela resolveu transferir o negócio para outro local. Comprou uma máquina do tipo galoneira<sup>8</sup> e abriu o seu próprio ateliê, no centro da cidade, por acreditar que, assim, os clientes ficam mais próximos a ela e, também, porque isso lhe daria (e ao seu trabalho) um caráter mais profissional, conferindo-lhe melhor *status*.

De acordo com Elis, nos últimos tempos, problemas familiares que a têm obrigado a dedicar mais tempo aos problemas domésticos, o que tem atrasado o seu trabalho. O movimento constante de entrada e saída de clientes que solicitavam seus serviços também tem sido motivo de dificuldade para cumprir prazos, visto ter que parar para atendê-los. Ela procura tratar seus clientes com toda a atenção e carinho, se considera muito exigente e perfeccionista e esse comportamento, segundo ela, acaba por influenciar no tempo para conclusão de cada peça. Com isso, ela se recusa a aceitar confeccionar peças inteiras, abrindo exceções somente para os clientes muito antigos. Elis trabalha com metas a serem alcançadas a cada dia, distribuindo as metas entre as peças que considera de nível difícil (duas por dia) e de nível fácil (o restante do dia).

O sonho de Elis era ensinar o seu ofício às filhas, mas, segundo ela, suas filhas não nasceram com esse dom.

O ateliê de costura da Elis está localizado no centro, em uma rua de grande movimento, onde ela trabalha sozinha. Seu estabelecimento é aberto às 6h40min e fechado às 17h30min. Nos dias com maior volume de trabalho, ela permanece até às 18h30min. Encontram-se, nele, três máquinas industriais retas, uma overloque, uma galoneira e uma mesa de corte, que fica no fundo do ateliê. Duas máquinas retas estão localizadas no início do ateliê. Um painel, à direita, é usado para afixar fotos de roupas e notícias; um degrau acima, está uma máquina reta, uma overloque e a mesa de corte. Uma parede divide o outro cômodo, onde ficam uma galoneira e dois armários, onde são guardadas tanto as roupas a serem

---

<sup>8</sup> A galoneira serve, na confecção de vestuário, para fazer bainhas, colaretes, golas, barras, aplicação de viés e debrum, rebatimento de elástico, entre outros.

trabalhadas quanto as prontas, que aguardam as clientes. Também se encontra nesse cômodo o provador, local onde o cliente veste a roupa, para que se sejam feitas as marcações necessárias; pouco depois, há uma escada, que conduz ao segundo andar, onde fica o banheiro.

### **Cristiana**

Cristiana tem 45 anos, é casada e tem dois filhos: um rapaz de 21 anos e uma menina de 17 anos. Eles residem em casa própria, localizada no bairro Santa Clara. Cristina nasceu em São José do Triunfo, distrito de Viçosa, onde morou, com os seus pais, até o seu casamento, ocorrido em 1992. Depois de casada, Cristiana mudou-se para o bairro Santa Clara. Tem Ensino Fundamental incompleto e, segundo ela, não podia estudar muito, porque o seu pai dizia que mulher que estudava muito “queria arrumar marido”. Seu esposo não reside em Viçosa desde 2010, por trabalhar em uma empresa de Ponte Nova, que presta serviços por toda região, estando em casa apenas uma vez por mês.

Ela aprendeu o ofício com a mãe, que era costureira. Quando criança, Cristiana vivia embaixo da máquina, pegando retalhos para confecção de roupas de bonecas. Sua mãe ia à casa dos clientes que tinham máquina de costura e passava o dia na casa deles, confeccionando peças e consertando roupas de seus clientes. Iniciou um curso de corte e costura, que frequentou por dois meses, desistindo dele por considerar que não estava lhe acrescentando novos conhecimentos em termos de corte, costura e modelagem.

Trabalhou em sua residência até 2012, quando resolveu abrir o seu ateliê no centro da cidade. De acordo com Cristina, apesar de o marido não querer que ela trabalhe fora, com os filhos já crescidos e com seu marido morando em outra cidade, sentia-se muito sozinha e decidiu investir mais no seu ofício. Fez isso, também, para ter o seu próprio dinheiro e sua independência financeira. Paga todas as despesas da casa e dos filhos com o dinheiro que ganha ateliê. O salário de seu marido é poupado para a viagem de fim de ano, evento esperado por toda a família.

Cristiana nunca ensinou ninguém a costurar, nem mesmo a sua filha, que sempre relutou em aprender esse ofício.

A costureira Cristiana tem seu ateliê em uma galeria, também no centro da cidade, onde trabalha com mais duas costureiras. Chega ao seu local de trabalho às 8h e lá encontra as

suas colegas que, via de regra, já se encontram no ambiente. Ela trabalha até às 11h, quando vai almoçar, retornando às 13h, encerra o expediente de trabalho diário às 17h, quando volta para casa. Em seu ateliê, encontravam-se quatro máquinas retas: três industriais e uma doméstica e, também, duas máquinas overloques, dispostas da seguinte forma: três máquinas industriais retas na entrada do ateliê, que ficam alinhadas junto à parede; a máquina reta doméstica e as duas overloques ficam na parede oposta. A mesa de corte é posicionada no centro do estabelecimento; os provadores ficam próximos ao banheiro e a cozinha improvisada fica ao lado dos provadores. Os armários são presos às paredes laterais, e neles são guardadas peças que serão ajustadas e/ou customizadas, bem como as que já estão prontas; sob os armários, há prateleiras, onde ficam linhas de diversas cores.

### **1.3.2. Funcionamento atual dos ateliês de costura em Viçosa - MG**

Foram criadas categorias das visitas realizadas nos locais de trabalho e das perguntas feitas às costureiras. De antemão, observei a presença de quatro tipos de profissionais: (1) a costureira que modela e costura; (2) a costureira que costura a peça de vestuário por completo, mas não detém o saber de modelagem; (3) a costureira que domina apenas uma máquina e/ou tipo de costura; e (4) a costureira que faz pequenos consertos e customizações e não tem o saber para confeccionar uma peça totalmente. Voltei a campo, para convidá-las a participar do meu estudo, e as três costureiras aceitaram meu convite.

Para compreender o funcionamento dos ateliês, observei, em cada um deles, o ambiente de trabalho, a organização do trabalho, o conhecimento de costura e modelagem, o planejamento do tempo e sua lógica de organização.

Atribuí nomes fictícios às três participantes, conforme já salientei; seguem adiante as apresentações das informantes desta pesquisa.

### **1.3.3. Organização física**

Tendo em vista que este estudo visa explicar o cotidiano de trabalho das costureiras em ateliês no município de Viçosa - MG, optei por adotar, como referencial teórico, os escritos de *O Artífice* (2012), de Richard Sennett, para quem fazer e pensar são



inseparáveis; o autor usa exemplos do cotidiano de diversos trabalhadores e apesar de o ofício manual ser visto como depreciativo por uma classe social, o parenta como uma qualidade para um bom cidadão, compreendendo que as atividades manuais, sendo objeto de estímulo e de treinamento, tornam o trabalhador uma pessoa respeitável perante a sociedade. O engajamento é o que motiva o artífice, segundo esse pesquisador, pela prática de trabalho envolvendo sentimentos e ideias, mostrando que mãos e cabeça não se separam. Esse estudioso considera o artífice um sujeito inquieto e construtor, com habilidades práticas tanto de repetição quanto artesanais, que requerem habilidades e competências diversas nas soluções de conflitos e necessidades que surgem no trabalho, visando, assim, ao atendimento da necessidade do *savoir-faire*, para a construção de habilidades e competências diversas para o sujeito. Com relação à limpeza e à organização do ambiente, Elis afirma:

chego aqui no ateliê todo dia e varro, limpo as máquinas, separo as roupas e vou direto pra máquina. Trabalhar nessa rua é bom que tem movimento o tempo todo. As pessoas tão vendo que eu tô aqui e se precisar vão lembrar de mim... esse canto aqui é meu, cuido dele do meu jeito e faço a organização como eu acho melhor e ninguém me amola (Elis, 02/10/2014).<sup>9</sup>

Elis se preocupa com a organização em seu ambiente de trabalho e é ela mesmo que mantém o seu ateliê limpo, uma vez que não conta com ajuda para a limpeza.

A organização do ambiente é muito importante para Cristiana, que acredita ser esta uma boa forma de apresentação de seu trabalho, bem como uma forma de zelar por higiene e saúde o seu ambiente de trabalho:

quando eu chego, as meninas já limparam tudo, aí eu só limpo o meu espaço mesmo, passo uma vassoura embaixo da minha mesa e depois um pano e passo uma flanelinha em cima pra tirar essa poeirinha que dá demais menina, é poeira do tecido mesmo, a gente vai costurando e sai. Aí às vezes eu falo com as meninas que é pra deixar o banheiro pra eu limpar e levo as toalhinhas e tapetes pra lavar lá em casa (Cristiana, 03/10/2014).

Essa fala evidencia afinidade não apenas técnica, mas também social, no momento em que Cristina se socializa com suas colegas e, conjuntamente, negociam a forma de trabalharem no mesmo ateliê. Bifano (2007) pondera, a propósito desse tipo de procedimento, a importância do sujeito na elaboração da realidade e das interações existentes nas relações estabelecidas entre eles, com o mundo e com os outros

---

<sup>9</sup> Transcrevo, *ipsis litteris*, as falas e trechos de falas das entrevistas, sem qualquer alteração, seguidas dos nomes fictícios (para preservação de suas identidades) das entrevistadas e das datas das entrevistas.

(BIFANO, 2007). No ambiente de Cristina, pude observar um rearranjo de competências na divisão de trabalho.

Observei, no ateliê de Maria, que, apesar de ela ter uma colega de trabalho, ela não recebe a sua ajuda para a limpeza do ambiente, e isso, às vezes, é fator de conflito na parceria, uma vez que dividem as mesmas contas, no final do mês; sua colega, porém, não se preocupa e nem sente a mesma necessidade de manter o ateliê limpo e organizado para atender bem os seus clientes.

A relação de limpeza nos ambientes de trabalho – como elas os reproduzem nesses locais e seus atos de conservação também são realizados em seus ambientes domésticos – mostra como Maria, por exemplo, zela pela limpeza, sendo esse valor construído socialmente pela socialização das mulheres com relação ao trabalho doméstico. Então, no trabalho fora de casa, elas reproduzem o conhecimento doméstico, demonstrando como esses espaços estão interligados por processos de sociabilidade.

A partir dessa descrição, constatei que a limpeza e a organização do ambiente de trabalho são valores caros a Maria, Elis e Cristiana. Elas acreditam que, sem limpeza e organização, a aparência e a convivência ficariam prejudicadas. No caso de Elis, como ela trabalha sozinha, é ela quem faz todo o serviço de organização; já Cristiana e suas colegas de trabalho se revezam na limpeza do banheiro, toalhas e tapetes. Maria reclama muito de organizar, sozinha, o ateliê e, apesar disso, não sai do local, por ser um ponto já conhecido por suas clientes. Apesar dessa reclamação, ela não fala sobre isso com a colega com quem divide o ateliê, porque acredita que essa atitude de ajudar na organização deveria partir dela mesma. Isso evidencia que o ato de limpeza está fortemente ligado aos valores femininos; quando uma mulher não dá importância a esse fato, é percebida de forma diferente e é criticada por isso, já que faz parte de um valor feminino que é reproduzido tanto no universo doméstico quanto no “extra doméstico”.

Além do valor social, relacionado aos saberes femininos, a limpeza do ambiente de trabalho também está relacionada ao bom rendimento nesse espaço. De acordo com Colares (2005), o ambiente que não oferece condições adequadas de trabalho, com deficiências em termos de ventilação, equipamentos, iluminação e falta de limpeza, pode resultar em baixo rendimento no ofício. Condições favoráveis de higiene e de organização são fundamentais para um bom funcionamento dos ateliês, porque, assim, elas se sentem mais confortáveis e dispostas em seus expedientes. Além disso, o local sujo poderia afastar clientes.

É interessante observar, no dia a dia dessas costureiras, o quanto é importante para elas manter um ambiente limpo, ao ponto de essa questão ser motivo de conflito e gerar desentendimento e uma condição ruim no ateliê, como observa Sennett (2012, p. 63), para se ter qualidade no processo de trabalho, deve-se ter bons relacionamentos; para as costureiras, a limpeza do ambiente é critério para se estabelecer empatia com o consumidor.

Essas costureiras, tendo sua criação como donas de casa, onde as questões de limpeza são primordiais, apesar de seu ofício fora do lar, ainda mantém seu *habitus* – ou seja: estão impregnadas nelas, de tal forma, as suas atitudes, por sua criação, que, mesmo inconscientemente, elas agem em seus locais de trabalho da mesma forma como aprenderam em casa. Essa experiência aprendida em casa, que foi repassada pela família e pela sociedade, se estrutura em sua mente e ganha na prática cotidiana a sua forma de agir (SETTON, 2002).

A limpeza está no centro das questões que envolvem o relacionamento das companheiras em seus ambientes de trabalho, implicando procedimentos que revelam as origens dessas costureiras. Mesmo em ambientes que, de certa forma, se relacionam com uma perspectiva industrial, um aspecto predominante de uma formação tradicional da doméstica, que é o de cuidar da higiene, pode assumir caráter de conflito, revelando o *habitus* no sentido de que fala Setton (2002); ou seja: constatam-se atitudes revelam um sistema aberto de disposições, ações e percepções que os indivíduos adquirem, com o tempo, em suas experiências sociais, tanto na dimensão material e corpórea quanto simbólica e cultural, entre outras. O *habitus* aqui revelado diz respeito às estruturas relacionais nas quais está inserido, possibilitando a compreensão tanto de sua posição num campo quanto do seu conjunto de capitais, traduzindo, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos, morais e estéticos e, também, um meio de ação que permite criar ou desenvolver estratégias individuais ou coletivas.

Cristiana demonstrou preocupação com o armazenamento das peças de seus clientes. Em todos os ateliês, há armários de parede e mesas de corte, que sempre estavam cobertas com toalhas grandes. No ateliê de Elis, as peças prontas não podem ser vistas, porque há um cômodo em que são guardadas, deixando o cliente sem a visão dos produtos. Já no ateliê de Maria, observam-se as peças para consertos e customização por toda a parte: penduradas nas cadeiras, em sacolas no chão, na mesa de corte, bem como em um armário sem portas.

Com relação à disposição dos equipamentos, cada costureira organiza o seu ambiente de forma que facilite suas condições de trabalho; de acordo com as falas das

mulheres, elas dispuseram os equipamentos nas sequências que melhor as atendiam o processo produtivo. A organização física do ambiente de trabalho é importante para que as costureiras sintam-se confortáveis em seus espaços de produção; Maria estava inconformada com o *layout* do seu ateliê; ela diferentemente de Cristina e Elis, está sempre fazendo mudanças para atender cada vez melhor a sua clientela.

Para essas costureiras, trabalho e vida se imbricam e se misturam, encontrando-se em seus ateliês algo que lembra lares acolhedores; a sua preocupação com a limpeza dos ambientes confirma essa afirmação, mas não só a necessidade dessa organização; constata-se, também, exercício de autonomia<sup>10</sup>, no momento em que cada uma dessas mulheres escolheu realizar suas tarefas a seu modo (SENNETT, 2012).

#### 1.3.4. Organização do tempo

O planejamento do tempo, para Elis, é diferente do planejamento de Maria e de Cristiana. Elis se preocupa em cumprir uma meta de peças por dia, para alcançar um valor, a título de remuneração, no fim de cada mês; portanto, devem ser feitas as peças consideradas por ela de nível difícil,<sup>11</sup> que implicam remuneração superior à que percebe por aquelas consideradas de nível fácil,<sup>12</sup> que resultam em remuneração menor. Maria e Cristiana não fazem esse planejamento e seguem a ordem de entrega do dia<sup>13</sup>. Na perspectiva das costureiras e conforme Sennett (2012) observa, a organização do trabalho traz motivação, sendo importante o conhecimento de sua área de atuação, para favorecer a transferência de conhecimento individual e coletivo.

Quanto ao tempo na realização de reformas, Elis se preocupa com as roupas de suas clientes e tem receio de perder alguma peça:

Jesus!!! Se eu perder uma peça peço perdão pra minha cliente, fecho minhas portas e não volto mais de vergonha. Não posso perder nada, pelo nosso Senhor, isso aqui é

---

<sup>10</sup> Neste estudo trato o conceito de autonomia com relação à independência, abordada por Amaral Júnior (2013) que define como “liberdade social” sendo pertinente a determinado contexto de ação em uma atividade. É necessário ressaltar que esse agir está ligado a determinadas ações, existindo a relação desejar/poder, tendo esta interação com as normas, valores e culturas de onde se vive.

<sup>11</sup> As peças que Elis considera de “nível difícil” são aquelas que demandam mais tempo no processo de reforma, são mais elaboradas e o preço por ela cobrado é maior do que aquele praticado para as peças de “nível fácil”, que resultam em remuneração menor e rapidez na confecção.

<sup>12</sup> De acordo com Elis, as peças de nível fácil são aquelas peças em que são necessárias menos sequências de costura, corte e/ou trocas de linhas e/ou máquinas.

<sup>13</sup> Seguem uma sequência de entrega.

meu trabalho, minha honra, é disso que vivo. Tem dia que eu troco de linha cada peça que faço, mas eu prefiro que eu não misturo as peças, fica tudo separado em cada sacolinha com o nomezinho da cliente por fora e anotado o que eu preciso fazer em cada peça. Aí é isso menina, a gente perde tempo, mas ganha na tranquilidade que não vai perder a peça por que já pensou eu fazer por cor, aí então eu coloco alfinete em cada peça com o nome da cliente e vou fazendo e depois pra juntar em cada sacola. Se pensar bem acho que fica até o mesmo tempo que trocar as linhas eu tô pensando nisso aqui agora e é verdade, vale não filha é melhor eu fazer desse jeito que funciona muito bem (Elis, 08/01/2015).

Elis prefere dedicar parte do seu tempo para organizar as peças de suas clientes em sacolas e deixar todas elas próximas do seu espaço de trabalho. Ela chegou a essa conclusão a partir de experiências passadas e, assim, organizou o seu trabalho segundo essa lógica. Como são encomendas diversas, de diferentes tonalidades, ela opta por não trabalhar como se faz em uma indústria de grande produção, onde se costura por lote de cores e, depois, troca-se a linha; ela prefere pegar a sacola de cada cliente e ir trabalhando de acordo com as cores que aparecem por ali.

Evidencia-se, no ateliê de Elis, a organização do seu trabalho, a questão da sua estratégia cotidiana para realizar suas ações; apesar do tempo dispendido nessa atividade ser maior, entende que, com esse procedimento, corre menos risco de trocar as peças dos clientes ou até mesmo de perdê-las. Isso demonstra como os sujeitos adaptam as suas atividades de trabalho ao que consideram mais relevante; no caso em questão, ter maior segurança com as roupas de seus clientes do que maximizar a produção e reduzir o tempo de entrega.

O trabalho minucioso e caprichado é visto por ela como uma questão de honra. A competência na realização da sua atividade não é apenas uma questão de manter o cliente satisfeito, mas, também, uma forma de mostrar a sua competência tanto como profissional quanto como pessoa. Dessa forma, esse trabalho lhe confere autoridade, significando qualidade de suas habilidades (SENNETT, 2012).

As práticas vivenciadas no cotidiano da Elis vão ao encontro das ideias de Bifano (2001, p.132), que afirma que “a pessoa é percebida como um todo mente corpo e emoção, que se constroem a partir das relações sociais mantidas no mundo real. A pessoa, a atividade e o mundo confundem-se um com o outro”. Portanto, as inter-relações que se estabelecem entre os sujeitos nas ações corriqueiras do dia a dia, suas subjetividades, ou a intersubjetividade da costureira se revelam importantes e determinantes em suas ações sociais e, por isso, devem-se considerar as motivações pessoais e a liberdade subjetiva para entender a sua realidade de trabalho.

No ateliê da Cristiana, as peças de roupas a serem reformadas ou customizadas durante o dia ficam em uma caixa, próxima aos seus pés. De acordo com ela:

eu gosto de fazer assim: primeiro eu separo os saquinhos que vou fazer no dia, coloco tudo aqui no meu pé, nessa caixinha aqui. Depois como tem essas linhas aqui na minha frente, eu deixo as linhas que uso mais pra frente e as outras lá atrás. Essa prateleira foi uma ideia boa que as meninas tiveram... aí eu abro a sacola e vejo a cor que vou usar de linha. Pego a linha, coloco na máquina e faço a peça e deixo aqui no cantinho se tiver outras na sacola! E aí se não tiver, eu volto com a peça pra sacola, fecho e coloco na outra caixa do outro lado - não levanto o tempo todo pra pegar sacola e adianta meu serviço e se eu ficar fazendo por cor da peça pode acontecer de me enrolar e perder peça...ixi!!! Ia me confundir demais e eu desse jeito faço tranquilinha. Só levanto quando é pra atender cliente, lanchar e fazer xixi (Cristiana, 03/12/2014).

Sabendo, de antemão, que todas as peças são separadas previamente e estão em uma programação de entrega, Cristiana não se preocupa em colocar em ordem de dificuldade ou valor de conserto as peças nas quais trabalha diariamente. Essa entrevistada afirmou, a propósito: “[e]u vou pegando a sacola que está em cima e quando termino coloco na caixa, vou ter que fazer tudo não é mesmo? Aí vou fazendo até terminar e pronto” (Cristiana, 21/10/2014).

Na organização do seu trabalho, Cristiana prefere fazer o trabalho por encomenda, e não por cor, porque, se fizer dessa forma (por cor), ela pode vir a trocar peças dos clientes. Aqui, o planejamento é feito com base nas peças que deveriam ser entregues nos dias previamente estabelecidos. Então, para ela, o tempo também é um determinante nas suas atividades diárias. Como uma forma de agilizar o trabalho, as costureiras desse ateliê colocaram prateleiras de frente para as máquinas, o que lhes facilita o andamento das atividades, evitando que perdesse tempo levantando para pegar as roupas, ao mesmo tempo em que evita o cansaço resultante de movimentos desnecessários.

Maria, assim como Elis, organiza suas tarefas diárias por sequências de sacolas de roupas. Ela separa as roupas que irá costurar ao longo do dia e as deixa perto de seu posto de trabalho. Não se incomodava em trocar diversas vezes a linha da máquina, respeitando a ordem de entrega para cada cliente. Observa em sua fala, o propósito desse procedimento:

eu dou mais ou menos uma olhada no que tem que fazer no dia e vou pegando aqui... aí pego a linha que preciso na roupa! Eu deixo tudo aqui no cantinho, perto do pé da mesa... porque aí eu não preciso de levantar o tempo todo! Eu pego a sacola da cliente e vou fazendo e depois que eu termino só laço a sacola e jogo pro outro pé da mesa. Só guardo as sacolas das clientes que terminei quando me levanto pra usar outra máquina, a overloque ou a galoneira, que aí eu jogo lá no cantinho da mesa. Já levanto o tempo todo pra atender minhas clientes: pensa só se eu tivesse que levantar

pra pegar cada roupa de cliente e colocar lá na mesa cada roupa que ficou pronta... meu dia não ia render nada! E se fosse pra fazer por cor? Que confusão que iria ser! Poderia confundir as donas das roupas e fica feia a situação! Abrindo cada sacola e fazendo eu termino meu serviço e fico mais tranquila! A gente atende por cliente - só em confecção que dá pra fazer por cor. Não tem dono cada peça e se misturar não tem problema... e confecção é pressa e aqui é atenção (Maria, 04/12/2014).

Maria acredita que o diferencial do seu ateliê é a atenção dada a cada cliente, porque cada um é único e tem a sua prioridade; por isso, ela prioriza a ordem de costura por cliente, porque acredita ser essa a forma mais garantida e segura de realizar suas tarefas diárias em seu ateliê.

Concluí, a partir das observações, que tanto Maria quanto Cristiana e Elis preferem gastar mais tempo trocando as linhas e terminando cada peça de um mesmo cliente do que acelerar o processo e correr o risco de misturar peças de diferentes clientes. Então, o fator tempo, apesar de ser importante para que as entregas ocorram nos dias agendados, ele não é o principal fator considerado nas suas atividades laborais, mas, sim, a segurança de entregar as peças certas aos seus respectivos clientes, sendo essa, no seu entendimento, a principal responsabilidade da costureira, assim como o trabalho realizado corretamente, ao gosto de quem fez a encomenda.

Sennett (2012) recorre ao exemplo da utilização da máquina para revelar, por meio das Enciclopédias de Diderot, conceitos de sentimentos e concepções de um período bem marcado pelo Iluminismo, priorizando-se a razão como forma de organização e planejamento dos tempos de serviços. Dessa forma, força-se o homem a pensar e utilizar a máquina e ele tem, com isso, em tese, mais tempo para desenvolver e aplicar novos conhecimentos e talentos. Sendo assim, as costureiras alvo dessa pesquisa também compartilham, de certa forma, desse mesmo princípio, pois têm equipamentos que aumentam a sua produtividade; no passado recente, elas costuravam uma bainha à mão e, hoje, levam segundos para fazê-las, bem e uniformemente, utilizando de máquinas galoneiras<sup>14</sup>.

As estratégias de coordenação das tarefas evidenciam as habilidades dos sujeitos para administrar o seu tempo e reduzir a sua carga de trabalho (MAGGI, 2007). O ser humano, em função de competências e habilidades, é o próprio sujeito principal atuante para a condução de um processo estratégico alinhado às normas organizacionais. Sendo assim, o agente social se adequa à contínua mutação dos sistemas sociais; isto é: o seu agir é dotado de sentido. Visando atingir seus objetivos, a costureira Cristina, por exemplo, utiliza seus conhecimentos, experiências e recursos como meios para suas tomadas de decisão; uma delas

---

<sup>14</sup> Máquinas galoneiras são equipamentos específicos para a costura de bainhas.

diz respeito à utilização de diferentes agulhas para diversos tipos de tecidos e/ou roupas, já que existem no mercado diversos tamanhos de agulhas, adequados a diferentes tecidos a serem costurados.

No contexto de costura para terceiros, a pressão temporal relativa à demanda dos clientes não é um fator que dificulta o trabalho e, sim, o grande número de atividades que as profissionais têm de conciliar e realizar simultaneamente. Nesse caso, a pressão é ainda mais agravada porque elas mesmas precisam gerenciar o atendimento aos clientes e suas agendas de datas de entrega, para que possam estabelecer prazos exequíveis, sem sobrecarga de trabalho, e, ao mesmo tempo, fazer os ajustes e/ou as customizações demandadas.

O incômodo, para Cristiana, era o levantar e o sentar, a todo o momento para atender clientes. Esses movimentos atrasam o trabalho, alterando a programação diária, as vezes prejudicando a sequência de peças a serem trabalhadas diariamente. Abaixo, a fala dessa entrevistada a respeito desses movimentos:

é um entra e sai o dia todo aqui! O dia inteiro tem gente entrando nessa porta pra pedir pra gente arrumar: conserta aqui pra mim hoje! Isso que elas dizem e eles querem pra hoje ou pra ontem, nunca pra daqui uma semana! E aí a gente tem muito trabalho. Só que não anda porque toda hora a gente levanta pra atender, entregar uma roupa ou marcar uma roupa e é por isso que não rende! Sexta e sábado então isso aqui é um formigueiro, tem dia que tem que fazer fila, graças a Deus, nem posso reclamar (Cristiana, 30/10/2014).

Às quintas-feiras, sextas-feiras e sábados, o rendimento do trabalho é reduzido consideravelmente; a demanda maior é concentrada nesses dias da semana. Muitos clientes procuram seus serviços nesses dias, solicitando que as peças estejam prontas no mesmo dia ou no dia seguinte; percebe-se que a ideia de roupa nova para usar em um evento, faz com que esse consumidor peça agilidade no feitiço de suas roupas. Observei que as costureiras se preocupam, o tempo todo, com as entregas do dia e se sentem pressionadas no momento em que um cliente exige pressa quanto à entrega de uma peça e há outras entregas já agendadas para o mesmo dia; isso influencia no serviço prestado pelas costureiras e as deixa sob pressão e estresse.

Se, nesses ateliês, cada uma delas tivesse uma recepcionista para atender seus clientes, isso facilitaria muito a sua produção e produtividade. Entretanto, como os rendimentos das costureiras não são muito altos, eles inviabilizam a contratação de recepcionistas.



### 1.3.5. Organização das atividades

Nas oficinas medievais, as guildas, a autoridade existia e era relevante a ideia de que um trabalhador que detinha maior conhecimento que os outros se constituía na maior autoridade em uma oficina. Nessas corporações, havia influência de questão religiosa e o conhecimento passado de geração a geração dignificava o trabalhador. Nesses ambientes a pessoa do chefe possuía, além da autoridade moral, a autoridade religiosa.

Sennett (2012) afirma que a prática da repetição, de geração para geração, contextualizado no exemplo das costureiras que participaram deste estudo, enseja a possibilidade da reflexão na elaboração e do prazer no trabalho realizado.

Nesta pesquisa, não me aprofundo em estudo sobre psicodinâmica do trabalho, mas ela deve ser brevemente citada, por manter relação direta com o trabalho prescrito<sup>15</sup> e o trabalho real<sup>16</sup>. Para Dejours (2007), a psicodinâmica do trabalho envolve trabalho, sofrimento e reconhecimento, cujos sentimentos tornam o sujeito grato nessa construção de identidade social, oferecendo-lhe a possibilidade de transformar o sofrimento em prazer.

Assim sendo, para Duarte (2004), o trabalho prescrito e o real são diferentes e existem em toda forma de trabalho, porque nenhuma tarefa é unicamente manual. Quando o trabalhador executa uma ação de ajuste para encontrar os modos operatórios para se adequar às dificuldades não aparentes de uma tarefa, realiza um trabalho mental, físico e psicoafetivo individual ou coletivo que não é desconsiderado porque, na teoria, esses acontecimentos não existem.

Dessa forma, o trabalho prescrito é a ordem de outro sujeito que se opõe ou se impõe ao trabalhador, mostrando que esses modelos, segundo Taylor, deve ser aquele em que as empresas racionalizam o trabalho e a divisão de funções dos trabalhadores e a teoria de Fayol busca identificar as principais funções do Homem, sendo elas: Planejar, Organizar, Controlar, Coordenar e Comandar. Esses exemplos permanecem na contemporaneidade, sendo hegemônico, buscando controlar as formas de ser e pensar do trabalhador, e o trabalho real é a resistência ao domínio do trabalho técnico e científico; então, o sujeito resiste ao que

---

<sup>15</sup> Referente ao que é esperado de um processo de trabalho específico, tem regras e objetivos fixados pela organização do trabalho e está atrelada à forma taylorista de trabalho, supondo-se que o trabalhador pode apenas executar e não pensar no momento em que se faz a ação.

<sup>16</sup> Os trabalhadores, a partir do que lhe foi prescrito, aprendem e modificam as ações que lhes foram impostas, para melhor atender as suas necessidades e as do processo, criando táticas para a adaptação do prescrito às suas situações reais de trabalho.

lhe foi ordenado e é apreendido pela experiência vivida, tentando garantir o seu próprio bem-estar, a sua eficiência e eficácia na produção de bens e serviços (MACARENCO, 2006).

Diante de uma tarefa inesperada, o sujeito, resistente ao trabalho prescrito, busca a experiência do real para se adequar ao meio. Daniellou, Laville e Teiger (1989) e Duarte (2004, 2007), afirmam que o trabalho prescrito não corresponde ao trabalho real, porque não valida os incidentes, as variações e as suboperações realizadas. É nessa tentativa de adaptação entre o prescrito e o real, situada em um espaço de conflito, que os trabalhadores sofrem as consequências em seu corpo, espírito e personalidade, em sua vida pessoal e profissional.

De acordo com Rossi (2008), as estratégias adotadas pelos trabalhadores é a da autoaceleração do ritmo de trabalho; dessa forma, desviam-se das pressões e dos conflitos, tornando o trabalho menos monótono e repetitivo, além de permitir a obtenção de prazer, na medida em que o seu trabalho é reconhecido.

Neste estudo, ao analisar os ateliês de Viçosa, percebe-se que o trabalho não é apenas o produzir, mas, confirmando o que afirma Dejours (2007), é transformação, reconhecimento do saber-fazer de cada sujeito, amor e satisfação pelo engrandecimento e pela experiência do trabalho, modificando o trabalhador não apenas no momento do seu trabalho, mas a todo tempo, transformando, constantemente, a sua personalidade.

No cotidiano dos trabalhadores – tanto no mundo de produção, como na vida em sociedade –, há diversos procedimentos, rotinas e regras que podemos denominar de códigos de condutas e inventários de tarefas, que podem ser formais e/ou informais. Observa-se, no mundo do trabalho, que a situação de inter-relação tarefa-atividade deve ser avaliada pelas práticas, crenças e valores que se confrontam com as formas de pensar e fazer dos trabalhadores e com os modelos de gestão do trabalho.

Cristiana trabalha com mais duas colegas, com as quais tenta dividir as tarefas, de forma que nenhuma delas fique sobrecarregada. Além da costura, cada uma fica responsável por uma atividade de organização do ateliê, sendo que ela fica responsável, na maioria das vezes, entre outras coisas, por lavar o banheiro e levar para casa panos de chão e prato, para serem lavados.

Os trabalhos, nos ateliês, são realizados de acordo com a lógica de organização do trabalho de cada costureira, demonstrando, assim, uma forma de articulação e socialização. Elas mesmas estabelecem suas prioridades de organização e dividem o seu tempo de trabalho nos seus respectivos ateliês com as suas atividades domésticas e suas relações sociais.

Observei que o trabalho de Cristiana e Maria rende, mais por não se levantarem de suas cadeiras diversas vezes, como Elis o faz. Constatei a adoção do modelo fordista nos modos de trabalhar de Cristiana e Maria, porque, para elas, o importante é produzir ao máximo; já o trabalho de Elis, por ela mostrar maior mobilidade, se aproxima mais da ideia do estudioso contemporâneo Duarte (2004), as atividades repetitivas geram doenças ocupacionais.

Visando à otimização do trabalho, Cristiana, Elis e Maria desenvolveram, como tática<sup>17</sup>, o uso de agulhas de melhor qualidade, que resultam em bom acabamento em vários tipos de tecidos, com o intuito de reduzir o custo, o esforço e o tempo gasto no trabalho com cada peça.

Sennett (2012), no que diz respeito ao artesanato, comenta sobre a forma física que o artífice adquire ao desenvolver uma atividade física, articulando a mão e o cérebro. Demonstra, então, a importância dos movimentos das mãos para a apreensão dos conhecimentos. Os erros, às vezes, levam a novas habilidades e a repetição proporciona consciência e autocontrole da mente nas atividades.

As ferramentas geralmente utilizadas pelas costureiras para executarem os seus trabalhos são linhas, agulhas, tecidos, aviamentos e as máquinas de costuras. De acordo com Maria, Cristiana e Elis, a qualidade dessas ferramentas tem influência direta sobre a qualidade dos produtos finais:

essa agulha aqui ó, é a melhor que tem! Costura calça jeans e blusa fininha! Agulha é cara e demora a trocar, prefiro trocar mil vezes linha do que trocar uma vez a agulha. Aí eu faço isso - coloco essa agulha que deixa toda roupa com um acabamento bom e não troco agulha... e se tivesse que trocar agulha ia ficar mais cara a reforma também... por causa do preço da agulha (Cristiana, 21/10/2014).

Como as costureiras são autônomas e têm liberdade para organizar o seu trabalho da forma que melhor as atenda, em toda a sua dinâmica de trabalho, não há menção a sofrimento. Sennett (2012) aponta que, nas oficinas, deve-se usar da autoridade, que seria antônimo da autonomia, e constata-se, no trabalho das costureiras, que elas desenvolvem autonomia, por não terem, em seus ateliês, pessoas que as comandem, dependendo apenas de si mesmas para realização de suas atividades ao longo do dia.

---

<sup>17</sup> Tática, de acordo com Certeau (1994) são ações de efeitos imprevisíveis, um desvio, alterando a norma exigida pela racionalidade, sendo o oposto de estratégia, originando diversas *maneiras de fazer*. As práticas cotidianas são consideradas como táticas, uma forma de cultura própria onde os consumidores considerados “não produtores” não tem a intenção de qualquer posição de poder, mas fazem escolhas vistas como golpes ou pequenos sucessos, uma modesta conquista dos fracos sobre os mais fortes.

De acordo com Rocha, Mendes e Morrone (2012), o ser humano é capaz de organizar estratégias, para que seu ofício não lhe seja sacrificante:

Para a psicodinâmica, o trabalhador não é vítima passiva de pressões físicas e dos fatores psicossociais presentes no contexto de trabalho. Desenvolve estratégias de mediação e de ressignificação do sofrimento, sendo capaz de reverter uma situação propícia ao adoecimento. Vive, nesta condição, um estado saudável, real, e não ideal, no qual as doenças estão estabilizadas e os sofrimentos psíquicos compensados. Entretanto, quando as alternativas de mediação do sofrimento psíquico fracassam, o caminho ao adoecimento se abre. As doenças se manifestam no corpo ou no psiquismo, sinalizando que as lutas internas ou os mecanismos de defesas se enfraqueceram (ROCHA, MENDES e MORRONE, 2012, p. 5).

A ergonomia ajuda as trabalhadoras no sentido de organizarem adequadamente as suas atividades produtivas, com adequada postura, mais disposição dos móveis e zelo pelo seu bem-estar físico. A Psicodinâmica leva-nos a perceber que existe um bem-estar mental, tendo as participantes, em suas falas, olhares e gestos, demonstrando a sua satisfação com o trabalho, como neste relato de Elis:

eu nunca sento nessa máquina triste - sempre estou sorrindo! Aqui eu esqueço meus problemas, aqui eu me acalmo, converso com meus clientes, faço coisas bonitas e vejo que eles ficam satisfeitos com o meu trabalho! Passa o dia e nem vejo: esse é meu cantinho, meu recanto, faço por amor a profissão (Elis, 09/01/2015).

Elis afirma que não lhe falta trabalho e que, muitas vezes, deixa alguns clientes sem atendimento, porque prefere fazer isto do que deixar de entregar a roupa de outro cliente que está para fazer. Trabalhando de acordo com as suas possibilidades, ela quem consegue administrar o tempo e o seu trabalho, para que este seja realizado dentro do prazo. Portanto, ela não visa apenas à alta produtividade e ao lucro, mas, sobretudo, à qualidade do atendimento aos clientes fiéis, mas não recusaria clientes novos. Sendo assim, o seu trabalho constitui fonte de satisfação pessoal.

como eu fico triste quando não posso atender um cliente! Eu prefiro não pegar a roupa porque aí fica feio pra mim depois se eu não terminar. Fico nervosa se tiver que correr muito. Aí prefiro não pegar, mas isso não acontece muito, graças a Deus eu consigo fazer tudo no tempo (Elis, 28/11/2014).

Pode-se dizer que a relação entre essas costureiras e seus clientes é uma relação de aprendizado e de construção desses indivíduos como ser social. Para Santinello (2011), a atividade de trabalho constrói a identidade do sujeito, por estabelecer relações entre cliente e consumidor. Segundo a autora, aprendizagem, verbalização e estratégia estão envolvidas em

um processo de socialização entre costureira e cliente. Observa-se, então, neste ambiente de trocas, que a relação que se estabelece entre costureira e clientes é marcada por flexibilidade e abertura, possibilitando às partes maior liberdade e possibilidade de ação; ou seja: mesmo o cliente definindo suas necessidades e a costureira tendo competência para o trabalho, essas partes aceitam as limitações que lhes são inerentes.

Cristiana e suas colegas, trabalhando juntas, decidem revezar para atender os clientes. Entretanto, nas quintas-feiras, sextas-feiras e sábados, quando o movimento aumenta, muitas vezes as três costureiras atendem, ao mesmo tempo, diferentes clientes, na mesa de corte. Elas tentam reservar dias e horários para agendamento de atendimento, mas as reclamações e os pedidos para que prestem o serviço com entrega rápida, as vezes para o mesmo dia, por serem peças para uso imediato, por exemplo, fizeram com que voltassem ao que era anteriormente, atendendo os clientes sem hora marcada.

A costureira Cristiana relata que não lhe falta trabalho e que ela e suas colegas deixam, às vezes, clientes que exigem entrega rápida sem atendimento, por não conseguirem terminar em dia as roupas de outros clientes que as procuraram antes. Sendo assim, sentem-se mais confortáveis em não aceitar, em ocasiões de alta demanda, novas encomendas. Cristiana também se preocupa com a fidelização do cliente e pensa que, caso se ela venha a atrasar uma entrega, esse cliente, quando precisar, novamente, de serviços de costura, poderá não voltar ao seu ateliê.

Esses aspectos evidenciam o quanto essas costureiras realizam seu trabalho afastando-se do modo de produção capitalista – taylorista, fordista. Ao contrário do que prevê esse modo de produção, elas realizam um trabalho que privilegia mais a qualidade do serviço e a fidelidade da clientela do que a produtividade e o lucro. Dessa forma, seu trabalho é percebido como algo que lhes traz satisfação e prazer, além de contribuir para a sua sobrevivência.

Maria relata que não lhe falta trabalho, tendo, muitas vezes, de deixar clientes sem atendimento, por não conseguir terminar em dia as roupas das lojas com as quais mantém acordo:

não me falta trabalho: é estudante que procura a gente sempre - nessas festas então eles ficam doidos pra customizar o abadá deles e as moças ficam doidas - uma ideia mais interessante que a outra, precisa de ver. Mas aí quando não tem festa a prioridade que eu dou é pra arrumar as roupas das lojas e depois os passantes que eu tinha te falado que aqui é mais estudante mesmo que vem, né? Quando fico muito apertada eu prefiro ser sincera e não pegar. Às vezes minha colega pega porque ela não mexe muito com pessoal das lojas não... aí acaba que o cliente não precisa sair nem do ateliê pra procurar outro. Mas eu não pego... depois fica feio pra mim falar

com a cliente que não dei conta de terminar... e se ela tava planejando sair com aquela roupa? Aí menina, isso é perder cliente, né? Aí sou bem honesta (Maria, 04/11/2014).

Para não fechar o ateliê e poder atender os clientes que chegam sem horário marcado em fluxo contínuo, Cristiana reveza momentos de lanches com as colegas, a fim de ter sempre uma costureira de prontidão para atender a clientela. No entanto, as costureiras são unânimes em relatar que a entrada e a saída de clientes ao longo do dia faz com que elas interrompam o trabalho a todo o momento, o que reduz o rendimento do trabalho diário. Elas não agendam os atendimentos, por saberem que existem concorrentes na cidade que agem dessa forma, que dá margem a muitas reclamações de clientes que chegam a seus ateliês insatisfeitos com essa forma de serviço. Elas organizam o seu trabalho a partir de *feedback* dos consumidores sobre as suas experiências com a qualidade do atendimento em outros estabelecimentos.

A relação de trabalho estabelecida entre Cristiana e suas colegas é de boa convivência, pois conversam, compartilham vivências e experiências sobre suas vidas, de seus filhos, de outros familiares, de amigos e de colegas. De acordo com Robbins (2010), boa qualidade na relação entre colegas de trabalho melhora o índice de satisfação pessoal. Coraggio (2009), por sua vez, afirma que, em estabelecimentos pequenos, as relações costumam ser mais próximas, lembrando uma unidade familiar. As experiências de cada uma fazem delas empreendedoras que exercitam a prática de *entreaajuda* e a prática de *colaboração* (CORAGGIO, 2009). Nesse ateliê, as relações de convivência se pautam pela ajuda e pela soma de saberes.

Elis registra, em uma caderneta, para controle, o que recebeu pelas reformas das roupas, bem como os gastos eventuais do dia. Apesar de entregar todas as peças em dia, a costureira gosta de se ocupar, primeiro, com as peças de maior valor, porque, assim, se sente mais segura. Para ela, devem ser feitas, diariamente, no mínimo, duas peças de nível difícil, a R\$ 12,00 (doze reais) cada, e cinco peças de nível fácil, no valor unitário de R\$ 3,00 (três reais). Essa participante considera ideal um dia com sete peças feitas, sendo de níveis diferenciados de dificuldade em um dia normal de trabalho. Excepcionalmente, há peças com relação às quais são cobrados valores, por unidade, de R\$ 5,00 (cinco reais) a R\$ 8,00 (oito reais). No que tange a forma de conduzir o seu trabalho, o aprendizado se deu a partir de sua experiência do dia a dia, da melhor forma que atendia suas necessidades e as dos seus clientes.

Para Elis, a organização financeira é fator de extrema importância. Além de anotar em sua caderneta todo o dinheiro que recebe e tudo o que gasta, ela guarda em uma pasta

todos os recibos de aluguel, faturas de energia elétrica e do celular, gastos relativos à manutenção das atividades do ateliê, etc.. Estabelece, ainda, metas diárias a serem alcançadas, ocupando-se com, no mínimo, três peças no valor mais alto e o restante em consertos de valores menores, mas se preocupa, também, em entregar todas as peças em dia. Essa forma de organização de Elis é utilizada para ela se manter tranquila quanto às suas metas e fazer seus planos ao longo do mês.

O controle diário de entrada e saída de recursos é importante e necessário para Elis, já que é com esse dinheiro que ela sustenta a sua família e faz a manutenção da sua casa e do seu ateliê. Ao longo de sua fala, observei a sua preocupação com o dinheiro, apesar de, diversas vezes, no entanto, afirmar que “ajuda” o marido, é ela quem mantém a casa, com o seu trabalho. O seu marido trabalha como pedreiro e não sabe ao certo quanto ou se irá receber no mês; por esse motivo, ela se preocupa em anotar na caderneta o faturamento diário, os gastos e lucros.

Cristiana prepara os trabalhos de customização das peças de seu cliente de acordo com a demanda de entrega e não se preocupava se o valor de cada peça é maior ou menor, afirmando que, estando prontas, as peças representam tranquilidade para atender o próximo cliente. Ela prefere atender sua clientela por ordem de chegada. Para manter esse critério, prefere pegar poucos serviços de urgência.

Sua maior preocupação é com a entrega e tudo o que recebe é anotado em um caderno, bem como os gastos que tem com aviamentos:

e não pode esquecer de marcar na caderneta senão a gente trabalha e não sabe pra onde o dinheiro tá indo. Marco tudo e quando aumenta o pão eu aumento o meu preço aqui e quando aumenta o leite aumento aqui também e quando aumenta a luz eu aumento aqui também, se eu não aumentar fico que nem boba trabalhando de graça (Cristiana, 30/10/2014).

Agindo dessa forma, Cristiana demonstra valorizar o seu trabalho. Apesar de manter a casa onde mora, o marido de Cristina tem trabalho fixo e, apesar de morar fora da cidade, envia, mensalmente, dinheiro aos filhos, sendo que Cristiana não repassa o dinheiro aos filhos, guardando-o em cadernetas de poupanças separadas, pensando no futuro deles. Esse fato faz com que ela se sinta mais confortável com a sua situação que, de acordo com essa costureira, anota para “saber o valor ao final do mês de seu trabalho” e planejar como e de que forma será gasto o que recebeu no mês.

Maria, por outro lado, não faz anotações do que recebe e do que gasta. Tem contrato de prestação de serviços com algumas lojas que lhe encaminham peças que

necessitam de ajustes. A loja se incube da marcação dos ajustes e, também, de levar e buscar as peças. O seu contato com os clientes é, portanto, menor. O recebimento é mensal e, por isso, ela não se preocupa em anotar o valor recebido e os gastos. Ela se sente mais confortável, recebendo em torno de R\$ 1.400,00 por esses serviços, e utiliza o dinheiro recebido de clientes “passantes” para pagar o almoço e o lanche do dia. Quando há sobra, ela guarda o que sobra em um cofrinho no ateliê, o qual abre a cada três meses e utiliza o dinheiro para fazer um agrado à neta e/ou para comprar para si mesma, algo de que goste.

Por receber mensalmente um valor que julga ser “de bom tamanho” para a manutenção do ateliê, de sua casa e para seus gastos individuais, Maria se sente confortável e satisfeita por estar em uma fase em que seus filhos já trabalham e ela trabalha unicamente para o seu sustento; Maria prefere não anotar as entradas e saídas do ateliê, por entender que isso “dá muito trabalho”.

A autonomia de Elis ao organizar o seu tempo e a ordem de seu trabalho assegura sua eficácia e segurança nesse processo. Com a experiência de anos de trabalho, ela criou suas próprias regras e é capaz de decidir e escolher a melhor forma de aproveitar o seu dia no ateliê.

Quando perguntadas se levavam roupas para arrumar em casa, elas informaram que não. Cristiana relata que, quando iniciou sua atividade de costura em seu próprio ateliê, ela sempre levava, mas a sua família cobrava atenção e, além disso, sentia-se cansada com o volume de trabalho. Ela menciona que:

aqui eu não tenho problema com cliente. Quando eu não posso as colegas podem, mas pegar sem poder eu não faço isso de jeito nenhum. Depois é ruim pra todas nós que os clientes não voltam (Cristiana, 27/10/2014).

Já a costureira Maria relata que, quando iniciou trabalho de costura em ateliês, sempre levava trabalho para casa, mas que “a idade chegou” e ela se sente cansada com o volume de trabalho, além de ter sentido necessidade de aproveitar o convívio com a neta e de ter seus momentos de lazer.

Elis, por seu turno, explica que, quando chega em casa, tem as atividades domésticas para fazer. Assim, não tem tempo para trabalhar nas peças do ateliê. Além disso, informa que, em alguns dias, se sente cansada com o volume de trabalho. Assim como Elis, o fato das costureiras se organizarem para realizar as suas atividades de trabalho fora do lar contribui para o seu bem-estar e de suas famílias.

Os relatos sobre as formas de organização do trabalho dessas costureiras possibilitam confirmar a assertiva de Lima (2010), que defende que a atividade flexível no



trabalho torna o operador mais autônomo em suas atividades. O trabalho comporta uma dimensão coletiva e cada tarefa está conectada a outras, que estão dispostas em diferentes níveis hierárquicos na organização. Dessa forma, as ações são ordenadas para o alcance do resultado desejado. Assim, o coletivo pode influenciar as normas organizacionais, regulando o processo de trabalho, projetando eficácia. Para esse estudioso, o trabalho proporciona autonomia quando oferece a quem o realiza a capacidade de influenciar as normas e modificá-las. No seu espaço de ação, o sujeito é um ser ativo que escolhe e decide a forma mais adequada para realizar o seu trabalho, intervindo para interagir ou modificar as regras que o disciplinam.

Elis, Cristiana e Maria demonstram autonomia em suas decisões com relação à sua lógica de organização do trabalho. Amaral Júnior (2013), a propósito, destaca que a autonomia pode advir da prática, da experiência e da “liberdade individual”, e afirma que cada sujeito tem uma decisão única (p. 23). Essa afirmativa é válida para as costureiras deste estudo, uma vez que questões relativas ao seu trabalho são decididas baseados nos conhecimentos que acumularam ao longo dos anos no ofício.

Com relação às decisões ordinárias e extraordinárias nos processos produtivos, essas costureiras demonstram autonomia de decisão e, por isso, são as únicas responsáveis pela organização dos seus formatos de trabalho, pela distribuição do seu tempo e pelo sequenciamento das suas atividades. No entanto, é preciso ressaltar que a autonomia tem uma importante dimensão socialmente compartilhada. Portanto, sempre estará condicionada aos saberes dessas mulheres e aos saberes das outras pessoas que se envolvem nessas atividades – como as suas clientes e as suas colegas de trabalho.

Dessa forma, elas exercem, simultaneamente, um conjunto de atividades distintas e que exigem atenção e *expertises* específicas. De acordo com Pereira (2006, p. 112), as habilidades, os saberes e as competências que as mulheres adquirem em seu cotidiano, como donas de casa, são aplicadas no trabalho, como a paciência, a multifuncionalidade e a atenção.

Sennett (2012), em *O Artífice*, entende que os diferenciados espaços de trabalho – como as guildas medievais, os ateliês, e as oficinas, locais dos artífices – se concretizam nos espaços sociais de trabalho, tendo diferentes normas, hierarquias e organização do trabalho que geram suas motivações pelos afazeres. No entanto, esse pesquisador pondera que as formas como se organiza o trabalho podem, às vezes, contribuir ou não para a construção de conhecimentos e elaborações outras, que seriam transmitidas a outras gerações. Rompe-se, assim, o caráter coletivo do trabalho e centraliza-se o conhecimento.

Observa-se nessas costureiras, o sentido do trabalho associado à capacidade de fazerem parte do mundo laboral e de serem reconhecidas, em suas relações de trabalho, pela sociedade em que vivem.

### **1.3.6. A dinâmica entre as atividades domésticas e o ofício de costureira**

Sobre as costureiras pesquisadas, todas elas realizam trabalho doméstico, embora com suas singularidades, ainda fazem os serviços da casa. Com as mulheres cada vez mais inserida no mundo do trabalho, isso não significa que a relação com o trabalho doméstico tenha se modificado e daí advém a contradição entre “autonomia financeira e sobrecarga de trabalho e de tempo de trabalho em decorrência de uma jornada de trabalho assalariado e trabalho doméstico não assalariado” (ÁVILA e FERREIRA, 2014, p. 18). Essa forma de trabalho das mulheres tem impacto sobre o valor de trabalho realizado por homens e mulheres, mostrando as diferenças salariais entre esses gêneros, além de naturalizar o que a mulher faz no trabalho produtivo, como as habilidades que já são desenvolvidas por ela no espaço doméstico. Já no espaço doméstico essa diferenciação também é marcante, posto que a maior parte das atividades do lar é feita por mulheres, quando não fica totalmente sob a sua responsabilidade (ÁVILA e FERREIRA, 2014).

No que diz respeito às refeições, Elis almoça todos os dias em casa, porque preparava o almoço para o marido e para os filhos. Ela leva o seu lanche para o ateliê e faz duas pausas para se alimentar, diariamente: uma de manhã e, outra, à tarde; nos seus momentos de lanches, ela cerra à meia altura as portas do estabelecimento, para que não entre cliente; no entanto, nos dias em que há grande quantidade de peças prontas a serem entregues, ela deixa as portas levantadas mesmo no seu horário de almoço. De acordo com Elis, quando surge imprevistos e não consegue levar seu lanche, ela vai ao mercado e compra alguma coisa para comer. Seu depoimento sobre esse procedimento está registrado no trecho transcrito a seguir:

vou em casa todo dia, meu marido não lava um garfo e eu tenho que fazer o almoço pra ele e meus filhos, mas é só o simples mesmo tá entendendo? O arroz, feijão a maioria das vezes um bife e alface, tomate e cenoura, às vezes uma couve quando tá bonita na venda lá perto de casa e um angu quando minha menina tem boa vontade de me ajudar. Fica mais barato, se eu almoçar na rua e eles também eu vou viver pra pagar restaurante, ou morrer pra pagar, não é? Então, o dia que eu tô muito apertada faço um macarrão e sapeco o frango no óleo e pronto, e aí não tem nem salada (Elis, 15/10/2014).

Apesar de sentir a sobrecarga de trabalho, Elis não tem intenção de transferir as responsabilidades relativas à alimentação aos demais membros da família, porque se vê como responsável por nutrir a seus descendentes. Como se pode observar em sua fala, ao pensar em uma estratégia para o almoço, ela se incumba da responsabilidade de preparar refeição para todos e não vê, como alternativa, a divisão das tarefas do lar, com a cooperação de seus filhos e do marido, que poderiam assumir essa atividade, apesar de afirmar, diversas vezes, que gostaria de contar com a ajuda da filha para organizar a casa; mesmo tendo outro filho, ela cita apenas a filha para ajudar nas atividades domésticas. Mais uma vez, constata-se o *habitus*, de que fala Setton (2002), operando.

De acordo com Sorj (2004a), Hirata (2007) e Bruschini e Lombardi (2008), nas classes pobres as mulheres como são as costureiras: convivem com o conflito da dupla jornada de trabalho, o que muitas vezes as diferencia das mulheres de classe média, que delegam essa responsabilidade a uma terceira pessoa: a empregada doméstica. De acordo com Tedeschi (2012, p. 26), “as mulheres sempre foram representadas como portadoras de ‘poderes’ restritos ao campo da vida privada, cujos significados estiveram associados aos seus atributos biológicos”.

Neste sentido, apesar de Elis se sentir sobrecarregada, ela não solicita ajuda aos filhos e ao marido. Em diversas falas, relata que, em sua casa, quando criança, sua mãe e irmãs eram responsáveis pela organização do lar. Verifica-se nas costureiras o que Machado, Santiago e Nunes (2010) afirmam como homens e mulheres constroem suas práticas dentro de uma lógica social e incorporam essas representações. Assim, em uma sociedade patriarcal, essas práticas geram atitudes de dominação/submissão, afirmando que homens e mulheres que cresceram em sociedades patriarcais colocam sua posição social de gênero sob a pressão originada da divisão do trabalho na unidade produtiva familiar, das relações de poder estabelecidas no ambiente familiar e fora dele.

O trabalho da mulher, em alguns casos, é entendido como uma expansão do seu papel de mãe/esposa/dona de casa, que se sobrepõe ao trabalho de costureira (PROST, 2012; TEIXEIRA, 2015). Mesmo Elis recebendo mais do que o marido, a costura é tida por ela como uma extensão das tarefas domésticas, uma vez que foi aprendido com a sua mãe, dentro da sua casa.

No caso de Cristiana, ela almoça todos os dias em casa. Não leva peças para finalizar em sua residência e não trabalhava até mais tarde, uma vez que também é a responsável pela organização do lar. Eis o seu depoimento sobre esse aspecto da sua vida:

eu faço questão de ir em casa, fico lá duas horinhas, faço almoço todo dia! Meus filhos tão folgados demais! Desce pra almoçar no restaurante mais não tem coragem de fazer um ovo frito... aí eu vou pra fazer o almoço porque meu filho tava dando anemia de só comer porcaria e eu não tava dando conta de pagar restaurante pra três. Da minha filha eu não peço muita coisa esse ano porque ela tá fazendo cursinho ‘tadinha’ e quero que ela se prepare! Então eu vou em casa e aproveito pra curtir eles um pouquinho, que é tudo tão corrido, né? (Cristiana, 16/10/2014).

Essa fala de Cristiana evidencia a relação entre os dois trabalhos – da casa e do ateliê – e mostra como ela tem de dar conta de todos os afazeres, o que exige demais dela. Percebe-se que Cristiana vinculava as suas atividades domésticas à demonstração de amor, de cuidado e de carinho para com os membros da sua família. Ela incorporava o papel socialmente disseminado, quanto à tipologia feminina, de uma mulher que, inclusive, pode trabalhar fora e colaborar, arcando com parte das despesas financeiras. Assim, ela preferia ficar com o acúmulo de tarefas do ateliê, onde os filhos e o marido não se envolviam, priorizando a manutenção da “vida no lar”. De acordo com Silva (1998, p. 25):

a vida no lar é feita de relações e de trabalho. Mas quando se fala do lar são principalmente os aspectos afetivos que se invoca. O trabalho do lar tem significado primordialmente afeto, e seu esforço tem sido invisibilidade pela áurea do cuidado e carinho. No centro do trabalho e das relações do lar comumente encontra-se a dona de casa, concebida como encarregada do conforto, saúde e bem-estar de todos os membros do seu domicílio (SILVA, 1998, p. 25).

Em suas falas, olhares e ações, Cristiana demonstra que se sente realizada por ser responsável pelas tarefas domésticas e se ocupar dos cuidados com os filhos. Acredita que ir em casa todos os dias e fazer o almoço, não atrapalha o seu rendimento no trabalho e, assim, volta satisfeita ao ateliê, sabendo que seus filhos fazem suas refeições próximos dela. Argumenta que, neste momento de encontro familiar diário, conversam e ela procura saber o que estava acontecendo nas rotinas deles.

No caso de Maria, ela prefere almoçar em restaurante próximo ao seu trabalho, fazendo uma hora de almoço. Entretanto, em alguns dias, pede “tele-marmitex”, porque, assim, consegue trabalhar mais:

eu peço marmita ou às vezes vou num restaurante, mas não vou em casa, minha filha almoça na rua com minha neta e ir pra casa pra fazer almoço só pra mim não me

adianta perco tempo aqui no serviço e me canso, você sabe menina que fica até mais barato e a gente não enjoa, se tiver enjoada só ligar pra outro tele-marmitex e pronto e tem dia que eu não gosto da comida que tem em um e eu ligo pra outro, peço meia marmitex e fico satisfeita (Maria, 28/11/2014).

Maria está em uma fase de seu ciclo familiar em que dois filhos moram fora de casa e apenas a sua filha mais velha e a sua neta residem com ela. Dessa forma, tem maior autonomia para gerenciar o seu tempo e as suas escolhas e para estabelecer as suas próprias regras.

No horário do almoço, Elis e Cristiana vão às suas casas, uma vez que são responsáveis pelo preparo do almoço e fazem isso para melhor atender suas respectivas famílias. Maria faz suas refeições, todos os dias, no seu ateliê, pedindo marmita ou indo a algum restaurante próximo. Em todos os momentos em que foi questionada sobre o almoço, Maria informou que considera ser muito melhor se alimentar no próprio local de trabalho, porque, assim, no final do mês, há pouca diferença nas contas, pois contabiliza o valor das passagens de ônibus, além de perder muito tempo se fosse almoçar na sua casa. Apesar de ter a filha e a neta que moram com ela e almoçam em casa, prefere que a sua filha assuma a responsabilidade de preparar as refeições.

Elas trabalham de segunda-feira a sábado, sendo que, neste último dia, atendem até às 13h. Aos domingos, Maria lava as roupas da casa e Elis faz almoço “mais caprichado” para os filhos e participa de alguma atividade com eles e o marido. Cristiana, por sua vez, diz que sai para almoçar em restaurante, arruma a casa e assiste à televisão. Todas informam que não fazem trabalho algum relacionado à costura, nos fins de semana.

Assim sendo, percebemos que essas mulheres, apesar de trabalharem fora de casa, não deixam de cumprir seu papel dentro do ambiente doméstico, sendo por elas contabilizadas as horas de trabalho feitas nos ateliês e não nos trabalhos realizados em suas casas. Além disso, elas se preocupam em dedicar tempo às suas famílias e ao lazer, cumprindo a representação, o papel que, socialmente, lhe é atribuído.

## CAPÍTULO 2

### COSTUREIRAS DE MODA EM VIÇOSA - MG E SEU OFÍCIO.

Uma das características observadas no setor de moda em Viçosa, Minas Gerais, é uma grande oferta do comércio local de produtos prontos e a presença, em paralelo, dos ofícios de costureira voltados para reformas e adaptações. Encontrei no meio das profissionais desses ateliês a dupla jornada de trabalho. Nesse sentido, torna-se a questão relevante quando pensamos o cotidiano laboral desses profissionais. Sobre essas questões fui buscar, mais uma vez, os estudos de Certeau (1994), sobre o cotidiano.

As questões do cotidiano ter surgido constantemente nas pesquisas e estudos, no geral, deve-se ao fato de o tema cotidiano frequentemente aparecer nas pesquisas e nos estudos das Ciências Sociais e Humanas em geral, o que demonstra o interesse dos pesquisadores pelas chamadas “questões do dia-a-dia, pelas questões mais rotineiras que envolvem os acontecimentos diários da vida e os significados que as pessoas vão construindo, nos seus hábitos, nos rituais em que celebram” (CHIZZOTTI, 1995, p. 88). Partindo do pensamento sobre o significado de cotidiano, Certeau (1994) revela que:

o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada (CERTEAU, 1994, p. 31).

Dessa forma, observando e analisando as práticas cotidianas, Certeau (1994), em seu estudo, analisa o homem ordinário, fraco e comum, que usa de táticas e estratégias<sup>18</sup> para lidar com o consumo, o trabalho e as decisões no dia-a-dia.

Diante do desemprego nas últimas décadas, o trabalhador tem recorrido a, e feito uso de táticas e de estratégias como forma de sobrevivência, observando-se, com isso, aumento do mercado informal. Parte desse aumento da informalidade advém das terceirizações nas indústrias, trabalhadores ambulantes do comércio de rua, trabalhadores em

---

<sup>18</sup> Certeau, em seu livro *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (1994), “procura delinear uma teoria das práticas cotidianas e identificar uma espécie de lógica operatória nas culturas populares. Lógica do avesso e da teimosia, fundada quase que apenas no real, pois recusa a escrita como espaço da dominação e do controle; lógica do informal, porque utiliza suas táticas conforme as estratégias dos outros; lógica do instável, porque, sem qualquer ponto de ancoragem emocional busca, afinal, a própria sobrevivência” (SALIBA, 2009, p. 162).

domicílios e dos pequenos prestadores de serviços, entre os quais se incluem as costureiras de ateliês de consertos (HIRATA, 2000; ANTUNES, 2000; MATOS e BORELLE, 2012).

O que poderia ser considerado como *hobby*, para alguns, pode ser considerado como trabalho, para outros. Sendo assim, a dona de casa que confeccionava roupas para sua família, ou fazia pequenos consertos, hoje pode ter o seu próprio ateliê.

As atividades que as costureiras realizam diariamente em seus postos de trabalho e os serviços domésticos, entre outros, fazem parte de seus cotidianos no sentido que trabalha Certeau em seu livro *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Portanto, ao observar neste estudo a dinâmica do trabalho das costureiras em seu dia a dia, nos leva ao questionamento que percorrem toda a trajetória destes escritos: qual(is) motivos levam essas mulheres a abrir ateliês; porque o centro da cidade foi escolhido para a abertura desses estabelecimentos; e se o ofício do ateliê influencia as relações que se estabelecem em seus lares?

Para refletir sobre estes questionamentos busquei explorar o funcionamento dos ateliês a partir dos seguintes analisadores: trabalha como opção e o trabalho como motivo de orgulho. Da mesma forma, procuro apresentar uma discussão sobre informalidade e em seguida a dupla jornada de trabalho à qual estão submetidas as costureiras de ateliês de reformas de roupas no município de Viçosa - MG.

## **2.1 A oferta de moda em Viçosa**

Para responder as questões que foram surgindo durante o trabalho de campo, busco fundamentação teórica em trabalhos cuja abordagem estabelece relação com a lógica marxista da organização capitalista. O trabalho de Arendt (2004) serve, neste estudo, para analisar as formas de trabalho e relações que elas estabelecem com o tempo. Os de Antunes (2000 e 2009), a descrição do trabalho no Brasil. Por sua vez, os estudos de Sennett (2004, 2012) analisam o modo flexível do trabalho individual, em sua contemporaneidade.

## **2.2. Informalidade**

Para observar a questão da informalidade, dirijo o meu olhar à obra de Ricardo Antunes (2000 e 2009), quando ele analisa o trabalho e a sua afinidade com o indivíduo,

abordando o conceito de trabalho sob pontos de vistas interrogativos, tais como: existe um processo de mudança social em relação à diminuição do trabalho tradicional, típico da era do fordismo?<sup>19</sup>; que transformações ocorreram nas representações e nos sindicatos dos trabalhadores?; e como se configurou a descentralização dos estatutos da categoria trabalho existentes nas práticas da sociedade contemporânea?

No contexto do estudo sobre o ofício das costureiras, ora relatado, é imprescindível considerar o trabalho feminino, marcado por dupla jornada, e suas transformações, bem como o conceito de informalidade que, a partir dos anos 1990, foi tratado pelos trabalhadores como uma forma de escapar do desemprego e garantir uma fonte de renda, de acordo com Jakobsen, Martins e Dombrowski (2000) e Oliveira (2009). Dados da Organização Internacional do Trabalho - OIT apontam que, na América latina, de 1986 a 1996, para cada 100 (cem) novas ocupações, 80 (oitenta) eram informais.

Como trabalho excedente realizado por trabalhadores ativos cuja ocupação é inteiramente irregular, as costureiras estudadas nesta pesquisa não atendem ao perfil que o governo denomina como sendo de modelo formal de trabalho<sup>20</sup>, mas são profissionais da costura que estão nos pequenos comércios e no setor de serviços, que exige delas experiência e conhecimento, mas não escolaridade elevada (PEREIRA, 2006).

Cabe salientar que as literaturas nas áreas da Economia e Sociologia, nos anos de 2005 a 2015, relativas ao conceito de informalidade, não apresentam consenso sobre o termo “informalidade”. Trataremos, especificamente, neste estudo, dos trabalhadores que não têm registros em carteiras de trabalho e não mantêm vínculo com a Previdência Social.

Duas categorias de trabalhadores estão inseridas no processo de informalidade: os assalariados sem registro (os que não possuem um conjunto de garantias sociais e os que são contratados de forma ilegal) e os trabalhadores autônomos, que trabalham por conta própria; ou seja: trabalham na área de prestação de serviços e visam à obtenção de uma renda para a manutenção própria e para a da sua família (CACCIAMALI, 2000, p. 167).

São considerados informais: camelôs, artesãos, terceirizados e autônomos que vendem produtos ou serviços, estando nesse último o perfil das costureiras que trabalham com

---

<sup>19</sup> Antunes (2000, p. 23) explica que entende o fordismo “fundamentalmente como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidaram-se ao longo deste século, cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro taylorista e da produção em série fordista; pela existência do trabalho parcelar e pela fragmentação das funções; pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do operário-massa, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões”.

<sup>20</sup> Neste trabalho, considero trabalho formal aquele cujo trabalhador tem a sua carteira de trabalho e previdência social assinada.



reformas de roupas em ateliês de costura. Diante das dificuldades enfrentadas para encontrarem emprego com direitos trabalhistas assegurados, muitas mulheres sujeitam-se a longas jornadas de trabalho, com baixos salários, para garantir a sua sobrevivência (ANTUNES, 2006; MATSUO, 2009).

De acordo com Noronha (2003), abordagens em diversas áreas – como, por exemplo, econômica, jurídica e social – do tema “informalidade” vêm sendo levantadas em pesquisas, de acordo com épocas, região ou segmento de mercado. Segundo esse pesquisador, no início do século XX, no Brasil, começou a se desenvolver o mercado de trabalho, no sentido moderno do termo, como forma predominante de produção de bens e serviços; ou seja: somente nas décadas de 1930 e 1940 foi estabelecido um código de leis do trabalho; anteriormente, as regras do trabalho eram negociadas da maneira que o empregador definisse como justo.

A partir dessas décadas, de 1930 e 1940, começou-se a diferenciar o que seria “formalidade” de “informalidade”, graças ao Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (Consolidação das Leis do Trabalho - CLT), sendo o “formal” pertinente às noções de cidadania e de direito social. Na década de 1970 em diante, o trabalho formal passou a ser considerado popularmente como aquele que implicava “carteira assinada”, registro autônomo ou *status* de empregado sob as ordens de um empregador. Devido ao aumento do nível de desemprego, nos três primeiros anos da década de 1980, o informal foi considerado como um problema que vinha se alastrando por todo País, até que, nos anos de 1990, esses números alcançaram patamar que marcaram a economia brasileira (SILVA, 2014; LEITE, ARAÚJO, LIMA e HOLZMANN, 2015).

Um acontecimento que provocou mudanças significativas no mundo do trabalho foi a revolução tecnológica do final do século XX, que tratou de uma reestruturação produtiva, podendo-se citar, entre as suas consequências, a precarização das relações de trabalho, os altos índices de desemprego, as alterações nas políticas trabalhistas e a redução dos direitos trabalhistas e dos benefícios sociais do trabalhador (ANTUNES, 2006, 2009; NASCIMENTO, 2010; LIMA e SOUZA, 2014). Essa revolução fortaleceu o mercado de serviços e, portanto, oportunizou a revitalização do trabalho autônomo.

Diante do desemprego, o trabalho por conta própria cresce a cada ano, como opção para aqueles que desejam se desenvolver a partir do que têm de conhecimento adquirido ao longo das suas vidas (RODRIGUES, 2001; ZATTI, 2007). O trabalho autônomo tem sido uma opção, principalmente, pela ideia da flexibilidade de horários, pela autogestão

de sua forma de trabalho e pela organização de suas atividades (MARTINELLI, 2009; LIMA, 2010).

No que diz respeito à inclusão feminina no trabalho (ao ingresso dessa mão de obra no mercado de trabalho), a informalidade pode ser um atrativo principalmente para as mulheres de classe baixa, porque há casos em que se configura como a única opção de geração de renda, tendo em vista o fato de mães trabalhadoras não terem com quem deixar os filhos ou a quem transferir a responsabilidade pelos serviços domésticos. Embora seja corrente e executado por uma grande parcela da população brasileira, o trabalho informal é invisível, visto que não é computado nas estatísticas formais de trabalho (NEVES, 2000; PACHECO, 2005; ABRAMO, 2006, 2007; MATSUO, 2009).

De acordo com o IBGE (2013), a taxa de informalidade no mercado de trabalho brasileiro teve queda de 34%, em 2012, para 33%, em 2013, e para 32,2% em 2014, representando as mulheres o maior percentual nesse setor: 66,4%. Assim sendo, as mulheres buscam na informalidade recursos para ajudar nas despesas da família ou para manter as suas famílias. Mesmo com a sua inserção no mercado formal ou informal, permanece a dupla jornada de trabalho da mulher, sendo ela, ainda, quase sempre, a única responsável pelos cuidados com seus lares (SORJ, 2004a, 2007; NEVES E PEDROSA, 2007).

Estudos feitos pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2008), em seis regiões metropolitanas do Brasil, sobre o trabalho informal, constatou que:

dos trabalhadores pobres no setor informal em um dado mês, 3% ficavam acima da linha de pobreza no mês seguinte. No setor formal, o percentual era de apenas 1%. Entre os desempregados, 6% da população deixava de ser pobre todo mês [...] Isso sugere que o setor formal não ajudou tanto as pessoas a escaparem da pobreza quanto o setor informal [...] Por outro lado, a chance de desempregados e trabalhadores informais caírem na pobreza é maior: a cada mês, 3% e 4%, respectivamente. Entre trabalhadores que ocupam postos no setor formal, 2% viram pobres a cada mês (PNUD, 2008 s/n.).

Essas informações mostram as dificuldades enfrentadas pelos profissionais que vivem na informalidade, comparativamente à situação dos que trabalham na formalidade, uma vez que aqueles ficam desprovidos de auxílios, em tempos de turbulências econômicas e garantias trabalhistas garantidas na formalidade. Esse cenário pode ser observado no âmbito dos diversos grupos de mulheres que exercem esse tipo de trabalho, inclusive no do grupo das mulheres costureiras que trabalham nos ateliês de Viçosa, que integram este estudo. Essas costureiras, que vivem graças às rendas provenientes das reformas de roupas em ateliês de

costura, estão nessa situação de trabalho, sem gozar de proteção social, muitas vezes, elas não conseguem contribuir, regularmente, para a Previdência Social ou até não contribuem, uma vez que atuam no mercado informal, frequentemente bastante precário. No entanto, mesmo com as dificuldades do mercado, o trabalho informal é necessário para a geração ou o complemento da renda familiar e para a autonomia da mulher.

### **2.3. Dupla jornada de trabalho feminino**

A literatura científica que serviu de apoio para esta pesquisa, de modo geral, aborda a jornada de trabalho sinalizando para o fato de que a influência do ofício, no viver cotidiano e nas atividades formais, é crescente, porque é por meio dele que são obtidos recursos para a sobrevivência. Estudos mostram que a reestruturação produtiva vem atingindo mais fortemente as mulheres (HIRATA, 2002), isso em função do que aponta Roriz (2010) que atualmente, o fato de ser mulher, mãe de família, é, em grande parte, combinado com a condição de trabalhadora de fora de casa.

O tema “trabalho feminino” torna-se mais visível na década de 1970, quando historiadores e cientistas sociais começaram a levantar dados e acontecimentos ocorridos após a Revolução Industrial, entre 1760 a 1820, sobre esta temática (PERROT, 2013).

De acordo com Neves (2000), as mulheres pobres são as que estão em condições menos favorecidas no mercado. Observando esse fato, a aceitação de trabalhos temporários, informais e com baixo nível de qualificação é apontada como nicho para essas trabalhadoras, constituindo-se, muitas vezes, a única fonte de renda para subsistência, e não um recurso para promoção do bem-estar pessoal e da família dos(as) trabalhadores(as).

Nas transformações históricas ocorridas mundialmente, o crescimento do trabalho feminino muitas vezes é absorvido pelo trabalho informal ou por trabalhos denominados “secundários”. Dessa forma, as condições de trabalho, os direitos sociais e os salários das mulheres ficam aquém daqueles percebidos pelos homens, mesmo que tenham a mesma escolaridade e realizem o mesmo tipo de atividade. Como consequência, o ofício da mulher é geralmente caracterizado como precário, de menor salário, com jornada mais prolongada, comparativamente aos homens, e marcado pela informalidade, sendo os seus saberes banalizados, como se as mulheres já tivessem nascido com tarefas pré-determinadas para o seu cotidiano. (ABRAMO, 2007; PERROT, 2013)

O trabalho informal, do qual participam as costureiras, ocorre, muitas vezes, na forma de trabalho flexível e precário. Entretanto, possibilita a esses atores sociais geração de renda para a manutenção familiar e a sua inserção no mercado de trabalho. A economia informal vem crescendo e atinge as médias e pequenas cidades do Brasil; em cada localidade, ocorrem de formas diferenciadas, por nelas constituírem contextos socioespaciais específicos e se encontrarem grupos com interesses diferenciados (LELIS, 2011).

Com isso, constata-se as formações de guetos e grupos menos favorecidos e discriminados pela sociedade, fazendo com que a aceitação de serviços precários aumente cada vez mais, já que a tecnologia e a informatização são, também, formas de exclusão desses trabalhadores do trabalho denominado formal (HIRATA, 2007), é neste contexto que encontrei, em parte, o trabalho de costura em Viçosa - MG.

#### **2.4. As costureiras e a moda no Brasil**

A moda chega ao Brasil aproximadamente nos anos 1500 e, até o início do século XX, assimila o vestir da sociedade europeia. No final do século XVIII, imigrantes francesas e italianas se destacaram como modistas<sup>21</sup>, em nosso País, e observa-se, a partir desse fato, aumento do consumo de moda, destacando-se a frivolidade no vestir, posto que essas profissionais não confeccionavam as roupas, eram apenas responsáveis por embelezar as peças. Até 1808, as roupas eram trazidas prontas da Europa ou costuradas pelos portugueses, com seus ajudantes negros escravos (PRADO e BRAGA, 2011).

Em 1910, com a fundação da Câmara Sindical da Costura Parisiense, em Paris, passa a ser distinto o que é costura e o que é confecção, sendo essa última marcada pela procura por peças competitivas no mercado e padronizadas. A comercialização de roupas prontas teve início nas décadas de 1910 a 1940, mas o que se via eram roupas feitas por modistas, alfaiates ou costureiras que serviam a um público de luxo, que tinha acesso a tecidos importados, e do outro lado, a uma população que vestia roupas feitas em grande escala, com tecidos rudimentares e padronizados (PRADO e BRAGA, 2011).

No Brasil, para as moças de classe alta, o ofício da costura servia como forma de ocupar o tempo ocioso e de demonstrarem serem boas dona de casa; já para as moças de

---

<sup>21</sup> Profissional que, até os anos de 1960, criavam e/ou copiavam modelos e modelavam peças de roupas. Atualmente, chamamos essas profissionais de costureiras, estilistas ou *designers* de moda (PRADO e BRAGA, 2011).

classe baixa, era uma maneira de obterem uma renda extra para as suas famílias, sendo que elas poderiam, também, ajudar nas atividades do lar. Tal era a situação que o presente de casamento mais comum era uma máquina de costura (PRADO e BRAGA, 2011).

Nos anos 1950, em nosso País, o cinema era a forma de as mulheres se inspirarem e saberem o que estava na moda; a atriz Eliana Macedo e a sua mãe confeccionavam roupas inspiradas nos filmes de Hollywood e de revistas nacionais e internacionais e as adaptavam ao clima, aos tecidos disponíveis e às necessidades das brasileiras. As costureiras donas de casa da classe média eram as que trabalhavam para vestir as suas famílias e eram, também, as que costumavam para outras famílias, seguindo as tendências do cinema e de revistas. As confecções seguiam com cópias da moda de Paris; mesmo assim, não estavam acessíveis para todas as classes sociais (PRADO e BRAGA, 2011).

Mudanças nas confecções foram observadas, a partir dos anos 1960, no mercado brasileiro, quando as criações nacionais começaram a influenciar o consumo da moda. As peças de roupas com tamanhos padronizados começam a ser modificadas por donas de casa de classe média, com bainhas, aperto no cós e/ou acréscimos de detalhes, visando conferir maior personalidade ao vestir; esse procedimento é adotado até hoje (PRADO e BRAGA, 2011).

No Brasil, até a década de 1970, não havia profissionais formados em Moda, surgindo então, cursos profissionalizantes que mudaram, mais uma vez, o cenário do setor, mas atendendo, ainda, a uma pequena elite endinheirada. Cresceu, porém, o número de moças interessadas em cursos técnicos de corte e costura e, na década de 1980, o aumento na procura por esses cursos cresceu ainda mais. Muitas donas de casa, que sentiam a necessidade de aperfeiçoamento, inscreviam-se em cursos de corte e costura, aumentando a visibilidade dessa área e, também, confirmando o interesse da classe média por moda (PRADO e BRAGA, 2011).

Na década de 1990, os grandes magazines ganham visibilidade no comércio brasileiro de moda e nota-se, nessas lojas, a contratação de costureiras especializadas em consertos de roupas, para que atendessem às necessidades das clientes, fazendo os ajustes necessários nas peças vendidas. Com isso, muitas costureiras abriram ateliês, em seus bairros, para atender necessidades dos consumidores que não tinham máquinas de costura em casa ou que não tinham habilidades para customizar suas peças (PRADO e BRAGA, 2011; KUSCHNIR e ANASTASSAKIS, 2013). É neste contexto que as costureiras de Viçosa - MG, objeto deste estudo, se encontram.

## 2.5. Sobre cotidiano das costureiras

O trabalho apresenta significados diversos para a mulher, em sua vida cotidiana. Desde os primórdios da Humanidade, de geração em geração, as mulheres ficavam em casa, cuidando dos afazeres domésticos, enquanto os homens buscavam o sustento financeiro, atuando como “provedores”; “trabalhar fora era sinônimo de condição pobre e até desprezível” (PROST, 2012, p. 34).

A emancipação concreta da mulher é vista a partir do momento em que ela passa a trabalhar fora de casa, deixando de se sujeitar ao homem. Em 1970, o trabalho feminino se justificava pela busca da igualdade dos sexos e pela independência da mulher. Atualmente, a justificativa para o trabalho é de caráter econômico – ou seja: para a manutenção da família –, não afastando a mulher das obrigações domésticas, ao passo que o trabalho doméstico está caracterizado como uma obrigação da mulher (HIRATA, 2007; PROST, 2012; PINSK e PEDRO, 2012; SORJ, 2004b). Além do aspecto econômico, há os aspectos da realização pessoal e da autonomia. De acordo com Freire (2007), quando o indivíduo tem autonomia, o seu trabalho se torna prazeroso.

A satisfação e o orgulho de serem costureiras foram observados nos olhares e entonação da voz das entrevistadas, além serem identificáveis nas respostas dadas às perguntas e ao longo das observações de campo. As costureiras usam seus ambientes de trabalho como espaço de sociabilidade, para conhecimentos, para esquecer seus problemas familiares, para aprendizados, para se valorizarem como pessoa e manterem as suas casas, uma vez que é do exercício do seu ofício diário que elas obtêm o sustento de suas famílias, conforme evidencia, por exemplo, o trecho transcrito a seguir:

não fico um minuto triste aqui dentro por causa do meu trabalho! O que chateia eu deixo lá pra fora e só vou lembrar quando saio daqui. Aqui não, aqui eu fico satisfeita, vem cliente e a gente esquece de tudo: é um sorriso amigo, a roupa bonita e quando elogia então, eu ganho o dia, fico com sorriso bem grandão que aí é valor que a gente tem né? Mas tem que ter valor. Eu me dou valor porque eu faço isso com amor e não é só pelo dinheiro não, eu me sinto bem com essa profissão que Deus me deu. Sou apaixonada por isso aqui, pela costura, trabalho por amor! Se não tivesse conta pra pagar, trabalharia de graça, de tanto que eu gosto. A gente tem desafio todo dia, todo dia é coisa nova (Elis, 28/11/2014).

Nessa fala de Elis, observam-se a satisfação, o orgulho, o valor moral e a realização profissional por ter seu trabalho e ganhar, com ele, o seu dinheiro; ela se sente

valorizada, esquecendo até de seus problemas pessoais. Depoimentos como esse confirmam as assertivas de Nardi (2006) de que o trabalho demonstra a sua importância no que tange à estrutura social e à formulação material e psicológica do ser humano. Para Kovalski, Obara e Figueiredo (2011), o trabalho influencia a motivação, a produtividade e a satisfação dos trabalhadores, e o trecho transcrito a seguir atesta isso:

pra mim o melhor do trabalho é ver como a cliente fica satisfeita: vai lá experimentar e quando volta sorrindo aí que meu trabalho foi bem feito e depois que volta eu posso confirmar que a pessoa gostou, né? Confia no meu trabalho de costureira e me deixa muito feliz. A gente trabalha com gosto, feliz porque a gente só pode fazer o que ama. Com amor tudo dá certo e a gente não passa por tristeza. Aqui com meu trabalho eu fico quietinha, chego e não mexo com a vida de ninguém - os clientes gostam de mim, eu gosto dos clientes e todo dia é assim, só alegria (Maria, 11/11/2014).

No trabalho, o aprendizado do indivíduo acontece quando ele sente prazer no que faz. Quando o ambiente laboral lhe proporciona conforto, boas condições de trabalho e satisfação, o trabalhador sente necessidade de novos desafios, buscando novas satisfações (SANTOS, 2012). Maria, por exemplo, se sente satisfeita e orgulhosa quando os seus clientes elogiam o seu trabalho e manifestam reconhecimento pelos serviços que lhes foram prestados, além de se sentir confortável em seu ambiente de trabalho:

eu valorizo meu trabalho e fico muito satisfeita! É com esse dinheiro que pago as contas lá de casa, pago as coisas pros meus filhos e digo pra você que meu filho está na UFV graças ao meu trabalho! E minha filha que tá fazendo cursinho se Deus quiser vai entrar na UFV também e é do meu bolso que sai os estudos deles... e é bom demais menina, chego a me emocionar porque eu gosto tanto desse trabalho (Cristiana, 11/12/2014).

Cristiana, por sua vez, sente-se valorizada por poder pagar, com o fruto do trabalho realizado no seu ateliê, os estudos dos filhos e as contas de casa. As pesquisadas optaram por exercer sua profissão em ateliês de costura não só por saberem costurar, mas por se sentirem realizadas exercendo essa profissão. A procura por seus serviços apontou um caminho a seguir e elas foram adiante, concretizando, assim, um novo formato de trabalho:

nossa, eu nem penso em outra coisa sem ser de ser o da costura, de ser costureira! Isso foi um dom de Deus e eu tenho que servir ao senhor... se ele me deu esse dom e graças a Ele eu pude ter saúde pra trabalhar naquilo que ele me deu, nossa! Eu só posso agradecer todo dia, olha que coisa boa, eu tô aqui conversando com você e vejo meu trabalho valorizado ainda mais! Cada dia que vai passando eu sei que foi Deus que me deu essa alegria, esse dom da costura pra eu estar conhecendo gente boa e ganhar dinheiro assim, com minha costura (Elis, 12/01/2015).

Por ter sido transmitida de geração para geração e se basear na experiência vivida, a costura mantém um vínculo afetivo de memórias, de trocas simbólicas e de elos. Isso vem associado a um dom, por envolver lembranças e sentimentos de se sentir importante na família e na sociedade (SANTOS, 2012).

Por ter domínio de todo processo de confecção de uma peça de roupa, Maria sente mais segura em ser costureira, bem como experimentou o sentimento afetivo e as memórias que a conduziram a essa profissão:

a minha primeira opção foi de ser costureira porque é o que eu sei fazer e gosto disso! Ganho meu dinheiro e fico aqui tranquila e feliz. Mas eu agora estou querendo ajudar as pessoas, sabe? Tem um grupo de apoio a mulheres drogadas que um amigo meu tá cuidando e estou pensando eu fazer as duas coisas... porque da costura não largo nunca, mas já quero ajudar também! Vamos ver mais pra frente, vou fazer um teste pra ver se dá pra levar as duas coisas, mas se atrapalhar minha costura aí eu largo lá, porque acho que não consigo viver sem costurar não, é minha cachaça como dizem minhas filhas (Maria, 26/11/2014).

Nessa fala, Maria mostra que o cuidar é um ato importante para que ela se sinta realizada profissionalmente, levando a crer que o que foi aprendido dentro do lar e imposto na sociedade em que vive deve ser mantido e passado de geração a geração. Sobre isso, Bruschini (2000) e Sorj (2004b) afirmam que o modelo que predomina nas sociedades, ao longo da história, é o de que cabem à mulher as responsabilidades do lar e de socialização, sendo a identidade da mulher construída no âmbito doméstico, o que influencia suas decisões de mercado de trabalho, que devem combinar características pessoais e familiares inerentes ao universo feminino. Ocorre, assim, enculcação da condição de mulher em uma sociedade machista onde algumas atividades, consideradas secundárias passam a significar o máximo onde podem chegar.

Percebe-se então, como os cuidados com a casa e com o filho são socialmente definidos como responsabilidade da mulher, tendo ela de adaptar o seu ritmo ao contexto familiar e ao trabalho remunerado realizado fora do lar. Constata-se que o tempo de trabalho realizado fora de casa não prejudica suas relações com a família e que, em alguns momentos de suas falas, as informantes declaram que ele não atrapalha a realização das tarefas dentro de suas casas.

Para todas as participantes, a profissão de costureira foi a sua primeira opção de trabalho, tendo como referência de aprendizado suas mães, tias e avós. Nota-se, quanto a essa profissão, um envelhecimento da categoria; essa mostra não ser mais a principal porta de entrada no mercado de trabalho para jovens e pobres e, sim, uma opção das mulheres que têm



conhecimentos sobre costura e fizeram de seus saberes uma forma de ganhar dinheiro. As costureiras falam do seu trabalho com muito carinho e serenidade e se mostram orgulhosas do que fazem, como evidencia essa fala, extraída do *corpus*:

vim da roça pra ter uma vida melhor, casei e tive meus filhos e na hora que vi que a coisa apertou pro nosso lado eu vim foi pra rua, abri esse ateliê e é dele que tiro o sustento dos meus filhos. Meu marido ganha muito pouco, o serviço tá fraco pra ele, tem mês que ganha, tem mês que não cai nada no bolso do homem, vida de pedreiro é assim né menina e eu não podia deixar meus meninos passarem fome nem necessidade! Aí com esse dom que Deus me deu e minha mãe teve paciência pra me ensinar e assim eu comecei. Amo o que faço, amo, amo, amo... (Elis, 28/11/2014).

As costureiras percebem a importância do seu trabalho para formação de sua renda familiar e, conseqüentemente, ocorre uma valorização da sua autoestima, do seu trabalho e das suas habilidades.

a motivação intrínseca para atuar em benefício da fortificação da autoestima e do desenvolvimento das próprias habilidades já estimularia uma entrega ilimitada ao labor produtivo. Rompem-se, assim, as fronteiras entre o profissional e o privado, o trabalho e o afetivo. Como num encontro de almas, pulsões de expansão individual vão inserir-se, livremente, no circuito organizacional de busca da “alta *performance*” (FREIRE FILHO, 2011, p. 28).

Verifica-se consenso no sentido de que, para as costureiras, o seu trabalho será valorizado quando a família, a sociedade e ela mesma considerarem importante o que foi feito em suas horas de ofício no ateliê. A seguir, transcrevo uma fala de Elis com relação ao sentido do trabalho:

estudei até a 8ª série! Na minha época meu pai não deixava a gente estudar muito. Botava logo a gente pra trabalhar... e tinha muito filho. Difícil sustentar todos com o dinheirinho que só ele ganhava... e era assim a gente parava de estudar e trabalhava e logo depois arrumava um namorado e depois casava, aí saía de casa. Eu aprendi a costura vendo minha mãe e depois com minha cunhada... e amo ser costureira! É bom demais trabalhar nisso (Maria, 11/11/2014).

Elis, Maria e Cristiana acreditam que o dinheiro resultante do trabalho no ateliê lhes traz a satisfação pessoal e reconhecimento, tanto da família quanto da sociedade onde vivem:

eu nunca trabalhei com outra coisa, sempre costurei. A pessoa quando tem o dom a gente não escapa, e “se vira”! É bom quando a pessoa sabe se virar. Costureira tá ficando escasso! Esse tipo de profissão que tem que trabalhar muito as pessoas não tão querendo não, ficar muito preso numa sala, atender gente o tempo todo, mas eu adoro (11/12/2014).

Em relação à carga horária de trabalho, as participantes observadas neste estudo de campo, trabalham em média, oito horas por dia, de segunda a sexta-feira, e, aos sábados, quatro horas, contabilizando 44 horas semanais, assim, apesar de terem flexibilidade quanto às cargas horárias, cumprem a carga horária semanal de trabalho mais frequente no mercado formal. As costureiras acreditam que seus horários flexíveis favorecem suas boas relações com as suas famílias e com os seus clientes, porque dividem o tempo, dando atenção às necessidades dos membros das suas famílias, assim como, em horário comercial, atendendo bem os seus clientes.

Além das 44 horas de trabalho nos ateliês, elas têm suas respectivas jornadas de trabalho em suas casas. Observa-se que as costureiras pesquisadas não sentem o trabalho doméstico como um peso, porque, a todo o momento, suas falas demonstram a flexibilidade que elas têm em seus ateliês, e isso lhes ajuda a conciliar o seu trabalho externo com as tarefas do lar. Acreditam que a ajuda dos membros da família seria importante, mas não consideram penoso o fato de contarem com pouca participação dos seus filhos e maridos nas tarefas que realizam em seus lares.

Dessa forma, o trabalho flexível e a maior liberdade no trabalho possibilitam-lhes maior contato com suas famílias e seus afazeres que não estão ligados ao ateliê, tais como compras, eventos sociais e seu trabalho dentro de casa.

A atividade de costurar está associada ao amor e à valorização do saber feminino transmitido entre as gerações, advindo essa valorização da possibilidade de se comercializar o que, era antes, realizado somente para a família. As costureiras acreditam que o trabalho de costurar é um prazer e, por gostarem tanto dele, não sentem nem o tempo passar, quando estão trabalhando em seus ateliês:

isso que Deus me deu foi um dom e eu venho todo dia pra cá com muito amor! Por isso eu abro cedo, gosto de chegar aqui e olhar meu cantinho, fazer meu trabalho com amor e com prazer, saio daqui feliz todo dia (Elis, 28/11/2014).

Picanço (2005, p. 150) afirma que a inserção e a permanência da mulher no mercado de trabalho não ocorrem somente por motivos pessoais. A autonomia e sua realização são consideradas importantes, mas a complementação da renda familiar tem maior relevância. No caso das costureiras de Viçosa que entrevistei, elas revelam amor por sua profissão e sentem satisfação em poder, com o seu dinheiro, prover o sustento de suas famílias. Araújo e Scalón (2005) complementam afirmando que trabalhar faz do sujeito parte

da sociedade, lhe traz satisfação, autonomia e identidade e lhe oferece, e à sua família, condições materiais de sobrevivência aceitáveis (ARAÚJO e SCALON, 2005).

Por esse motivo, Elis sente que ocupa um lugar importante na sociedade, uma vez que tem sua autonomia como consumidora e goza de independência, por ter o seu trabalho monetariamente remunerado. Como o seu trabalho de costureira surgiu a partir de uma atividade doméstica que era voltada aos membros da sua família e realizada em nome do amor materno, Elis, como outras mulheres em condições similares à sua, entende que ser uma boa mãe está relacionado ao trabalho doméstico realizado em prol dos seus filhos:

toda mulher tem vontade de costurar, aí depois que tive meus filhos eu queria saber melhor pra poder fazer umas coisinhas pra eles, sabe? Cuidar bem deles, acho que toda dona de casa sempre quis costurar e ter sua máquina e cuidar bem da família (Maria, 11/11/2014).

Essa valorização da domesticidade feminina vem como apelo da sociedade ainda na contemporaneidade, que (re)afirma o seu dever maternal por sua família, mencionado por Araújo e Scalón (2005) e confirmado nesta fala de Cristiana:

faz tão bem pra mim e minha família, a gente só pensa coisas boa! Consigo fazer uns agrados pra eles e pra mim também, claro! Porque eu não trabalho só pra eles, eu trabalho pra mim e gosto de coisa bonita... e como é bom a gente trabalhar no que gosta e vim trabalhar satisfeita e voltar pra casa com a cabeça boa (Cristiana, 11/12/2014).

As participantes acreditam que, por terem seus ateliês localizados no centro da cidade, atraem mais clientes e o fator localização privilegiada faz com que levem e busquem suas peças com maior rapidez. A localização também faz com que os proprietários e vendedores das lojas do centro comercial também mantenham relação próxima com as costureiras, em função do grande volume de customizações demandadas pelos seus clientes:

hoje eu ganho mais com conserto! Aqui no Centro é mais fácil trabalhar. As pessoas veem a gente, vão na loja e já passam aqui pra fazer alguma reforma! Faço reforma pra muitas lojas e se tivesse em casa ou no meu bairro eles não iam lá levar as roupas! Aqui é o melhor lugar pra trabalhar com costura de conserto (Elis, 09/10/2014).

Os clientes, por sua vez, procuram algo novo, com o intuito se diferenciarem do que é igual e de destacarem suas personalidades e gostos nas roupas que vestem. De

acordo com as costureiras, as peças nunca saem do jeito que entraram, sempre têm um toque do cliente; segundo Elis:

tem que reciclar porque eles acham que tem só um manequim e não existe! Tem gente gordinha, tem gente magrinha, mas eles fazem uma roupa padrão. Os corpos são diferentes e eles das confecções não entendem isso. Então os clientes compram as roupas mesmo sendo justas ou largas... compram porque não tem do corpo deles e a roupa usada é uma forma de economizar e gostam da roupa tem apego nela e não querem perder isso, entende? Tem roupa que marca uma situação ou às vezes fica bem no corpo que pode ser velha, mas a pessoa quer usar e em algum caso que não serve mais ela dá um jeito de trazer para mim arrumar pra ficar do jeito que eles gostam... e tem também as roupas de marca, que são daqueles clientes que fazem questão de marca e não querem perder a peça cara... aí traz aqui pra eu customizar e a peça sai do jeito que eles me pedem, eles veem as vezes em revista ou na televisão e querem parecer com artistas as vezes (Elis, 11/11/2014).

Observa-se, na fala de Elis a vivência prática de como o ser humano estabelece uma relação com a sua vestimenta, inconscientemente, considerada importante, uma vez que a peça está em contato com a pele, diretamente sobre o corpo. Devido às peculiaridades do seu corpo, cada sujeito tem suas particularidades físicas; assim sendo, o consumidor procura adaptar e adequar o vestuário, de maneira que respeite o seu gosto pessoal e o seu biótipo. De acordo com Iida (2005), as qualidades necessárias à vestimenta devem considerar tanto as características visuais como as relacionadas ao conforto proporcionado por ela. Nessa perspectiva, Capelassi (2010) afirma que o vestuário implica comunicação e conforto, envolvendo relação de apego à peça. As considerações no momento em que se produzem as roupas devem, portanto, respeitar as características de cada indivíduo. No entanto, o que se verifica é todo um processo de massificação, utilizando-se da grande mídia para a construção de arquétipos a serem seguidos.

Com relação ao consumo de moda, para Michetti (2006, p. 18) “[...] a maior parte do dispêndio de todas as classes com vestuário é principalmente devido ao interesse pela aparência respeitável”. Com isso, observa-se, por parte do consumidor, o desejo pela compra, bem como apego pelas peças que já têm em seus guarda-roupas. Nesse cenário, observa-se um novo nicho no mundo do trabalho: o das costureiras que fazem pequenos consertos e customizações nas peças compradas em lojas especializadas.

Atualmente, há uma busca constante por serviços de boa qualidade, prestados em tempo curto. Há pressão em relação ao serviço que está sendo prestado – principalmente, no mercado de vestuário, com a revolução da pronta entrega evidenciada no fato de seus clientes, frequentemente, buscarem pelo serviço, no caso das costureiras objeto deste estudo, mais

ainda às vésperas de um evento no qual usará a peça. Ela, então, recusa o serviço ou se desdobra para entregá-lo no tempo pedido.

A valorização de seus trabalhos é perceptível quando decidem se podem ou não atender cada cliente que chega ao seu ateliê e assumir uma nova tarefa, isso mostra a preocupação em manter o cliente satisfeito com os seus serviços, segundo Maria, por exemplo:

o problema maior é cliente querer as coisas no dia. A gente tem muito serviço, graças a Deus, e não dá pra pegar de última hora... se eu vejo que a pessoa realmente precisa eu até pego... e se eu ver que não precisa ser tão corrido, ou eu não pego se o cliente achar que tem que ser rápido, ou peço uns dois dias pra poder entregar direitinho (Maria, 23/10/2014).

O fato de trabalharem como costureiras não as dispensam dos serviços domésticos e das tarefas como mães. A clientela, entretanto, não leva isso em consideração, traçando apenas uma ligação entre consumidor e prestador de serviço, exigindo um trabalho de qualidade, no tempo que foi acordado para entrega; não passa pelas suas cabeças a ideia, ou mesmo tomam conhecimento do fato, de que ali está também uma dona de casa:

eu faço questão de ir em casa. Fico lá duas horinhas, faço almoço todo dia... meus filhos tão folgados demais! Desce pra almoçar no restaurante, mais não tem coragem de fazer um ovo frito... aí eu vou pra fazer o almoço porque meu filho tava dando anemia de só comer porcaria. Aí eu vou em casa, faço o que tenho que fazer e volto pra cá com vontade de trabalhar! Porque aqui é tranquilo, se eu quiser pegar a roupa pra consertar eu pego senão eu recuso e graças a Deus dá pra tirar um dinheiro bom aqui sem me sacrificar demais... e ainda posso curtir meus filhos, cuidar da minha casa e ter meu dinheiro sem depender de ninguém (Cristiana, 20/10/2014).

É importante salientar que essas costureiras também vivem em um ambiente de concorrência e que a fidelização de clientes é a razão da sobrevivência de seus negócios. Quando o serviço é realizado de forma a suprir (ou superar) as necessidades e expectativas do cliente, é grande a chance de ele se tornar fiel à costureira, recorrendo a ela sempre que precisar. Do contrário, procurará outra, para que suas necessidades e expectativas sejam atendidas.

Neste contexto, a costureira é uma profissional que presta serviços a clientes e, assim, procura se posicionar no mercado, a maioria tem como auge profissional o fato de terem tantos clientes quantos forem capazes de atender, agindo de acordo com a realidade econômica, buscam por uma clientela fiel que procure por seus serviços e façam propaganda

deles, e assim abrindo a oportunidade de conquistar novos clientes e proporcionando aumento de suas receitas, como evidencia, por exemplo, esta fala de Maria:

aqui a divulgação é boca a boca... quando a gente agrada o cliente ele sempre volta e traz mais cliente junto... aí ele indica a gente e vai trazendo mais e assim a gente nunca fica parada! Sempre tem gente nova entrando aqui. Tem dia que a gente nem dá conta de fazer muita coisa de tanta gente que entra aqui pedindo algum conserto, uma customização, né? Tem gente que pede cartão mais a gente não precisa não, tá o telefone lá na placa (Maria, 13/10/2014).

De acordo com Yamashida e Gouvêa (2007), os consumidores satisfeitos com os serviços prestados tornam-se fiéis e são menos suscetíveis a procurar pela concorrência. Tornam-se menos sensíveis aos preços e, provavelmente, comentam com outras pessoas sobre esse trabalho, tal situação é perceptível na confirmação de Maria e Elis que seus clientes gostam dos serviços prestados por elas e, por isso, sempre voltam aos seus ateliês, com novas peças, e elogiando seus trabalhos. Essa relação com o consumidor é relatada, diversas vezes, com muita alegria, carinho e orgulho, sendo o trecho abaixo um exemplo dessa manifestação de clientes:

pra mim o melhor do trabalho é ver como a cliente fica satisfeita, vai lá experimentar e quando volta sorrindo aí que meu trabalho foi bem feito e depois que volta eu posso confirmar que a pessoa gostou, né? Confia no meu trabalho de costureira e me deixa muito feliz... a gente trabalha com gosto, feliz porque a gente só pode fazer o que ama... com amor tudo dá certinho e a gente não passa por tristeza. Aqui com meu trabalho eu fico quietinha, chego e não mexo com a vida de ninguém, os clientes gostam de mim, eu gosto dos clientes e todo dia é assim, só alegria (Maria, 02/12/2014).

A confiança do cliente é um fator-chave na hora da escolha do prestador de serviços, fica evidente ao longo deste trabalho de campo, que aquele que presta serviço está em contato constante com o cliente e, por isso, sabe o que este deseja, sendo isso vantajoso tanto para aquele que realiza o trabalho quanto para o consumidor.

Para que os clientes tenham confiança nas costureiras, elas concordam que, ao assumirem muitas demandas em um certo momento, não devem aceitar novas tarefas para que não façam trabalhos de baixa qualidade e, depois, se sintam desvalorizadas:

ocê vê que chega gente o tempo todo né, eu queria organizar minhas coisas aqui, mas não dá! Quando eu tô apertada com muita coisa pra costurar não atendo ninguém senão a gente fica queimada aí, né? Eu prefiro não pegar e ser honesta com o cliente, porque ela vai ver que eu quero fazer bem o serviço do que pegar um monte de coisa e sair fazendo coisa errada nas roupas dos outros (Cristiana, 09/12/2014).

Tentando cultivar a confiança e a amizade nas relações que estabelecem com os seus clientes, as costureiras trabalham com amor, com qualidade e capricho. Tais comportamentos, segundo Santos (2000) e Pereira (2006), compõem um conjunto de saberes que são fundamentais para essas trabalhadoras, possibilitando-lhes, assim, acesso ao trabalho, melhor proveito das relações de sociabilidade oferecida pela atividade e maior rendimento em seu trabalho cotidiano.

As costureiras que fizeram parte da pesquisa iniciaram-se como costureiras de reforma nos anos 1990: Maria, em 1990; Elis, em 1992; e, Cristiana, em 1999, sendo que Elis e Maria tinham seus próprios ateliês e Cristiana fazia consertos em sua casa, atendendo clientes da vizinhança e seus parentes. Todas têm conhecimentos de costura e modelagem; ou seja: sabem modelar, cortar e costurar a partir das medidas das clientes.

Para as participantes deste trabalho de campo, o mercado e o consumo são os fatores que fizeram crescer o número de costureiras que fazem reformas de roupas, seja pelo aumento da produção e pela padronização das peças, ou por as pessoas terem corpos diferentes, inexistindo modelagens padronizadas que atendam perfeitamente todos os tipos de estrutura corporal.

## CAPÍTULO 3

### **COSTUREIRAS VIÇOSENSES ENTRE UM APRENDIZADO TRADICIONAL E AS NOVAS DEMANDAS DA MODA CONTEMPORÂNEA**

O trabalho voltado para a qualidade se realiza quando há motivação e talento, e a motivação se instaura com a obsessão do artífice por seu aprimoramento constante, quando esse aprimoramento se realiza em um contexto social, quando há a valorização do fazer e com o refazer constante, com trocas e compartilhamento de conhecimentos (SENNETT, 2012).

Sennett (2012) defende o envolvimento materialista do homem com o seu trabalho, sendo a figura do artífice envolvida, efetivamente, em uma relação entre práticas concretas e ideias que envolvem hábito prolongado e aprendizado lento. O artífice, em seu processo de capacitação, demanda um processo demorado e repleto de significados nos seus percalços. As dificuldades encontradas no trabalho aparecem e fazem parte de um estímulo e impulso para novos rumos e objetivos. Esse pesquisador propõe a experiência no aspecto emocional e a experiência que necessita de mais habilidade (SENNETT, 2012).

Nesta pesquisa, abordo a aprendizagem como um processo intimamente relacionado com as práticas sociais, não contando apenas com uma mudança individual e, sim, um aspecto da prática social, com os seus processos de reprodução e transformação. Para tanto, considero aspectos históricos ligados ao ofício da costura, às relações das estruturas sociais e à localidade geográfica.

Para se compreender a aprendizagem como um aspecto social, é importante entender os processos psicológicos não do “eu”, mas, sim, do “meio” que capacita o sujeito a ter a sua vida e a se desenvolver na sociedade (MARTINS e FERNANDES, 2015). Para Antonello (2007), a aprendizagem não é somente o aprender fazendo; ou seja: faz parte ou muda a participação do sujeito nessa prática social. Nesse sentido, as tecnologias que surgem ao longo da história da costura desempenham importante função para as competências das costureiras.

De acordo com Loureiro (2006), as tecnologias estão presentes em nosso dia a dia e nos auxiliam, conduzem e direcionam no processo de construção e aplicação de conhecimentos, alavancando processos de trabalho e sociabilidade. Nesse contexto, a



interação sujeito/ambiente tem seu trabalho como importante ferramenta para a geração de novas tecnologias (BAUMGARTEN, TEIXEIRA, LIMA, 2007).

Analisei como o conhecimento sobre a costura, transmitido por gerações, se tornou, para mulheres proprietárias de ateliês no centro da cidade de Viçosa - MG, uma forma de trabalho e de geração de renda.

### **3.1. Costurando saberes**

No decorrer da História, a Humanidade construiu saberes e desenvolveu, em suas atividades diárias, um conhecimento prático que, há séculos, possibilita que as pessoas criem, sobrevivam, interpretem, produzam e trabalhem (BORDA, 1988, p. 48; KOVALSKI, OBARA, FIGUEIREDO, 2011).

A valorização dos conhecimentos tradicionais e populares de determinado grupo tem significativa importância porque, além de acumularem os saberes adquiridos ao longo do tempo, proporcionam o fortalecimento e a difusão desses conhecimentos para a sociedade (KOVALSKI, OBARA, FIGUEIREDO, 2011).

O conhecimento tradicional diz respeito às informações acumuladas, ao longo do tempo, por determinada comunidade em relação às suas práticas, aos seus valores e à sua cultura; enfim, suas vivências e experiências (KOVALSKI, OBARA, FIGUEIREDO, 2011). Sendo assim, o filho pode aprender o ofício com os pais ou com amigos de seus pais, na oficina ou em casa; ou seja: a aprendizagem que se envolve na relação familiar é de ordem privada (PROST, 2012).

As vivências e os saberes das trabalhadoras de ateliês de costura podem ser analisados à luz dos referenciais teóricos de Delors (2010), que aponta a necessidade de sempre se conhecer o mundo onde se vive, aprendendo de que forma se comportar, tendo posse do conhecimento intelectual e físico, adaptando-o e solucionando problemas que estão à sua volta.

Por meio dessas várias significações, as representações expressam aqueles indivíduos ou grupos que as forjam e conferem uma definição específica ao objeto por elas representado. Essas definições (com)partilhadas pelos membros de um mesmo grupo possibilitam construir uma visão consensual da realidade pelo grupo. Visão essa que pode entrar em conflito com a concepção de outros grupos, mas que também pode ser um guia para

as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e das dinâmicas sociais das representações (FREITAS e FREITAS, 2010).

No saber em que o grupo se envolve, existe a aprendizagem prática e a construção de saberes. É no dia a dia que se aprende com a família ou com o mestre que, por meio do fazer, ajudar, olhar e vivenciar a experiência, torna-se um bom aprendiz, com empenho, tornando-se mestre, posteriormente, por mérito, reconhecido por sua competência (ROSE, 2007; RORIZ, 2010).

Job (2003) e Zanoti (2006) afirmam que, até o século XIX, o chamado trabalho multifuncional é representado pelo trabalho das costureiras domésticas, que entenderiam todo o processo de produção, que se iniciava com a compra do tecido e aviamentos e ia até o produto acabado e pronto para o uso, entende-se como competência. Nos diversos setores produtivos houve uma segmentação do trabalho por atividades e máquinas, de forma que o trabalhador conhece apenas o trabalho que executa – ou seja: uma parte do processo –, não detendo conhecimento de todo o processo de produção (JOB, 2003; ZANOTI, 2006).

De acordo com Antonello (2007), nas chamadas comunidades de práticas, em situações informais do processo de aprendizagem, o sujeito forma uma identidade social, ou seja, são nas atividades cotidianas, realizadas em seu ambiente de trabalho é que ocorrem as produções, transformações e mudanças na identidade, em seu conhecimento e suas habilidades práticas. Essa pesquisadora chama de teoria social da prática os paradigmas da cognição social e da aprendizagem situada que são as suas problemáticas; ou seja: pretende compreender todo o saber e todo o conhecimento, dos práticos aos mais teóricos, como produto de uma prática social e de um espaço social.

Lage (2013) considera três análises para conhecimento e prática: os sistemas semióticos e suas implicações estruturais; a cognição sob a perspectiva da teoria da prática social; e as relações dialéticas entre o vivido na experiência prática e o estabelecido como ordem constitutiva. Sendo assim, a relação entre cultura, indivíduo e sociedade envolve observações feitas no cotidiano que são formuladas e reformuladas pelo sujeito, construindo, assim, o seu aprendizado.

Estudos feitos por Lave intitulado *Arithmetic as a tool for investigating relations between culture and cognition*, nos anos 1979, com alfaiates, na Libéria, foram importantes para confirmar sua ideia sobre o tema aprendizagem pela participação e pela prática. Ela observou os aprendizes de alfaiates não somente pelas repetições mecânicas e interações

didáticas, essa aprendizagem apareceria como elemento inseparável e indissociável de uma prática social.

Para esse fato, Lage (2012 e 2013) propõe estudar o sujeito “por inteiro”, em sua vida cotidiana, sendo um questionamento o que constitui um “problema”, como o que motiva a busca de soluções em situações específicas, e se suas definições, no sentido de meios e fins, são satisfatórias. Para essa estudiosa, o sujeito só tem problema se puder encontrar uma resposta que o atenda, no sentido de que há resposta e um processo para reuni-los. É na ação que ocorre a solução de problemas que envolvem, integralmente, corpo, mente, sensibilidades comuns e do contexto.

Bifano (1999), quanto à problematização das metodologias que proporcionam o entendimento das utilizações produtos e usuário, em seus meios de uso e desenvolvimentos, trata também das formas de saberes por meio de uma visão da Engenharia da Produção. Essa estudiosa questiona a necessidade de se entender o produto em suas situações simuladas *versus* sua utilização; a capacidade dos técnicos de perceber os manejos e a importância dos produtos; a relevância do entendimento do cotidiano e as interações sociais e da valorização dos saberes construídos nessas interligações e dos produtos desenvolvidos. No entanto, argumenta que “[a] dificuldade em incorporar o saber prático desenvolvido pelas pessoas no projeto dos produtos os tornam mais distantes da realidade de uso” (BIFANO, 1999, p. 15). Ao considerar as “metodologias tradicionais”, relacionadas à formação do conhecimento, essa estudiosa descreve que:

as pessoas podem, por essa perspectiva, transferir conhecimentos gerais para situações específicas e empregar determinados padrões de ação em situações consideradas pelo pesquisador como parecidas. O conhecimento é assimilado e armazenado na mente como que em pequenas caixas, de onde seria extraído quando se fizesse necessária a sua aplicação (p. 17).

Nessa perspectiva, Bifano conclui que, adotado esse tipo de metodologia, há trocas de conhecimentos, e essa metodologia se baseia nos conteúdos, sem os questionamentos necessários para o avanço das interações e da melhoria dos conhecimentos. Para a pesquisadora, a forma do saber construído por meio das Ciências Humanas, trata de uma lógica da construção do conhecimento que favorece os cotidianos das pessoas inseridas no processo como categoria importante a ser considerada, já que, aborda a realidade vivida, onde se dão as trocas (BIFANO, 1999). O termo “cotidiano”, para essa pesquisadora, é utilizado:

[...] para denominar todas as atividades que possuem como característica comum a sua repetição, o fazer parte da rotina de vida diária das pessoas, desde as mais complexas, que envolvem uma gama de atividades inter-relacionadas (desenvolver as tarefas no trabalho, fazer compras, preparar a comida, lavar roupas), até as mais simples, necessariamente automatizadas e desenvolvidas de forma mecânica e inconsciente (acender a luz, pegar um ônibus, abrir uma porta, puxar uma cadeira). (BIFANO, 1999, p. 19).

Bifano (1999) argumenta que o cotidiano, como elemento importante para a construção do saber, é considerado, dentro do pensamento tradicional, sem um arcabouço necessário ao cientificismo de uma metodologia. No entanto, contra-argumenta e demonstra que, nos estudos nos quais se baseia no “processo de desenvolvimento de produtos”, o produto que é consumido ou produzido no cotidiano das pessoas, ele acontece na interação entre as pessoas e no ambiente em que está inserido. É necessário o entendimento do que é e como se dá a interação no processo de aprendizagem em seu contexto, proporcionando, de forma racional e utilitária, definida pelo usuário, a importância social e econômica desse produto.

Fleury e Fleury (2001) e Zarifian (2001) comentam que a competência é a forma genuinamente prática dos conhecimentos adquiridos que vão se transformando em conhecimentos conforme a complexidade dos fazeres; ou seja: quanto mais uma costureira conhece as suas atividades, com maior competência ela os (re)elabora.

Conforme afirmam Maleronka (2007) e Avelar (2011), aplicar e mobilizar o conhecimento de forma eficaz a cada situação gera competência, união de conhecimento, destreza e atitude. As competências de muitas costureiras instaladas em seus pequenos ateliês de costura – muitas vezes responsáveis por arremates de roupas e confecção de peças em seu campo profissional – são vistas como consumidoras de informações. As participantes são tidas como sujeitos que estão inseridos em seu sistema social e também são produtores de conhecimento, diante das informações que lhes chegam por intermédio de conversas com clientes, com a família e propagandas advindas de muitos locais e fontes. Com a possibilidade de fazer sua autocrítica, acredita-se que a autoavaliação e o estar ciente de si trazem informações do exterior para seu próprio interior e essa reconstrução do mundo exterior permite a crítica que se traduz em conhecimento (MICHAUD, 2006).

No trabalho, a interação com o saber se estabelece em conexões sociais, marcado por relações capitalistas. O sujeito explora o seu próprio trabalho e desenvolve ainda mais relações de saberes para si e com o meio onde vive (ROSE, 2007). Observei no cotidiano das costureiras o que descreve Rose (2007):

O saber no trabalho desvela o conhecimento invisível presente em todas as profissões por meio de uma metodologia de pesquisa que não separa mão e cérebro, que não traz para encontros com os trabalhadores molduras interpretativas elaboradas previamente em gabinetes e laboratórios. Procura apreender o fazer-saber presente nos modos pelos quais os trabalhadores dão sentido às suas obras (ROSE, 2007, p. 11).

Pelo significado do trabalho e seu movimento, as pessoas adquirem seus conhecimentos e usam o que já tinham aprendido, e essa experiência se mostra específica e concreta. De uma maneira mais apropriada, o trabalho físico gera inteligência, reflexão e conhecimento que, por sua vez, geram saberes a cada dia e hora e isso não ocorre como estalos ou saltos; é, sim, um aprendizado diário (ROSE, 2007).

### **3.2. As costureiras no contexto da bricolagem de moda**

É no contexto de um aprendizado tradicional e suas novas configurações que analiso a relação das costureiras com seus consumidores e procuro desvendar como são absorvidos e usados os produtos com intervenção de suas mãos e serviços e como eles são aceitos ou rejeitados por suas formas de usos. Pode-se, *a priori*, concluir que essas pessoas, muitas vezes, criam estereótipos por não absorverem as diferenças culturais ao observarem o mundo na televisão e no âmbito de seus espaços urbanos, nas inúmeras propagandas. Elas recebem a construção das informações de *marketing* e empregam aquilo que têm como acesso de conhecimento. Certeau observa que estas formas de reprodução são impostas por uma elite dominante, ele afirma: “[a]s táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 1994, p. 45).

Michel de Certeau (1994) não questiona a função do gesto, mas busca entender o homem simples, o não letrado. Conceituando estratégia e tática como parte do cotidiano, o autor as define, conceituando tática como sendo o resultado do aproveitamento de determinadas situações de ordem para atacar a estrutura. As costureiras objeto deste estudo usam de táticas e estratégias em seu dia a dia, como para divulgar seu trabalho, ou mesmo em um simples ato de economizar com uso apenas de um tipo de agulha na máquina para costurar as peças de vestuário.

Na bricolagem, o fraco não dispõe de linguagem própria; assim, utiliza linguagem de terceiros, apropriando-se, criativamente, das mensagens a que ele tem acesso e recriando suas ideias (CERTEAU, 1994, p. 270). Cada leitura é uma recriação daquilo que se lê. Além de analisar as estratégias e táticas ao longo de seu estudo, esse pesquisador analisou como o consumo é influenciado pelo homem, em seu cotidiano. A cultura do homem comum seria, em grande medida, caracterizada por procedimentos da colagem de fragmentos de signos que chegam até ele, construindo, assim o seu próprio mundo, a partir desses fragmentos, o “*patchwork* do cotidiano”; observa-se que as costureiras informantes deste estudo fazem uso dessa espécie de bricolagem, fazendo reformas nas peças de roupas a partir do que elas têm de acesso à informação, daquilo que aprenderam ao longo de suas vidas, de revistas, muitas vezes de edições antigas, novelas entre outros.

As costureiras, no contexto estudado por Certeau (1994), inconscientemente, fazem uma espécie de análise sobre lugar e espaço como sendo um conjunto de coordenadas, ordem da coexistência de determinadas relações no espaço, disposições de elementos dispersos: “o trivial não é mais o outro, é a experiência produtora do texto. O enfoque da cultura começa quando o homem se torna narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento” (CERTEAU, 1994, p. 63).

A bricolagem intermediada pelas costureiras e seus clientes são entendidas como práticas e narrativas que articulam os elementos que estão dispersos no lugar, porque o espaço tem história, não é dado pela natureza; é, sim, produto configurado pelas relações humanas que nele se estabelecem. O espaço urbano, ao mesmo tempo, produto de práticas e relatos; não é um espaço único, porque é vivenciado de formas diferentes. A cidade tem mensagens previamente definidas; “é um lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas enriquecido com novos atributos” (CERTEAU, 1994, p. 174).

A apropriação e seu uso, em uma perspectiva abordada por Certeau (1994), são modificados toda vez que se muda o contexto, acarretando uma nova significação, a partir da customização, uma peça de roupa muda o seu significado para o consumidor e também a forma como a costureira interpreta as informações que recebe do seu cliente. De acordo com esse teórico:

O uso define o fenômeno social pelo qual um sistema de comunicação se manifesta de fato: remete a uma norma. O estilo e o uso visam ambos, uma “maneira de fazer” (falar, caminhar, etc.), mas um como tratamento singular do simbólico, o outro como elemento de um código. Eles se cruzam para formar um estilo do uso, maneira de ser e maneira de fazer (CERTEAU, 1994, p. 180).

Os estudos com as costureiras do município de Viçosa - MG, com a leitura de Certeau, revelou-se muito importante para observar como elas veem seus locais de trabalho, como são feitos os trabalhos de consertos e feitiço de roupas, o seu cotidiano, como elas lidam com seus clientes, diariamente, e a sua técnica e arte de fazer e como se interagem, a partir de suas táticas, em um contexto de bricolagem que acontece no setor de moda.

### **3.3. Cotidiano da costura**

Nesta seção, discuto algumas questões primordiais observadas ao longo deste estudo. Primeiramente, abordo a influência dos membros da família e a maneira como ocorreu o aprendizado do ofício de costureira. Em seguida, disserto sobre as transformações no trabalho dessas profissionais, tendo em vista as novas tecnologias incorporadas, por elas, à sua prática profissional. Por fim, teço considerações sobre as mudanças no vestir e às novas configurações de trabalho das costureiras entrevistadas.

#### **3.3.1. Aprendendo o ofício da costura**

Minha pesquisa buscou entender como foi o aprendizado do ofício da costura para cada uma das três participantes. Assim, quando perguntadas quanto à influência, na sua carreira, exercida por suas mães, avós e tias, elas respondem com muita confiança e orgulho, contando, por exemplo, sobre a lembrança da mãe costurando na máquina, como exemplifica este trecho do *corpus*:

aprendi a costurar olhando minha avó e minha mãe que eram costureiras. Mas eu acredito em dom... Deus me deu esse dom da costura e aprendi muito rápido. Aos sete anos tive hepatite e fiquei de cama, minha mãe me dava tecido e eu costurava roupinhas para minha boneca. A minha tia eu via costurar, era a que eu via mais costurando, mas eu acho que é dom mesmo (Elis, 23/09/2014).

Essas afirmativas corroboram as proposições de Charlot (2000), quando aponta que o aprender faz parte da identidade do sujeito, sendo construído socialmente e definindo como ele irá se comportar no mundo e como ele o observará:

A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender. [...] é o conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com 'o aprender' e o saber (CHARLOT, 2000, p. 80).

Esse saber tem uma relação com a identidade, com a sua história, com a maneira pela qual o indivíduo compreende a vida, com a imagem que tem de si mesmo e com as relações que estabelece com os outros. Portanto, podemos afirmar que os saberes são adquiridos nos espaços familiar, social, profissional e cultural. A fala transcrita a seguir atesta esse fato:

eu sou filha de costureira, sempre tive curiosidade, vai vendo e no ensinar a gente aprende. Minha cunhada também me ensinou muito. Minha mãe me ajudava quando eu era pequena, fazia roupa de boneca. Minha mãe costurava em casa e ia na casa do freguês. Ela ia na casa das pessoas que tinham máquina e lá ela fazia o que eles queriam... às vezes a peça, às vezes uns concertos, mas era mais peça mesmo (Cristiana, 09/10/2014).

O aprender tem relação com o saber e, como cada sujeito ocupa um espaço e uma posição na sociedade, pode-se afirmar que essa relação de saber também é uma relação de poder e que, quando se tem interesse por algo, a sua apropriação se torna algo pessoal e valioso (CHARLOT, 2000; SANTOS, 2000). O trecho a seguir, evidencia essa relação:

aprendi com minha mãe. Eu sou de uma família numerosa, de 11 irmãos... então eu aprendi do jeito que dava, ficava observando e quando minha mãe não tava na máquina, coisa rara de acontecer, e eu também tinha tempo porque também não podia ter muito tempo livre. Minha mãe tava na máquina ou no fogão ou lavando roupa e eu cuidando dos meus irmãos mais novos. Não tinha tanto tempo, mas quando tinha tempo, um pouquinho que era, eu ia lá na máquina rapidinho e passava um paninho na máquina. Às vezes minha mãe me deixava com um pano que não era trabalhoso e era lá de casa pra eu passar a costura... mas aí minha cunhada depois que eu casei me ensinou mais, era bonito ela costurando, caprichosa demais, precisa de vê... e tive aula com uma professora chamada Dona Luzia e foi por uns 5 meses (Maria, 05/11/2014).

O aprendizado dessas mulheres se processou antes de ingressarem no mundo do trabalho remunerado, realizando costuras para as suas famílias, paralelamente ao envolvimento em outras atividades domésticas. O interesse por trabalhos manuais é apontado, pelas costureiras, como uma forma de iniciação no seu ofício. Pelo gostar e pelo aprender a costurar, as participantes afirmam que iniciaram nesse ofício com a costura à mão: Elis, fazendo roupinhas para bonecas e, logo após, usando a máquina reta; Maria, fazendo panos de prato com a avó e a tia; Cristiana, por sua vez, bordava fraldas, toalhas e roupinhas da filha,



quando estava grávida. Elis e Maria tiveram interesse, desde criança, por costura; já Cristiana passou a ter maior interesse por costura quando engravidou.

O uso e manuseio das máquinas overloque e galoneira foram aprendidos, com a prática, em seus próprios ateliês e, no caso de Cristiana, em máquinas de colegas, pegando retalhos e treinando em cada máquina. Cristiana não tem, em seu ateliê, a máquina galoneira, e sente muita falta desse equipamento, já que entende a necessidade de bom acabamento nas roupas. Ela não sabe manusear muito bem essa máquina, já que a utilizou, apenas uma vez, em uma confecção em que sua irmã trabalhava.

Tendo a prática como segundo ponto destacado pelas costureiras, o cotidiano delas é de aprendizagem e desafio. A curiosidade e o empenho por descobertas são citados como o sonho de serem criadoras de suas próprias peças. O conhecimento é acumulado ao longo do tempo, ligado à prática, aos valores, à cultura, às vivências e às suas experiências. Todas fizeram algum curso de corte e costura e moldes e modelagem, mesmo já sabendo costurar. As participantes dizem que, com os cursos, a sua confiança aumenta e se sentem mais capacitadas, mas que é somente na prática que realmente se aprende.

Os trabalhadores adquirem saberes nas práticas cotidianas, no processo de trabalho, na escola ou em cursos de aperfeiçoamento para desenvolver suas atividades e resolver os problemas que surgem. Esses saberes interagem entre si e são necessários ao processo de produção. Mais do que isso, os trabalhadores elaboram saberes sobre o trabalho que formam conhecimentos técnicos importantes para a qualificação do trabalhador (MENEZES, 2010; SANTOS, 2012), como fica evidente, por exemplo, no trecho transcrito a seguir, extraído do *corpus* desta pesquisa:

essas máquinas todas<sup>22</sup> eu aprendi sozinha! Vi uma vez e depois fui treinando! Só com treino mesmo pra gente saber, senão não pega nada se ficar olhando. Quem olha e não faz, não aprende nunca, tem que ser na prática! Aí eu fui com a coragem que Deus me deu, todo dia aprendendo uma coisa e praticando, até que eu vi que já sabia resolver aquilo e pronto, já sabia me virar (Elis, 19/11/2014).

Aqui, a fala se conecta com a opinião de Sennet (2012) de que ideia e prática caminham juntas. As costureiras têm o desejo de aprender; para isso, pensam e avaliam o que está sendo feito, ganhando experiência e conhecimento. Moser (2010) aponta que, pela preocupação e paixão por determinado assunto, o sujeito aprofunda seu conhecimento e se

---

<sup>22</sup> As máquinas às quais Elis se refere são a de costura reta, a overloque e a galoneira.

especializa nessa área, por haver a interação contínua. Evidenciando isso, consta, no *corpus* deste trabalho, a fala transcrita a seguir:

ah, o que é a prática, né, minha filha mais nova eu lembro que tava fazendo 9 anos e tava me pedindo roupa pra passear na casa das amigas. Queria ir arrumada e já sabia o que queria! Lembro disso direitinho. Aí depois um colega meu me levou pra confecção dele e foi lá mesmo que aprendi porque eu treinei e era aquilo todo dia e lá que eu perdi o medo... eu tinha medo de cortar o pano e estragar a roupa e lá na confecção eu perdi o medo sabe? Assim que a gente aprende é no dia mesmo, nada como um dia após o outro pras coisas melhorarem né? No trabalho e na vida (Maria, 20/11/2014).

A prática do treinamento, assinalada por Sennett (2012), é considerada, por ele, como um processo de capacitação, porque, “à medida que uma pessoa desenvolve sua capacitação, muda o conteúdo daquilo que ela repete” (SENNETT, 2012, p. 49). Com isso, a autocrítica pelo que está sendo feito ocorre de dentro para fora, na rotina:

fiz um curso de corte e costura, mas a mulher fazia que nem eu fazia, nas revistas manequim! Aí pra mim não adiantou muito não, porque aquilo eu já sabia! Fiquei uns 6 meses no corte e costura e pensei: não tô aprendendo nada! Aí eu saí e fui praticando, sabe? A gente vai fazendo, fazendo até que vai ficando bonitinho, ajeitadinho e a gente vê que deu certo! É assim, todo dia fazendo um pouquinho que a gente melhora nesse serviço e dá gosto de ver cada dia uma coisa mais bonita que a outra e ver que eu que costurei bonito daquele jeito e a cliente saiu satisfeita com aquilo (Cristiana, 24/11/2014).

A ligação com o saber se dá nas relações com quem sabe, especialmente no trabalho. Aquele que detém o saber o transfere a quem tem vínculo com ele por sua história, interesses e projetos. As costureiras elaboram os saberes que não são configurados como uma forma de se manterem no mercado de trabalho, indo além de uma tentativa de evitar o desemprego. Seus saberes envolvem conhecimentos técnicos e são parte do processo de produção, não se limitando ao espaço de trabalho, abrangendo outras esferas (ROSE, 2007).

Com relação a transmitir os saberes da costura a outras pessoas, todas foram unânimes em responder positivamente à pergunta formulada, sendo que Maria e Elis já ministraram aulas particulares para outras mulheres a procuraram em busca desse conhecimento. Já Cristina transmitiu o seu saber sobre costura apenas à filha e destaca que ela não leva esses ensinamentos adiante, por falta de interesse. Todas disseram que começaram a trabalhar em seus ateliês quando seus filhos já estavam maiores.

### 3.3.2. Transformações no trabalho de costureira em função do mercado

As costureiras mencionaram que, na década de 1990, quando iniciaram o trabalho remunerado de costura, as condições para aquisição de uma máquina eram muito difíceis. Relataram, ainda, mudanças na forma de trabalho, porque, inicialmente, elas confeccionavam peças inteiras, porque esse era a demanda mais frequente dos consumidores. Com a popularização dos grandes *magazines* e com a facilidade para se comprar roupas prontas, inclusive com sua forte expansão no interior, a reforma, o ajuste e a customização dessas peças, por ocasião da realização deste trabalho de campo, representavam a maior demanda:

comecei a ganhar dinheiro com a costura com 20 anos! Eu queria fazer roupa pra mim, mas acabou que eu vim trabalhar com costura para os outros porque eu tinha uma maquininha caseira e minha patroa tinha aquelas industriais na loja dela. Aí o que aconteceu: comecei a trabalhar com uma pessoa e depois vim pra cá que eu dei conta de comprar as máquinas que parece que ficaram mais fáceis de comprar... divide e vai pagando com o que vai recebendo do meu trabalho. Faz 9 anos que tenho este ateliê... mas fazia reforma em casa pros meus vizinhos na maquininha caseirinha mesmo (Elis, 14/11/2014).

Para Silva (2003), a tecnologia está associada à prática, aos novos produtos e à relação com todo o meio de produção, o que exige atualização constante do saber. O desenvolvimento de produto que gera comercialização é considerado uma tecnologia, por envolver conhecimento, prática e materiais. É nessa perspectiva que as costureiras trabalham com máquinas e, em seu cotidiano, se adaptam às novas mudanças e às necessidades que o mercado lhes impõe. Além de aprenderem a lidar com novos maquinários, mostram-se preocupadas em seguir as tendências de mercado, adquirindo, a cada dia, novos saberes. Uma das entrevistadas expõe, nestes termos, esses fatos:

Só fui aprender mesmo a usar a máquina industrial aqui no ateliê! Antes eu fazia com a caseira mesmo, mas dá uma diferença muito grande, fica mais bonito o trabalho... é que nem eu te disse outro dia da galoneira que a gente vai comprar, né? Tem que ter coisa boa pra trabalhar e coisa nova que deixa os clientes satisfeitos com o trabalho bem feito (Cristiana, 09/01/2014).

Do ponto de vista tecnológico, as costureiras não apresentam grandes inovações, mas obtêm conhecimento sobre suas atividades e noções de gestão, além de se tornarem detentoras de conjuntos de saberes que as tornam autônomas, em seus processos de trabalho, como fica evidenciado, de certa forma, no trecho do *corpus* transcrito a seguir:

já trabalho com costura há 25 anos! Mas eu vim pro Centro em 1990... lembro direitinho que era o Collor que tava no governo e lembro quando dei uma sorte danada que eu tinha acabado de tirar o dinheiro pra comprar uma máquina! Meu marido na época que a gente tava junto, foi comigo lá em Juiz de Fora comprar essa máquina que eu queria (Maria, 20/11/2014).

Maria e Elis sentiram necessidade de comprar máquinas industriais já no início de seus trabalhos como costureiras em ateliês. Cristiana, por sua vez, sentiu essa necessidade apenas quando se mudou para o centro da cidade, para trabalhar com suas colegas, porque, trabalhando em sua residência, utilizava máquina de costura doméstica, mas afirma que, com a máquina industrial, o trabalho fica mais profissional e mais rápido.

### **3.3.3. Mudanças no vestir e na localização: as novas implicações no trabalho das costureiras.**

A partir da afirmativa de Farias (2010, p. 2) de que a moda, apesar de lançar, a cada estação, um novo produto – ou seja: uma nova proposta de roupas –, o que acontece com aquelas peças que “saíram de moda” é que elas estão ao nosso redor, nos “corpos, museus ou brechós e perduram no tempo e espaço”. Isso mostra que elas têm significados, “com suas recordações, sentimentos e memórias”.

Seguindo a lógica de que as roupas têm significados e sentidos sociais para aqueles que as vestem e para as costureiras que trabalha(va)m em seus domicílios, tendo o trabalho da costura como naturalizado, por terem aprendido a costurar com algum membro da família. Observei que, quando abrem seus ateliês e passam a cobrar por seus serviços e a ter espaços específicos para desenvolver seus trabalhos, a atividade torna-se, ainda mais significativa para as costureiras, por acreditarem que, a partir daí, são vistas pela sociedade como trabalhadoras.

As experiências que as mulheres trabalhadoras trazem das suas atividades realizadas na esfera do trabalho reprodutivo, do trabalho dentro de casa, exercem impacto sobre a versatilidade e a multifuncionalidade do trabalho feminino decorrentes desses afazeres (NEVES, 2013).

Quando as costureiras entrevistadas iniciaram trabalhos de consertos, aproveitavam as mudanças decorrentes da abertura da economia, na década de 1990, no governo Collor, para ampliar seus negócios e seu público consumidor, sua clientela:

primeiro nós compramos o carro e depois compramos a máquina e foi uma sorte que uns dias depois o Collor prendeu nosso dinheiro todinho... imagina se eu não tivesse a máquina pra trabalhar. Eu pensei que fosse ficar sem cliente por que tava todo mundo sem dinheiro né? Mas aí as pessoas começaram a me procurar pra fazer conserto e muito conserto e depois parece que ficou mais fácil de comprar roupa, todo mundo achava roupa fácil, ia lá em Belo Horizonte comprar roupa nessas lojas maiores, sabe? Aí traziam pra mim, eu fazia uma bainha nas roupas novas e um cerzido na roupa velha (risos), era assim o dia todo e quando eu vi que as pessoas só queriam consertar a roupa eu achei bom demais que o dinheiro entra mais rápido e não fico lutando e pelejando com aquela peça a vida toda. O conserto é num instantinho, faz e pronto e o dinheiro tá na mão e eu pago minhas contas agora só com conserto (Maria, 20/11/2014).

Na década de 1990, Maria e Elis viram a oportunidade de abrir seus ateliês no centro de Viçosa, para que pudessem dar maior visibilidade ao seu empreendimento, por existir aí maior circulação de pessoas, bem como a facilidade de se buscar e levar roupas para serem consertadas. Por ter filhos pequenos, Cristiana, por sua vez, preferia ficar em sua residência, atendendo aos clientes de seu bairro, conforme relata:

eu nunca trabalhei com outra coisa! Sempre costurei... antes eu trabalhava em casa... há 15 anos que eu trabalho com conserto pra ganhar dinheiro... a gente pega gosto do trabalho... e tem 2 anos que eu tô nesse ateliê aqui. Antes era assim: ia na casa dos outros pra fazer a roupa, agora que não é assim, tem que ter um ateliê senão as pessoas não lembram de você, não te vê. Eu não gostava muito de conserto não! Quando eu ficava em casa eu comprava meu pano e fazia minha roupa, lá em casa precisava fazer uma coisa de conserto e só ia amontoando, mas hoje eu só gosto de fazer conserto, mais prático! Já compra a roupa pronta e não precisa pensar muito, é só experimentar... e se não ficar bom, ajusta... isso é rapidinho! Os clientes pararam de pedir pra fazer roupa também, um ou outro às vezes pedia e hoje ainda pede, pede pouco, muito pouco, aí eles foram pedindo só pra consertar e eu tive que me adaptar né? Pra ganhar meu dinheirinho e poder comprar as coisas pra casa sem depender de marido (Cristiana, 13/11/2014).

Ao observar o cotidiano dos ateliês em Viçosa, constatei que poucos clientes ainda encomendam uma peça de roupa exclusiva, cumprindo-me observar que, no contexto econômico e na conjuntura em que se encontra o Brasil, frequentemente fica mais barato comprar roupas prontas e ajustá-las do que mandar confeccioná-las. Elas afirmam que a facilidade que os clientes têm para comprar peças prontas que atendam às suas necessidades fez com que as encomendas de confecção de peças inteiras diminuíssem:

hoje eu ganho mais com conserto... aqui no centro é mais fácil trabalhar! As pessoas veem a gente, vão na loja e já passam aqui para fazer alguma reforma... e antigamente não era assim: era só fazer roupa e compra pano e faz a roupa e as vezes o cliente era chato e ficava fazendo aquele tanto de prova... com essas lojas de roupa abrindo, muita loja né menina? Muita loja mesmo e preço de tudo que é gosto... aí já vem pronta e a pessoa fica com a facilidade né? De fazer uma bainha ou colocar só uma manguinha ou fechar um pouco as laterais e a gente vai fazendo o que o cliente quer: se ele quer reforma a gente faz reforma, se quer roupa a gente faz! Mas não

pode ser roupa elaboradíssima demais que eu não pego pra não perder com os outros clientes que querem conserto que eu ganho mais com isso (Elis, 14/11/2014).

Embora Elis aceite encomendas para fazer peças únicas, prefere fazer reformas, porque, nesse caso, o trabalho e o retorno financeiro são mais rápidos; sendo assim, esses tipos de decisões nos levam a perceber como características sociais, culturais e profissionais expressas pelo trabalho das costureiras são construídas por meio de processos específicos de diferentes saberes e socialização. Em seu trabalho, a forma e as habilidades manual e mental são únicas de cada uma, tornando-as singulares. De acordo com Keller (2011), quando ocorre alguma mudança social, a identidade do trabalho que é feito manualmente pode ser modificada, porque depende de fatores econômico e cultural; ou seja: a costureira não faz uma peça para a cliente pensando apenas na beleza e em sua identidade, mas, também, em como será aceito no mercado e lhe trará lucro.

#### **3.3.4. A procura do consumidor pelo serviço em ateliês de costura**

Para esse estudo, voltei a campo, no intuito de entrevistar vinte clientes nos três ateliês onde realizou a sua pesquisa e entender como são absorvidos e usados os produtos e serviços e se é aceita ou rejeitada essa forma de trabalho das costureiras.

O mercado fez crescer o número de costureiras que fazem reformas e adaptações de roupas, devido à consolidação no mercado da oferta de roupas padronizadas industrialmente, já que pessoas têm corpos diferentes e as modelagens não atendem a todos os tipos de estrutura corporal.

Apesar de os clientes estarem sempre à procura de algo novo, de peças que não sejam iguais, muitos modificam roupas compradas e/ou já usadas não apenas por serem ou estarem (em função de aumento ou redução de peso corporal, por exemplo) grandes ou pequenas, mas, também, por desejarem destacar suas personalidades e seus gostos nas roupas padronizadas que vestem ou vestirão. De acordo com um dos entrevistados, as peças nunca saem do jeito que entraram:

tem que reciclar porque eles acham que tem só um manequim e não existe, tem gente gordinha, tem gente magrinha, mas eles fazem uma roupa padrão. Os corpos são diferentes e eles das confecções não entendem isso, então a gente compra roupas mesmo sendo justa ou larga porque não tem do meu corpo e a roupa usada é uma forma de economizar e tem roupa que eu gosto, tenho apego nela e não querem perder, entendeu? Tem roupa que marca uma situação ou as vezes fica bem no corpo

que pode ser velha mas eu quero usar e em algum caso que não serve mais eu dou um jeito de trazer pra Elis pra arrumar pra ficar do jeito que eu gosto e tem também as roupas que eu compro de marca, e não quero perder uma peça cara, aí trazendo aqui pra ela customizar, a peça sai do jeito que eu peço (Entrevistado 14, 14/04/2016).

Barbosa e Campbell (2006) e Capelassi (2010) afirmam que o vestuário implica comunicação e conforto, envolvendo relação de apego à peça. As considerações no momento em que se produzem as roupas deveriam ir além do natural e respeitar as características de cada indivíduo, mas não acontece no regime de produção de massa.

Atualmente, verifica-se busca constante por serviços de boa qualidade e de entrega rápida. Há pressa em relação ao serviço que está sendo ofertado, principalmente em relação ao vestuário, posto que, frequentemente, o cliente busca pelo serviço às vésperas de um evento em que usará a (s) peça (s). A costureira, então, ou recusa o serviço ou se desdobra para entregá-lo no prazo pedido. Para o consumidor, quando a costureira faz o serviço rapidamente, demonstra que faz bem o serviço e tem respeito e consideração pelo cliente.

Nas entrevistas com os clientes dos ateliês, constatei que elas valorizam o trabalho das costureiras e demonstraram, em suas falas, que veem a preocupação dessas profissionais em manter os clientes satisfeitos com seus serviços, mas, quando estão com pressa de ter uma roupa pronta, não se importam em pedir que reformem as roupas no mesmo dia:

ah, eu sempre tô tão corrida, não dá pra ficar vindo aqui um dia e voltar dois ou três dias depois, aí eu sempre peço pra buscar no mesmo dia, deixo aqui de manhã e pego a tarde, mas ela me conhece e sabe que pago direitinho e estou sempre aqui trazendo alguma coisa pra ela arrumar (Entrevistado 5, 14/04/2016).

O fato de os consumidores levarem sempre roupas para as costureiras no intuito de terem peças com aparência de novas ou reformadas/costumizadas para eventos sociais de fim de semana, faz com que acreditem que possam ser atendidas na hora em que desejam buscar as suas vestes. Os clientes, nesses casos, não levam em consideração a necessidade de tempo para prestar um serviço de qualidade e/ou de descanso da costureira, buscando estabelecer tão somente uma ligação objetiva entre consumidor e prestador de serviço, exigindo um trabalho de qualidade no tempo que impõem (PROST, 2012).

### 3.3.5. A procura das costureiras por clientes e fidelização.

A concorrência e a fidelização de clientes estão entre as estratégias das costureiras, objeto deste estudo. Quando o serviço é realizado de forma a suprir (ou superar) as necessidades e expectativas do cliente, é grande a chance de que ele se torne fiel à costureira, recorrendo a ela sempre que precisar do tipo de serviços que ela presta. Do contrário, ele procurará outra, esperando que ela o atenda prontamente, conforme as suas expectativas. Portanto, a costureira é uma profissional como qualquer outro que oferece um serviço ao cliente e, assim, procura se posicionar no mercado. A maioria tem, como auge profissional, o fato de ter tantos clientes quantos for capaz de atender. A costureira age de acordo com a realidade econômica e busca por uma clientela fiel, que procure por seus serviços e faça propaganda deles, ajudando-a a conquistar novos clientes e contribuindo para o aumento da sua receita. A fala transcrita a seguir evidencia isso:

aqui a divulgação é boca a boca, quando a gente agrada o cliente ele sempre volta e traz mais cliente junto que aí ele indica a gente e vai trazendo mais e assim a gente nunca fica parada, sempre tem gente nova entrando aqui, tem dia que a gente nem dá conta de fazer muita coisa de tanta gente que entra aqui pedindo algum conserto, uma customização, né? Tem gente que pede cartão mais a gente não precisa não, tá o telefone lá na placa (Maria, 13/10/2014).

De acordo com Yamashita e Gouvêa (2010), consumidores satisfeitos com serviços prestados tornam-se fiéis e são menos suscetíveis a procurar a concorrência, são menos sensíveis aos preços e, provavelmente, comentam com outras pessoas sobre o bom trabalho realizado pelo prestador do serviço.

As costureiras confirmam que os clientes gostam dos serviços prestados por elas, voltando sempre aos seus ateliês, com novas peças e elogiando os seus trabalhos. Essa relação com o consumidor é relatada, diversas vezes, com muita alegria, carinho e orgulho:

pra mim o melhor do trabalho é ver como a cliente fica satisfeita, vai lá experimentar e quando volta sorrindo aí que meu trabalho foi bem feito e depois que volta eu posso confirmar que a pessoa gostou, né? Confia no meu trabalho de costureira e me deixa muito feliz, a gente trabalha com gosto, feliz porque a gente só pode fazer o que ama, com amor tudo dá certo e a gente não passa por tristeza. Aqui com meu trabalho eu fico quietinha, chego e não mexo com a vida de ninguém, os clientes gostam de mim, eu gosto dos clientes e todo dia é assim, só alegria (Maria, 02/12/2014).

A confiança do cliente é um fator-chave para o sucesso de um profissional, e esse fato influenciará no momento da escolha do prestador de serviços. Afirma-se que, para tanto,



aquele que presta um serviço deve estar em contato constante com o cliente e, por isso, saber o que este deseja, o que constitui vantagem tanto para aquele que realiza o trabalho quanto para o consumidor (BARROS e ROCHA, 2009).

Para que os clientes tenham confiança nas costureiras, elas concordam que, tendo muito trabalho no dia ou durante a semana, não devem aceitar suas peças, se o trabalho tiver de ser feito ou reparado em regime de urgência, para que não façam trabalhos mal feitos e para que, depois, não se sintam desvalorizadas:

você vê que chega gente o tempo todo né, eu queria organizar minhas coisas aqui, mas não dá, quando eu tô apertada com muita coisa pra costurar não atendo ninguém senão a gente fica queimada aí, né? Eu prefiro não pegar e ser honesta com o cliente, porque ela vai ver que eu quero fazer bem o serviço do que pegar um monte de coisa e sair fazendo coisa errada nas roupas dos outros (Cristiana, 09/12/2014).

Tentando cultivar a confiança e a amizade nas relações com seus clientes, buscando sua fidelização, as costureiras dos ateliês por mim pesquisadas atuam por meio de estratégias pessoais e valores presentes em seu espaço social, tais como trabalhar com amor e realizar as tarefas com qualidade e capricho – fatores que fazem parte do conjunto de saberes que são fundamentais para essas trabalhadoras –, possibilitando-lhes acesso ao trabalho e permanência nele. Diante dessas ações comportamentais, obtêm melhor proveito das relações estabelecidas com o trabalho e com seus clientes e, assim, melhoram seus ganhos com o seu trabalho cotidiano e, dessa forma, também melhoram suas condições de vida e de seus familiares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizada a pesquisa, analisados os dados, considero que o trabalho dentro do ateliê é desenvolvido em diferentes modelos, sendo executado da melhor forma possível por todas as costureiras, mas há conciliações diferentes entre elas, quando precisam cuidar dos seus respectivos afazeres domésticos. Os trabalhos dessas profissionais seguem parâmetros similares, como carga horária flexível e o fato de realizarem consertos, ao invés de confeccionarem, integralmente, peças novas, o que lhes possibilita ter maior número de clientes, por se tratar de trabalhos mais rápidos e de maior rentabilidade. O fato de algumas trabalharem com outras costureiras colabora para que os seus horários de trabalho sejam ainda mais flexíveis, posto que, em seus horários de almoço ou de lanche, seus ateliês não precisam ser fechados.

Por serem autônomas e não recolherem contribuição para a previdência social (INSS), há perdas nesse tipo de trabalho informal, como a de falta de carteira assinada, de férias e do décimo-terceiro (salário), entre outras. Entretanto, o controle sobre o próprio trabalho e sobre o produto desse trabalho, a liberdade de horário e de gestão do tempo e a possibilidade criativa fazem com que as costureiras sintam alegria e conforto, exercendo o seu ofício nos ateliês.

Embora esses ateliês de costura sejam considerados como um dos suportes para a reprodução do capital, esse modo tem também a sua razão de existir, uma vez que o trabalhador cria estratégias para garantir a sua sobrevivência e a manutenção da sua família.

Essas mulheres que prestam serviços de ajustes e de customização são costureiras que se readaptaram às novas configurações do “mundo do trabalho”, que vislumbraram e encontraram, em seu trabalho, a possibilidade de ajudar financeiramente em casa, com o que foi aprendido, primeiramente, com membros femininos das suas famílias.

A distribuição das responsabilidades entre o trabalho de prestação de serviço e o trabalho desenvolvido no âmbito doméstico é diferente entre as costureiras. Apesar de ir para casa todos os dias e fazer o almoço, Elis gostaria que o seu marido e os seus filhos a ajudassem mais nas tarefas da casa. Já Cristiana demonstrou satisfação em fazer todo o serviço doméstico, podendo acompanhar de perto a rotina de seus filhos e, ao mesmo tempo, sustentar a sua casa com o dinheiro que recebe de seu trabalho no ateliê. Maria, por sua vez, está em outra fase, porque apenas a sua filha mais velha e a sua neta moram com ela; seus

outros dois filhos moram em outra cidade. Sendo assim, Maria faz suas refeições em seu ateliê ou em restaurantes próximos, e a sua filha cuida da casa.

A importância desse trabalho em suas vidas não diz respeito somente à manutenção financeira e organizacional de sua casa, mas, também, à sua valorização como pessoas e profissionais. A todo o momento, em suas falas, gestos e olhares, elas demonstraram o seu amor pela profissão e falavam com muito carinho do passado e de seus aprendizados na costura.

Como trabalhadoras femininas, as costureiras estão fortemente associadas a uma questão de domesticidade: a sua vida profissional está intimamente ligada às suas atividades domésticas e familiares.

O ambiente de trabalho, para todas elas, é de grande importância, porque é a forma pela qual acreditam fidelizar seus clientes e ter locais desejáveis para trabalhar, com satisfação, todos os dias. Por trabalhar sozinha, Elis faz toda a limpeza do ambiente onde trabalha; Cristiana, por sua vez, divide as tarefas com as outras duas colegas do ateliê, e Maria, apesar de fazer toda a limpeza do ambiente, tem uma colega que trabalha no mesmo local, mas não ajuda na sua limpeza e organização, gerando desconforto para ela, apesar de ela acreditar que não vale a pena o confronto com sua colega.

Quanto à organização das atividades relativas aos seus trabalhos nos ateliês, notei que, apesar das reclamações sobre levantarem, a todo o momento, para atender clientes, elas não desejam fazer mudanças para facilitar o andamento do trabalho, como por exemplo, estabelecer hora marcada para cada cliente e posicionar as peças mais próximas de si, para não terem de se levantar diversas vezes.

O mercado, as técnicas e o maquinário estão em constante modificação, e apenas o que foi aprendido não basta, havendo necessidade de aprendizagem continuada. Apesar de buscarem se modernizar, ainda visam, sobretudo, à qualidade das peças, e não à alta produtividade.

Com o passar dos anos, os instrumentos e as técnicas utilizadas na costura foram aprimoradas e as costureiras apresentam desenvolvimento em seu ofício. Os saberes e a busca por novas habilidades e conhecimentos marcam o trabalho das costureiras que têm facilidade para lidar com suas clientes e afazeres domésticos, conciliando trabalho dentro e fora de casa, com pleno domínio dos trabalhos que desenvolvem.

Em relação ao saber adquirido que envolve o grupo, há uma transmissão na forma de aprendizagem prática. A aprendizagem se dá no dia a dia, por intermédio da família ou do

colega de trabalho que ensina por meio do fazer, da ajuda e do olhar, na vivência experimentada.

O trabalho multifuncional, entendido como de múltiplas competências e habilidades, está associado aos trabalhos das costureiras que entendem todo o seu processo de produção: da compra do tecido até o produto acabado e pronto para uso. Embora haja uma tendência à separação da atividade e das máquinas, com segmentação, as costureiras entrevistadas detêm conhecimento do saber fazer uma peça por inteiro, sendo o seu trabalho categorizado como de natureza artesanal, embora prefiram os serviços de reforma e customização.

Atualmente, o consumidor busca por costureiras para que elas possam lhe proporcionar peças únicas, personalizadas e que tenham bom acabamento e ajuste ao seu corpo, seja por *status*, por conforto ou por questões individuais e de personalidade, buscando se destacar ou vestir uma peça de acordo com o seu tipo físico.

Os consumidores que buscam pelos serviços dessas costureiras são aqueles que precisam de consertos em suas roupas, porque, ao invés de jogá-las fora e comprar outras, as consertam e continuam usando, além de zelarem pelos valores emocionais atribuídos às peças, é uma forma de praticar economia. Além disso, há a questão da personalidade e da exclusividade, adequando-se a peça perfeitamente ao gosto de quem a comprou.

Com isso, o mercado do vestuário auxilia famílias no complemento da renda familiar ou na constituição de toda a sua renda, sendo a relação estabelecida costureira e cliente marcada por confiança. Observei preocupação com o tempo de entrega de peças nos prazos estipulados, visando-se, assim, garantir fidelização dos consumidores que procuram os serviços de costura em ateliês.

Concluí que as costureiras, além do aprendizado transmitido, de geração em geração, por suas mães, tias ou avós, também frequentaram cursos de corte e costura, na expectativa de realizarem melhor os seus trabalhos. As costureiras afirmam que a prática é a melhor forma de se aprender o seu ofício. O trabalho dentro do ateliê tem parâmetros que atendem às expectativas delas, como carga horária flexível e o fato de, muitas vezes, realizarem consertos, ao invés de confeccionarem peças novas, o que é visto como algo positivo, por lhes possibilitar maior número de clientes, com trabalhos mais rápidos e retorno financeiro imediato. As localizações dos seus ateliês também constituem estratégia para conquistar mais clientes.

Percebi uma contradição: apesar de os ateliês terem ganhado força após a Revolução Industrial e, atualmente, terem importância diante do processo de produção do vestuário que desconsidera as particularidades e as individualidades dos corpos – contexto característico do modo capitalista –, as costureiras, de certa forma, preservam determinados valores de trabalho próprios do processo artesanal, mesmo utilizando novas máquinas e equipamentos que facilitam a realização das suas atividades e não se ocupando de todo o processo produtivo de uma peça (características do modo de produção capitalista), elas, por vezes, valorizam o trabalho como um valor moral, em que a realização adequada da atividade espelha as suas capacidades e a sua satisfação pessoal.

Apesar de algumas limitações deste trabalho – motivadas, por exemplo, pela falta de literatura científica nesta área de trabalho em ateliês –, observei, nas falas dos clientes e das costureiras, interesse por peças com bom acabamento e, também, o apego que alguns clientes têm por suas peças de vestuário. Por serem seus ateliês de muito movimento, em alguns dias a pesquisadora não pôde permanecer nesses locais, a pedido das costureiras, por acreditarem que ela poderia atrapalhar o atendimento e a produção e, também, deixar os clientes menos à vontade. Isso foi contornado, em alguns momentos, quando, esta pesquisadora se colocou no lugar de cliente, deixando todos(as) mais tranquilos(as).

Minha pesquisa, cujo resultado registro nesta dissertação, não se encerra aqui, deixando margem para que novos estudos sejam realizados, abordando, por exemplo, a relação das costureiras com suas famílias, a distribuição de tempo no trabalho, a informalidade nos ateliês de costura de Viçosa, os saberes aprendidos pelas costureiras e o cotidiano das costureiras em seus ateliês de costura.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. *A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?* Orientadora: Maria Célia Paoli. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ABRAMO, Laís. Desigualdades de Gênero e Raça no Mercado de Trabalho Brasileiro. *Revista Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 4, out./dez. 2006. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

ALVES, Giovanni. *Dimensões da reestruturação produtiva - ensaios de sociologia do trabalho*. Bauru: Praxis, 2007. 288 p.

ALVES, Ana Elizabeth Santos. Fundamentos históricos da separação entre trabalho de homem e trabalho de mulher: algumas notas. *Revista HISTEDBR on-line*, Campinas, n. 41, p. 174-187, mar. 2011.

AMARAL JÚNIOR, José Carlos do. *Estudo da interação idoso e tecnologia no universo doméstico e sua relação com a autonomia*. Orientadora: Amélia Carla Sobrinho Bifano. 2013. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Departamento de Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.

AMORIM, Elaine Regina Aguiar. *No limite da precarização? Terceirização e trabalho feminino na indústria de confecção*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011. 218p.

ANTONELLO, Claudia Simone. Aprendizagem na ação revisitada e seu papel no desenvolvimento de competências. 2007. *Aletheia*, n.26, Canoas, dez. 2007.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 2000. 264 p.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.

\_\_\_\_\_. Século XXI: Nova Era da Precarização estrutural do trabalho? In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo, SP: Boitempo, 2009. p. 1-14.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 79-122.

ARAÚJO, Romilda Ramos; SACHUK, Maria Iolanda. Os Sentidos do Trabalho e suas Implicações na Formação dos Indivíduos Inseridos nas Organizações Contemporâneas. *Revista de Gestão*, USP, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, jan./mar. 2007. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/rege/article/viewFile/36590/39311](http://www.revistas.usp.br/rege/article/viewFile/36590/39311)>. Acesso em: 15 jan. 2016.

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Forense Universitária / Edusp, 2004. 456p.

AVELAR, Suzana. *Moda: globalização e novas tecnologias*. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. 180p.

ÁVILA, Maria B.; FERREIRA, Verônica (Org.). *Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres*. Recife: SOS Corpo Instituto Feminista para Democracia, Instituto Patrícia Galvão, 2014. 104p.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Trabalho e Consumo*. São Paulo: Ícone, 2000. 78p.

BALDIN, Nelma. *Snowball - Bola de Neve: Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária*. *Anais...* CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, 10., 2011, Curitiba, PR. *Anais...* Curitiba, PR: PUC Paraná, 2011.

BARBOSA, Rosângela Nair de Carvalho. *A Economia Solidária como política pública: uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil*. Orientadora: Maria Carmelita Yazbek. 2010. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Org.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

BARROS, Carla; ROCHA, Everardo. Lógica de consumo em um grupo das camadas populares: uma visão antropológica de significados culturais. In: ROCHA, A; SILVA, J. (Org.). *Consumo na base da pirâmide: estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 1-16.

BAUMGARTEN, Maíra; TEIXEIRA, Alex N.; LIMA, Gilson. Sociedade e Conhecimento: novas tecnologias e desafios para a produção de conhecimento nas Ciências Sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 401-433, maio/ago. 2007. Disponível em: <[w.w.scielo.br/pdf/se/v22n2/06.pdf](http://w.w.scielo.br/pdf/se/v22n2/06.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2016>. Acesso em: 10 mai. 2015.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 247p.

BIFANO, Amélia Carla Sobrinho. *Estudo da prática situada - uma contribuição metodológica para avaliação e concepção de produtos*. 1999. 180 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) - Escola de Engenharia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

BIFANO, Amélia Carla Sobrinho. O produto fala - uma discussão dos aspectos de comunicabilidade inerentes a satisfação de uso. CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO DE DESENVOLVIMENTO DE PRODUTO, 3., 2001, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, 2001. p. 25-27.

\_\_\_\_\_. *Um Estudo Ergonômico sobre a Sistemática de posicionamento"no Quadro de Concepção e Desenvolvimento de Produto*. Orientador: Laerte Idal Sznelwar. Coorientador: Pierre Falzon (Conservatoire National des Arts et Métiers, Paris). 2007. Tese (Doutorado em Engenharia) - Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado do papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *Pesquisa Participante*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 42-62.

BRAGA, João. *Reflexões sobre a moda*. v. I. 3. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 01 maio 1943. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm)>. Acesso em: 10 mai. 2015.

BRUSCHINI, M. C. A.; LOMBARDI, M. R. Trabalho, educação e rendimentos das mulheres no Brasil em anos recentes. In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Org.). *Organização, trabalho e gênero*. São Paulo: Senac, 2008. p. 42-87.

BRUSCHINI, Cristina. *Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?* (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, Rosa Maria B. da (Org.). *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios*. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFGM, 2000. 384p. p. 13-58.

\_\_\_\_\_; RICOLDI, A. M.; MERCADO, C. M. Trabalho e gênero no Brasil até 2005: uma comparação regional. In: COSTA, A. O.; SORJ, B.; BRUSCHINI, C.; HIRATA, H. (Org.). *Mercado de Trabalho e Gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008. p. 15-34.

CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e Processo de Informalidade. *Revista Economia e Sociedade*, Campinas, SP, n. 14, p. 153-174, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/docdownload/publicacoes/instituto/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008. 416p

\_\_\_\_\_, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Tradução de Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

CAPELASSI, Carla Hidalgo. *Metodologia projetual para produtos de moda e a sua interface com as tabelas de medidas do vestuário*. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, 2010.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. (Im)precisões sobre a categoria superexploração da força de trabalho. In: ALMEIDA, FILHO, Niemeyer. *Desenvolvimento e dependência: Cátedra Ruy Mauro Marini*. Brasília: IPEA, 2013. p. 71-98.



CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 11. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

COLARES, Lucélia Granhen Tavares. *Processo de trabalho, saúde e qualidade de vida no trabalho em uma unidade de alimentação e nutrição: uma abordagem qualitativa*. 165 p. 2005. Orientador: Carlos Machado de Freitas. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.

CORAGGIO, José Luis. Los caminos de la economía social y solidaria. Presentación del dossier. *Iconos - Revista de Ciencias Sociales*, Quito, n. 33, p. 29-38, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=50903303>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

COSTA, Ana Alice; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; PASSOS, Elizete Silva. *Gênero e Diversidade na Gestão Educacional*. Salvador: UFBA - NEIM, 2011. 128p. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

CRANE, Diana. *A Moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Senac, 2006. 530p

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DANIELLOU, François; LAVILLE, Antoine; TEIGER, Catherine. Ficção e realidade do trabalho operário. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, v. 17, n. 68, p. 7-13, 1989.

DEJOURS, Christophe. A psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. In: MENDES, A. M.; CRUZ, S. C.; FACAS, E. P. (Org.). *Diálogos em psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo 15, 2007. p. 13-26.

DELORS, Jacques. *Os quatro pilares da educação*. Disponível em: <[https://lucianoaferreira.files.wordpress.com/2009/05/4pilares-net\\_text-cont\\_delors-pilares.pdf](https://lucianoaferreira.files.wordpress.com/2009/05/4pilares-net_text-cont_delors-pilares.pdf)>. Acesso em: 08 fev. 2010.

DUARTE, Newton. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. *Caderno CEDES*, v. 24, n. 62, p. 44-63, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20091.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *O debate contemporâneo das teorias pedagógicas*. 2007. (Texto digitalizado).

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. *Entre a igualdade e a distinção: a trama social de uma grande empresa corporificada no uniforme de trabalho*. Orientadora: Heloísa André Pontes. 2010. 326 f. Tese de (Doutorado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

FELIZARDO, Jean Mari. Capitalismo, organização do trabalho e tecnologia da produção e seus impactos na qualificação da força de trabalho. *Revista Labor*, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, n. 3, v. 1, 2010.

FÉRES-CARNEIRO, Tererzinha. *Entrevista Familiar Estruturada - EFE: um método clínico de avaliação das relações familiares*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza Leme. *Construindo o conceito de competência*. São Paulo: RAC, Edição Especial, p. 183-196, 2001.

FRANÇA, Ana Letícia; SCHIMANSKI, Édina. Mulheres, Trabalho e Família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. Parte da pesquisa de Especialização, Serviço Social, UEPG, Ponta Grossa, PR - *Revista Emancipação de Serviço Social de UEPG*, v. 9, p. 65-78, 2009. Disponível em: <<http://www.uepg.br/emancipacao>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

FREIRE FILHO, João. Sonhos de grandeza: o gerenciamento da vida em busca da alta performance. In: \_\_\_\_\_; COELHO, Maria das Graças Pinto (Org.). *A promoção do capital humano: mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 27-50.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREITAS, Alair Ferreira de; FREITAS, Alan Ferreira de. Representações sociais do trabalho artesanal: um estudo de caso de uma associação de artesãos em Viçosa, Minas Gerais – Brasil. *Revista Serviços Social*, Londrina, PR, v. 13, n. 1, p. 43-66, dez. 2010.

FREITAS, Taís V. A Flexibilização da Jornada de Trabalho e seus Impactos sobre a Vida das Trabalhadoras Inseridas no Setor de Teletendimento. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia - v. 25, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

GIUBERTTI, Adriana Maria. O Caráter Multifacetário Inerente ao Ato de Trabalhar. *E-Revista Facitec*, v. 1 n. 1, art. 4, 2007.

GRESSLER, Elisa Pereira. *Iniciação à pesquisa: projetos e relatórios*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. 295p.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Tradução de Fátima Murad. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

HIRATA, Helena. As mudanças no mundo do trabalho: gênero e formação humana. *Outras Falas. Revista de Formação Escola*, CUT, n. 3, 2000.

HIRATA, Helena. *Nova Divisão Sexual do Trabalho? Um olhar voltado para a empresa e para a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.

HIRATA, Helena. *Organização, trabalho e gênero*. São Paulo: Ed. Senac, 2007.

HOLLANDER, Anne. *Sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Tradução de Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2010.

IIDA, Itiro. *Ergonomia: projeto e produção*. São Paulo: E. Blusher, 2005.

JAKOBSEN, Kjelde; MARTINS, Renato; DOMBROWSKI, Osmir. (Org.). *Mapa do Trabalho Informal: perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo*. São Paulo: CUT, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. (Coleção Brasil Urgente).

JOB, Fernando Pretel Pereira. *Os Sentidos do Trabalho e a Importância da Resiliência nas Organizações*. Orientadora: Maria Ester de Freitas. 2003. 242 f. Tese (Doutorado Administração) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2003.

KELLER, Paulo Fernandes. Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios. Sociedade e Cultura. *Revista de Pesquisas e Debates em Ciências Sociais*, Universidade Federal de Goiás, v. 14, n. 1, p. 29-40, 2011.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo In: HIRATA, Helena, LABORIE, Françoise, LE DOARÉ, Hélène, SENOTIER, Danièle (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

KOVALSKI, Mara Luciane; OBARA, Ana Tiyome; FIGUEIREDO, Márcia Camilo. Diálogo dos saberes: o conhecimento científico e popular das plantas medicinais na escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2011, Campinas, SP. *Anais...* Rio de Janeiro: ABRAPEC, 2011.

KUSCHNIR, Elisa; ANASTASSAKIS, Zoy. As noções de criatividade no desenvolvimento das obras suspensas de crochê do artista Ernesto Neto. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DESIGN, *Anais...* Cidade: Editora, 2013.

LAGE, Ana Lúcia. *COGNIÇÃO SOCIAL E APRENDIZAGEM SITUADA, RELACIONAL E PROCESSUAL*. In: Telmo Caria e Vera Lúcia Bueno Fartes. (Org.). *Formação e Trabalho Profissional Relacional*. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2013, v. 1, p. 1.

LAGE, Ana Lúcia. A Cognição Social e a Aprendizagem Situada em Jean Lave. 2012. (Apresentação de Trabalho/Seminário no ACTA 2012 – Semana de Arte, Cultura, Ciência e Tecnologia, Salvador/BA, 2012.

LAYER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEITE, Márcia de Paula; ARAÚJO, Ângela Carneiro; LIMA, Jacob; HOLZMANN, Lorena. *A Crise do Trabalho e as Experiências de Geração de Emprego e Renda: as distintas faces do trabalho associado e a questão de gênero*. Sociologia, Campinas, 2011. Disponível em: <[www.ifch.unicamp.br/gptrabalho](http://www.ifch.unicamp.br/gptrabalho)>. Acesso em: 16 jan. 2015.

LELIS, Juliana Lopes. O comércio informal de Viçosa (MG) e suas diferentes finalidades para as famílias envolvidas. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, Viçosa, v. 22, n. 2, p. 67-87, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/oikos/index.php/httpwwwseerufvbrseeroikos/article/view/24>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. Antropologia do Consumo: a trajetória de um campo em expansão. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, ANPOCS, n. 56, p. 93-108, 2. sem. 2003.

LIMA, Jacob Carlos. Trabalho, autogestão e mercado. *Cadernos CRH*, Salvador, v. 19, n. 46, 2006. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewissue.php?id=2>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

\_\_\_\_\_, Jacob Carlos. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? *Sociologias*, Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 12, n. 25, set./dez. 2010.

\_\_\_\_\_, Jacob C.; SOUZA, André R. Trabalho, Solidariedade Social e Economia Solidária. *Revista Lua Nova*, São Paulo, n. 93, p. 139-168, 2014. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ln/n93/06.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ln/n93/06.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOUREIRO, Armando Paulo Ferreira. *O trabalho, o conhecimento, os saberes e as aprendizagens dos Técnicos de Educação de Adultos numa ONGDL: contribuições etnográficas para uma renovação da sociologia da educação*. Orientadores: Cristóvão, Artur Fernando Arêde Correia Caria, Telmo Humberto. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2006.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013. 128 p.

MACARENCO, Isabel. *GESTÃO COM PESSOAS – Gestão, COMUNICAÇÃO e Pessoas: Comunicação como competência de apoio para a Gestão alcançar resultados*. 233f. Orientadora: Sidinéia Gomes Freitas. 2006. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Universidade de São Paulo- USP, 2006.

MACHADO, Chaliton J. S.; SANTIAGO, Idalina M. F. L.; NUNES, Maria L. S. (Org.). *Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

MAGGI, Bruno. *Trabalho, tecnologia e organização*. São Paulo: Blucher, 2007.

MALERONKA, Wanda. *Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher*. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

MARIANO, Maria Luiza Veloso. *Da construção à desconstrução: a modelagem como recurso criativo no design de moda*. 139f. Orientadora: Kathia Cunha Castilho. 2011. Dissertação (Mestrado em *Design*) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2011.

MARQUESAN, Fábio Freitas Schilling; FIQUEIREDO, Marina Dantas de. De artesão a empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 15, n. 6, Edição Especial, p. 76-97, 2014. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/7096>>. Acesso em> 19 mai. 2016.

MARTINELLI, Alberto. O contexto do empreendedorismo. In: MARTES, A. C. B (Org.). *Redes e Sociologia Econômica*. São Carlos: EdUFSCar, 2009. p. 207-237.

MARTINS, Márcia Martins; EIDT, Nádia Mara. Trabalho e Atividade: categorias de análises na psicologia histórico-cultural no desenvolvimento. *Psicologia em Estudos*, Maringá, v. 15, n. 4, out/dez 2010. Disponível em: <[www.scielo.br/readcube/epdf](http://www.scielo.br/readcube/epdf)>. Acesso em: 19 maio 2016.

MARTINS, Sônia M. P. C.; FERNANDES, Elsa M. S. Robots Como Ferramenta Pedagógica nos Primeiros Anos da Aprendizagem Como Participação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 20, n. 61, abr.-jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n61/1413-2478>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 126-147.

MATSUO, Myrian. *Trabalho Informal e Desemprego: desigualdades sociais*. Orientador: Sedi Hirano. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. 370p.

MENDONÇA, Elaine Cristina. *A Divisão Sexual do Trabalho no Espaço Doméstico: um estudo preliminar com mulheres pertencentes à burguesia e ao proletariado*. 2009. 70 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MENEZES, Izabel Dantas de. Educação e Contemporaneidade. *Revista da FAEEBA*, Salvador, v. 19, n. 34, p. 1-234, jul./dez. 2010.

MICHAUD, Claude. Modelos e conhecimento. In: TARAPANOFF, Kira. *Inteligência, informação e conhecimento*. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006. p. 211-240.

MICHETTI, Miqueli. *A lógica social da moda*. Apontamentos para uma teoria crítica da cultura de consumo UNESP/SP. Orientador: Renato Bueno Franco. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de São

Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bar/33004030017P7/2006/michetti\\_m\\_me\\_arafcl.pdf](http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bar/33004030017P7/2006/michetti_m_me_arafcl.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio da Pesquisa Social. In: DESLANDES, Suely F. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 25. ed. revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-30.

MORAES, Paulo Ricardo Silva de. Terceirização e precarização do trabalho humano. *Revista do Tribunal Superior do Trabalho - TST*, Brasília, v. 74, n. 4, p. 148-168, out./dez. 2008. Disponível em: <[http://aplicacao.tst.jus.br/dspace/bitstream/handle/1939/5381/2008\\_revista\\_tst\\_v74\\_n4.pdf?sequence=5](http://aplicacao.tst.jus.br/dspace/bitstream/handle/1939/5381/2008_revista_tst_v74_n4.pdf?sequence=5)>. Acesso em: 18 fev. 2015.

MOSER, Alvino. *Formação docente em comunidades de prática*. Revista Intersaberes, Curitiba, a. 5, n.10, p.210-244, jul./dez. 2010.

NARDI, Antônio Egídio. Algumas notas sobre uma perspectiva histórica do transtorno de pânico. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, p. 154-160, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0047-20852006000200010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0047-20852006000200010&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 10 jan. 2016.

NASCIMENTO, José Luís Rocha Pereira. *Influência do Comprometimento Organizacional nas Estratégias Comportamentais, Medidas pelo Comprometimento com os Objectivos e pela Satisfação Global com o Trabalho*. Orientador: Albino Lopes. 2010. Tese (Doutorado em Gestão - Especialidade em Organização e Desenvolvimento de Recursos Humanos) - ISCTE - Business School, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. 2010. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/4370/1/Tese>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 37, n. 2, p. 607-625, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/15.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (Org.). *Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niterói: Alternativa, 2013. Disponível em: <[http://www.cnph.embrapa.br/organica/pdf/mulheres\\_camponesas.pdf](http://www.cnph.embrapa.br/organica/pdf/mulheres_camponesas.pdf)>. Acesso em: 10 fev., 2015.

NEVES, Magda de Almeida. Reestruturação produtiva, qualificação e relações de gênero. In: M. I. B. da Rocha (Org.). *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios* Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP, CEDEPLAR/UFMG; São Paulo: Editora 34, 2000. p. 171-185.

NEVES, Magda de A.; PEDROSA, Célia M. Gênero, Flexibilidade e Precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 11-34, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

NORONHA, Eduardo G. Informal, ilegal e injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 53, out. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n53/18081.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

OIT, Organização Internacional do Trabalho. Dados de catalogação da OIT. *Igualdade de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios*/Organização Internacional do Trabalho. Brasília: Organização Internacional do Trabalho - OIT, 2010.

OLIVEIRA, Márcio André Araújo. *Trabalho Informal e Redes Sociais: os camelôs da Praça da Matriz em Manaus*. 2009. 187 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciencia Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

PACHECO, Ana Lúcia Paes de Barros. *Mulheres pobres e chefes de família*. Orientador: Maria Lúcia Rocha-Coutinho. 2005. 260f. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia) - Departamento de Ecologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PEREIRA, Cibélia Aparecida. *Análise do processo de trabalho das indústrias de confecções da região de Londrina - PR*. Orientador: Ariovaldo Oliveira Santos. 2006. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina, PR, 2006.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PICANÇO, Felícia Silva. Amélia e a mulher de verdade: representações dos papéis da mulher e do homem em relação ao trabalho e à vida familiar. In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 149-173.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. 555 p.

PRADO, Luiz André do; BRAGA, João. *História da Moda no Brasil: das influências às autorreferências*. 2. ed. São Paulo: Disal, 2011.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). *Relatório do Desenvolvimento Humano. Combater as Alterações Climáticas: solidariedade humana num mundo dividido*. Relatório. Coimbra, Portugal, 2008. Disponível em: <[www.pnud.org.br/hdr/arquivos/RDHglobais/hdr2007](http://www.pnud.org.br/hdr/arquivos/RDHglobais/hdr2007)>. Acesso em: 24 jun. 2016.

PROST, Antoine; VICENT, Gérard. *História da Vida Privada 5: da primeira guerra a nossos dias*. Tradução de Denise Bottmann e Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p.13-135.

REGO, Márcio Waked de Moraes. *A Contribuição do Comércio Justo de Produtos Artesanais para o Desenvolvimento Local Sustentável: Um Estudo dos Grupos Produtivos das Cidades de Camaragibe e Gravatá em Pernambuco*. Orientador Luiz Márcio de Oliveira Assunção. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável) - Faculdade de Ciências da Administração de Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

ROBBINS, Stephen P. *Comportamento Organizacional*. Tradução de Reynaldo Cavalheiro Marcondes. 14. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

ROCHA, Sandra R. A.; MENDES, Ana M.; MORRONE, Carla F. Sofrimento, distúrbios osteomoleculares e depressão no contexto do trabalho: uma abordagem psicodinâmica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 379-394, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v12n2/v12n2a04.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2016.

RODRIGUES, Nedson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. *Revista Educação e Sociedade*, v. 22, n. 76, out. 2001. Belo Horizonte, UFMG, 2001. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101)>. Acesso em: 29 jan. 2015.

RORIZ, Priscilla Carvalho de Oliveira. *O trabalho do Artesão e suas interfaces culturais-econômicas*. Orientador: Cláudio Vaz Torres. 2010. 197f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ROSE, Mike. *O saber no trabalho: valorização da inteligência do trabalhador*. Tradução de Renata Lúcia Bottini. São Paulo: Senac, 2007.

ROSSI, Elizabeth Zulmira. *Reabilitação e Reinserção no Trabalho de Bancários Portadores de LER/DORT: análise psicodinâmica*. Orientadora: Ana Magnólia Mendes. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, 2008.

SALIBA, Elias Thomé. A hora modernista que não passou. *Entrelivros*, São Paulo, v. 2, p. 56-59, 2009.

SANTINELLO, Jamile. *A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos*. *Revista de Estudos da Comunicação*, Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, n. 28, maio/ago. 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/Master/Downloads/comunicacao-5801.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2016.

SANTOS, Eloísa Helena. Ciência e Cultura: Uma Outra Relação entre Saber e Trabalho. *Anais...* In: *Trabalho e Educação*, Belo Horizonte, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, n. 7, p. 119-130, 2000.

\_\_\_\_\_. Eloísa Helena. Trabalho Prescrito e Real no Atual Mundo do Trabalho. *Revista Educação e Trabalho*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, n. 1, fev./jun. 1997. Disponível em: <[www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/953/831](http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/953/831)>. Acesso em: 15 jan. 2016.

SANTOS, Ivamilton Nonato Lobato dos. Saberes da tradição na produção de brinquedos de Miriti - Patrimônio Cultural. *Revista Educação, Cultura e Sociedade*, Sinop, MT, v. 2, n. 2, p. 63-77, 2012. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educacao/article/view/673>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

SANTOS, Thiago de Souza. *Desenvolvimento local e artesanato: uma análise de dois municípios de Minas Gerais*. 2012. Dissertação (Mestrado em Administração) - Departamento de Administração, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2012.



SAVIANI, Dermeval. Educação e trabalho artesanal. In: RUGIU, Antonio Santoni. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. p. 1-10. (Coleção Memória da Educação)

SAVIANI, Demerval. Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, Unicamp, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/rbedu](http://www.scielo.br/pdf/rbedu)>. Acesso em: 28 abr. 2016.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. Tradução de Clóvis Marques. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_, Richard. *Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2004. p.51-170.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, p. 60-70, jul./ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2015.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o vestuário e o trabalho femininos na Europa Ocidental, nos séculos XII e XIII. In: LESSA, Fábio de Souza; SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (Org.). *História e trabalho: entre artes e ofícios*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 97-110.

SILVA, Elizabeth Bortolaia. Tecnologia e vida doméstica nos lares. *Cadernos Pagu*, v. 10, p. 21-52. 1998.

SILVA, Flávia Leão Almeida. *Trabalho artesanal e suas inter-relações com o universo doméstico: estudos de caso em Viçosa, MG*. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Departamento Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, 2014.

SILVA, José Carlos Teixeira. Tecnologia: novas abordagens, conceitos, dimensões e gestão. *SciELO Prod.*, v. 13, n. 1, São Paulo 2003. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php](http://www.scielo.br/scielo.php)>. Acesso em: 20 abr. 2016.

SILVA, Susana M. V.; SPOLLE, Marcus V. O Trabalho Feminino nas Fábricas de Conserva de Pescado: a permanência de uma exploração laboral. Nueva série de Geo Crítica. Cuadernos Críticos de Geografía Humana, Universidad de Barcelona, ES - *Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. XVIII, n. 464, 10 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-464.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e Práticas de Conciliação entre Trabalho e Família no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v. 37, n. 132, p. 573-594, 2007.

SORJ, Bila. Trabalho remunerado e não-remunerado. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Org.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004a. p. 107-120.

SORJ, Bila. *Trabalho e responsabilidades familiares: um estudo sobre o Brasil*. Relatório final. Rio de Janeiro: OIT, 2004b. Disponível em: <[http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/trabalhoresponsabilidadesfamiliares\\_bilasorj.pdf](http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/trabalhoresponsabilidadesfamiliares_bilasorj.pdf)>. Acesso em: 24 jul. 2015.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *As mulheres e a história: uma introdução teórico-metodológica*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012. 144p.

TEIXEIRA, Tatiana Silva. *Identidades femininas e trabalho doméstico: um estudo de caso com mulheres migrantes do bairro Santo Antônio, Viçosa - MG*. 2015. 139f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Departamento de Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.

TODAI JÚNIOR, Wanderley. *O trabalho entre as necessidades e a liberdade: Ontologia e emancipação na tese do livro III de O Capital, de Karl Marx*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

VALLE, Camila Oliveira. *Gênero e Classe: o ser mulher trabalhadora*. COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS, 6., 2009. Niterói, Ciências Políticas, Universidade Federal Fluminense, 2009. Disponível em: <[www.ifch.unicamp.br/formularioecemarx/selecao/trabalhos/genero](http://www.ifch.unicamp.br/formularioecemarx/selecao/trabalhos/genero)>. Acesso em: 11 mar. 2015.

VARGAS, Juliano. *A Informalidade no Mercado de Trabalho: um desafio institucional permanente para a economia brasileira*. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

WORLD HEALTH ASSOCIATION. Division of Mental Health. *Qualitative Research for Health Programmes*. Geneva: World Health Association - WHA, 1974.

YAMASHITA, Sandra Sayuri; GOUVÊA, Maria Aparecida. *Marketing de Relacionamento: Importância e Implicações no Mercado Consumidor*. RAM - Revista de Administração Mackenzie, São Paulo, v. 8, p. 103-124, 2007. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/146>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

ZANOTI, Luiz Antônio Ramalho. *A Função Social da Empresa Como Forma de Valorização da Dignidade da Pessoa Humana*. 2006. 240 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito - Universidade de Marília, Marília, SP, 2006.

ZARIFIAN, Philippe. *Objetivo competência: por uma lógica*. Tradução de Maria Helena C. V. Trylinski. São Paulo: Atlas, 2001. 198p.

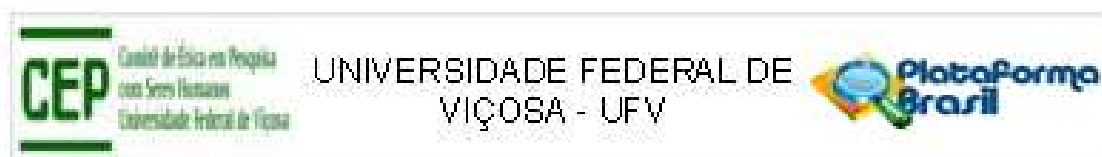
ZATTI, Vicente. *Autonomia e Educação em Immanuel Kant e Paulo Freire*. Publicação Eletrônica, Z38a, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. Disponível em: <[www.pucrs.br/edipucrs/](http://www.pucrs.br/edipucrs/)>. Acesso em: 30 jan. 2015.

**SITES CONSULTADOS**

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. <http://www.ipea.gov.br/>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://www.ibge.gov.br/>

## ANEXO A – Comprovante de Envio do Projeto do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa - UFV



### COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: **COSTURANDO SABERES: UM ESTUDO SOBRE SIGNIFICADOS DO TRABALHO INERENTE AO OFÍCIO DE COSTUREIRA EM VIÇOSA - MG.**

Pesquisador: **Amélia Carla Sobrinho Brito**

Versão: **2**

CAAE: **347.48714.9.0000.5.153**

Instituição Proponente: **Departamento de Economia Doméstica**

#### DADOS DO COMPROVANTE

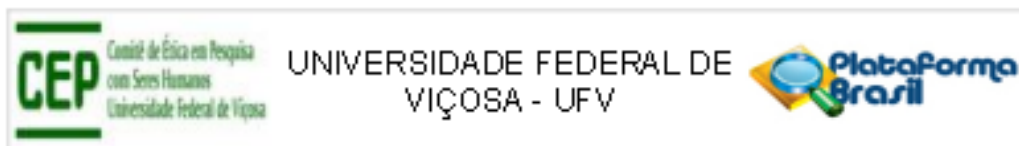
Número do Comprovante: **068995/2014**

Patrocinador Principal: **Financiamento Próprio**

Informamos que o projeto **COSTURANDO SABERES: UM ESTUDO SOB RESIGNIFICADOS DO TRABALHO INERENTE AO OFÍCIO DE COSTUREIRA EM VIÇOSA - MG.** que tem como pesquisador responsável **Amélia Carla Sobrinho Brito**, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal de Viçosa - UFV em **14/08/2014 às 09:12.**

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida P.H. Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes  
 Bairro: Campus Universitário CEP: 36.570-900  
 UF: MG Município: VIÇOSA  
 Telefone: (31) 359-2492 E-mail: cep@ufv.br

## ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa - UFV



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** COSTURANDO SABERES: UM ESTUDO SOBRE SIGNIFICADOS DO TRABALHO INERENTE AO OFÍCIO DE COSTUREIRA EM VIÇOSA - MG.

**Pesquisador:** Amélia Carla Sobrinho Brito

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 34748714.9.0000.5153

**Instituição Proponente:** Departamento de Economia Doméstica

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 920.837

**Data da Relatório:** 04.03.2015

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de mestrado. Como estudo de caso investiga-se sobre o saber e o significado do trabalho de costureiras do município de Viçosa e que têm seus próprios ateliês.

#### Objetivo da Pesquisa:

**Objetivo Primário** é assim expresso:

"O objetivo geral desta pesquisa é estudar o ofício e o cotidiano de costureiras que possuem ateliês de customização das peças do vestuário e o significado deste trabalho para si e para seus consumidores."

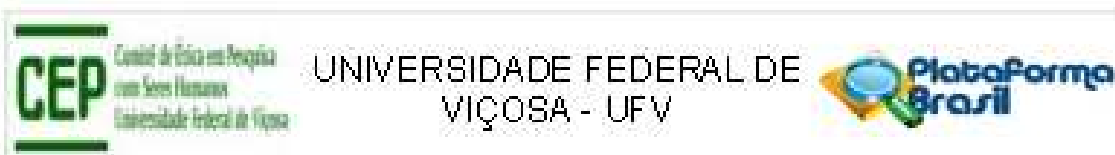
#### Como objetivos secundários:

"Caracterizar socialmente as costureiras; Compreender como se desenvolve o trabalho das costureiras nos ateliês; Analisar o significado deste trabalho em sua vida cotidiana; Estudar a construção dos saberes relacionados aos ofícios por essas mulheres; Compreender o significado deste serviço para os consumidores que os buscam."

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Sem problemas éticos.

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Edifício Arthur Bernardes, piso inferior  
 Bairro: Campus Universitário CEP: 36.570-900  
 UF: MG Município: VIÇOSA  
 Telefone: (31)3899-2492 Fax: (31)3899-2492 E-mail: cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 020/037

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Sem comentários de natureza ética.

**Considerações sobre os Termos de Apresentação Obrigatória:**

Apresenta todos os necessários.

**Recomendações:**

Quando da coleta de dados, o TCLE deve ser elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao ser entregue, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela(s) pessoa(s) por ele delegada(s), devendo as páginas de assinaturas estar na mesma folha.

Não é necessário apresentar os TCLEs assinados ao CEP/UFV. Uma via deve ser mantida em arquivo pelo pesquisador e a outra é do participante da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modo disponível no site do CEP/UFV). Somente após sua aprovação, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos.

Projeto avaliado durante a 7ª reunião de 2014.

VICOSA, 18 de Dezembro de 2014.

Assinado por:  
Neuza Maria da Silva  
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Edifício Arthur Bernardes, - pelo anexo  
Bairro: Campus Universitário CEP: 36.570-900  
UF: MG Município: VICOSA  
Telefone: (31) 3299-2492 Fax: (31) 3299-2492 E-mail: cep@ufv.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
VIÇOSA - UFV



Continuação do Processo: 02.0.0317

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Edifício Arthur Bernardes, 350-900  
Bairro: Campus Universitário CEP: 35.570-900  
UF: MG Município: VIÇOSA  
Telefone: (31) 3593-2492 Fax: (31) 3593-2492 E-mail: cep@ufv.br

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Cara Senhora,

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa “Costurando saberes: Um estudo sobre significados do trabalho inerente ao ofício de costureira em Viçosa – MG”. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e caso existam dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

A proposta da pesquisa é estudar o ofício e o cotidiano de costureiras que possuem ateliês de customização das peças do vestuário e o significado deste trabalho para si e para seus consumidores, através das costureiras donas de ateliês de costura que trabalham no bairro Centro.

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar pela minha própria vontade, com a finalidade de colaborar com o sucesso da pesquisa, sendo esclarecido que o uso das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) de acordo com a Resolução CNS 466/2012. Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo que se justifica por ocorrerem mudanças ao longo da história do trabalho feminino e no feitiço do vestuário que fizeram um novo ofício de costura ser criado, a de customização de roupas, acreditando que esta nova forma de trabalho está em evidência, chama atenção para esta pesquisa.

Fui informada que estarei livre em recusar, retirar meu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento.

Participarei como voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Os pesquisadores não tratarão de minha identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados a mim e permanecerão confidenciais. Meu nome ou material que identifique a participação não será liberado sem minha permissão. Não serei identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento será fornecida à voluntária e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Poderei escolher um nome fictício para preservar minha identidade e, ao mesmo tempo, possibilitar-me reconhecer no estudo. De toda forma, as gravações que serão feitas serão transcritas e, juntamente com a mídia e o diário de campo ficarão arquivados com o pesquisador, podendo ser disponibilizados somente ao participante. Os dados obtidos serão utilizados somente para fins acadêmicos. Os meios e formas de publicação serão através de periódicos e comunicação em eventos científicos, onde obedecerão aos procedimentos de preservação da privacidade, conforme descritos acima.

Em caso de dúvidas posteriores não esclarecidas adequadamente pelo pesquisador responsável, e ou em caso de discordância com procedimentos ou irregularidades de natureza ética, poderei buscar auxílio junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – CEP/UFV, no seguinte endereço e/ou contatos:

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior, Campus UFV, Viçosa – MG

Telefone (31)3899-2492

E-mail: [cep@ufv.br](mailto:cep@ufv.br)

Site: [www.cep.ufv.br](http://www.cep.ufv.br)

Viçosa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.



---

Pesquisador Responsável  
Prof.ª Dr.ª Amélia Carla Sobrinho Bifano  
(Orientadora)  
Telefone: (31) 3899-1645  
Email: [abifano@ufv.br](mailto:abifano@ufv.br)

---

Clarissa Alves de Novaes  
(Mestranda)  
Telefone: (32) 883 72627  
Email: [clarissanovaes@ficsudestemgedu.br](mailto:clarissanovaes@ficsudestemgedu.br)

---

Participante da pesquisa e/ou responsável  
Contato: